

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Marianne Ramos Feijó

**A família e os projetos sociais voltados para jovens:
impacto e participação**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Marianne Ramos Feijó

**A família e os projetos sociais voltados para jovens:
impacto e participação**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Tese apresentada à banca examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

SÃO PAULO

2008

FEIJÓ, Marianne Ramos.

A família e os projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação/ Marianne Ramos Feijó; orientadora Prof^ª. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo. – São Paulo: PUC São Paulo, 252fls. 2008.

Tese (Doutorado) – Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marianne Ramos Feijó. *A família e os projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação.*

Tese apresentada à banca examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Nome: _____ Assinatura: _____

Instituição: _____

“Meus sinceros agradecimentos a uma grande rede de pessoas que legitima o meu trabalho e que muito o enriquece, especialmente à Profa.Dra.Rosa Maria Stefanini de Macedo, aos entrevistados, e ao CNPQ, sem os quais este não seria possível.”

Marianne Ramos Feijó

“O jovem quer participação, não só bronca”.
EB, entrevistada, mãe e avó de jovens.

“Trabalho é saúde. É vida”.
EB, entrevistada, mãe e avó de jovens.

FEIJÓ, Marianne Ramos. *A família e os projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação*.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco o estudo de projetos sociais voltados para jovens e o impacto destes projetos nas famílias destes jovens. Buscou-se através deste, entender que alcance podem ter tais projetos no que se refere à ampliação de possibilidades relacionais, de autonomia e de protagonismo dos envolvidos. Ou seja, pretendeu-se levantar, por meio de entrevistas com profissionais, jovens e com seus familiares, as mudanças que ocorreram com os participantes, com suas famílias e em suas relações sociais, durante a participação do jovem no projeto. Para isso, partiu-se do enfoque sistêmico-cibernético novo-paradigmático, com ênfase nas relações e nas interações. A realidade é vista como construída, de acordo com a ótica construcionista social (GRANDESSO, 2000), a partir da qual procura-se entender os indivíduos como autores que influenciam e, ao mesmo tempo, são influenciados pelo meio em que vivem; indivíduos que constroem sua experiência socialmente, na linguagem; indivíduos que afetam e são afetados pela cultura na qual estão imersos (MOTA e CIURANA, 2002). Baseou-se também em estudos sistêmicos sobre a importância da rede social na saúde dos indivíduos e no desenvolvimento de um ser humano, de sua família e comunidade (SLUZKI, 1997) e, em propostas de projetos sociais. Desenvolveu-se, então, um estudo qualitativo, com análise e interpretação do conteúdo de dezessete entrevistas. Elas foram realizadas com sete profissionais que atuam em três projetos sociais e que já atuaram em mais de dez projetos: esportivos, culturais, de cidadania, de liberdade assistida, de “inclusão” digital e de tutoria; com cinco jovens e com cinco familiares de jovens.

Foi identificada, nessas entrevistas, a necessidade de aproximar as famílias dos jovens, que participam nos projetos sociais. Esta aproximação mostrou-se importante para elas mesmas, para os jovens e para o fortalecimento de suas redes sociais; uma vez fortalecidas, estas redes podem dar suporte às famílias de menor renda, que conseqüentemente poderão ampliar a participação social implicando a redução da miséria e da desigualdade social.

Porém, foram constatadas dificuldades no trabalho com as famílias por diferentes motivos, tais como: falta de verba, despreparo dos profissionais para realizar atividades em que elas estejam envolvidas e dificuldade em acessá-las, nas poucas atividades a elas direcionadas. O trabalho foi a necessidade mais apontada pelos entrevistados, o que aparece como um fator ligado à vulnerabilidade e ao sofrimento nas populações menos favorecidas do ponto de vista material.

Palavras-chave: Projetos Sociais, Jovens, Famílias, Comunidade e Rede de Relações.

ABSTRACT

The focus of the present work is the study of social projects aimed for youngsters and the impact of such projects on their families. Through this study we tried to understand the relevance of such projects to increase the possibilities of relationships, autonomy and the role of the involved parties. Through interviews, we have surveyed professionals, youngsters and their families, the changes that occurred in the participants, their families and their social relations during the study period. For such purpose, we employed the new paradigm of a systemic cybernetic focus, with emphasis in relationships and interactions. The reality is seen as built according to a social constructionistic viewpoint (GRANDESSO, 2000), where one tries to understand subjects as authors who influence and who are simultaneously influenced by their environment; subjects who build their social experience through the language; who affect and are affected by their culture (MOTA and CIURANA, 2002). It was also based on systemic studies on the importance of the social network on the health of individuals and in the development of a human being, his/her family and community (SLUZKI, 1997) as well as in proposals for social projects. A qualitative study has been developed with the analysis and interpretation of seventeen interviews, made with seven professionals who worked at three social projects and who previously worked in over ten projects in the fields of sports, culture, citizenship, assisted freedom, computing and tutorship; five youngsters and five family members of those teenagers participated in the study.

Trough the interviews we identified the need to bring families closer to those respondents who participate in the social projects. Such family participation is important for the families and the youngsters involved and also helps to promote the strengthening of social networks, for these stronger social networks may give support to lower income families, who in turn may increase their social participation, implying in the reduction of misery and social inequities in the country. However, working with these families presented several difficulties such as: funds shortage, lack of preparation on part of the professionals in charge of carrying out activities where families are involved and hardships in getting access to these families in the few activities geared towards them.

Work was the most frequently mentioned as the pressing need of the respondents, and it stands out as a factor related to the vulnerability and suffering of less privileged populations.

KEY WORDS: *Social Projects, Youngsters, Families, Community and Social Networks.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. MÉTODO	19
1.1. PROCEDIMENTO	22
1.2. PARTICIPANTES	24
1.3. INSTRUMENTOS.....	24
1.4. ESTRATÉGIAS	25
1.5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	26
1.6. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	27
CAPÍTULO 2. ESTUDOS SOBRE A FAMÍLIA E POBREZA MATERIAL	29
2.1. GLOBALIZAÇÃO, DESIGUALDADE E VULNERABILIDADE	29
2.2. INCLUSÃO? EXCLUSÃO?.....	34
2.3 GÊNERO E ETNIA: DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES DE DESIGUALDADE.....	35
CAPÍTULO 3. O JOVEM E SUA FAMÍLIA	39
3.1. AS DEMANDAS DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA E DO JOVEM.....	41
3.2. CONFIGURAÇÕES FAMILIARES	43
CAPÍTULO 4. POLÍTICAS PÚBLICAS E PROJETOS SOCIAIS VOLTADOS PARA JOVENS NO BRASIL	47
4.1 O JOVEM, A ESCOLA E OUTROS RECURSOS EDUCACIONAIS	47
4.2 PROJETOS SOCIAIS VOLTADOS PARA JOVENS – ALGUMAS PROPOSTAS.....	50
CAPÍTULO 5. ESTUDOS E TRABALHOS COM AS FAMÍLIAS: UMA VISÃO SISTÊMICO-CIBERNÉTICA NOVO-PARADIGMÁTICA	56
5.1. O TRABALHO SISTÊMICO NA COMUNIDADE	61
5.2. ESTUDOS SOBRE AS REDES SOCIAIS.....	62
CAPÍTULO 6. ESTUDO DE CASOS	64
6.1. PROFISSIONAIS	64
6.1.1. Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas feitas com os Profissionais, por respostas	64
6.1.2 Síntese da Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com os Profissionais.....	82
6.2 FAMILIARES DOS JOVENS	83
6.2.1. Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com Familiares dos Jovens por respostas	83
6.2.2 Síntese da Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com os Familiares dos Jovens	89
6.2.3 Síntese da Análise das Entrevistas Abertas com os Familiares dos Jovens	90
6.3. JOVENS.....	93
6.3.1 Análise das Entrevistas Semi –Estruturadas com os Jovens por Respostas.....	93
6.3.2 Síntese da Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com os Jovens	100
CAPÍTULO 7. DISCUSSÃO DOS DADOS EM CONJUNTO	102
CAPÍTULO 8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
ANEXOS	122
I. PROTOCOLO DO COMITÊ DE ÉTICA	122
II. MODELOS DOS TERMOS DE CONSENTIMENTO	123

LISTA DE QUADROS

QUADRO I. OBJETIVOS, PROPOSTAS, EFEITOS E IMPACTOS.....17

QUADRO II. ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA E HERMENÊUTICA58

INTRODUÇÃO

Após ter atuado em três projetos sociais, com propostas, objetivos e diferentes modelos de intervenção, a autora identificou em cada projeto diferentes demandas e necessidades, tanto dos participantes como da equipe que o idealizou, dos técnicos, da família e da comunidade, como pontos importantes a serem considerados na elaboração, durante a realização e na avaliação desses projetos.

Neste sentido, inquieta-se ao refletir sobre qual a demanda e a condição atual de famílias, em populações com altos índices de vulnerabilidade (AYRES, 2003; CUNHA, JAKOB et al, 2004; GUERRIERO, 2001), para que futuros projetos possam ser nela embasados, aumentando a possibilidade de eficácia e de abrangência (COHEN e FRANCO, 1993). Além disso, ela se questiona sobre as mudanças e o desenvolvimento alcançado pelas famílias, durante o período de participação de um de seus membros em determinado projeto, para refletir sobre futuras ações. Ao mesmo tempo que enxerga tais mudanças, acredita que falta registrar, analisar os resultados de forma sistemática e crítica e divulgá-los mais amplamente. Acredita também que o campo carece de trocas entre instituições e projetos, entre a teoria, a pesquisa e a prática e, principalmente, entre instituições governamentais e não governamentais. A continuidade das ações precisa ser garantida, e a satisfação dos diversos atores nelas envolvidos precisa ser considerada e discutida (ROS, 2002).

Observa a autora que muitos são os projetos sociais voltados para jovens e que estes projetos, na sua maioria, objetivam contribuir para a melhoria das condições de vida destes jovens e aumentar as suas perspectivas futuras. Porém, acredita que isso só se tornará possível se a família ou a rede de suporte ao jovem também alcançar condições de vida, no mínimo razoáveis e, de alguma forma, participar ou acompanhar o que está sendo oferecido ao jovem e também conhecer os objetivos do projeto social, em que ele está envolvido, e as possíveis formas de aplicação de seus resultados na vida prática do jovem.

Procurou-se então entender nesta pesquisa quando e como acontece uma mudança na vida e nas relações daqueles jovens que, participando de projetos sociais, adquirem novos conhecimentos e desenvolvem novas habilidades como: culturais, artísticas, esportivas ou habilidades que envolvam o uso de algum tipo de tecnologia. Procura-se entender também que aspectos do projeto, do indivíduo, da família, da rede e do contexto nos quais estão

inseridos, facilitam ou dificultam tal crescimento e como este afeta estes jovens, suas relações familiares e sua inserção nas instituições e nas comunidades das quais fazem parte.

Entende-se aqui por jovens, pessoas que se encontram em transição entre a vida infantil e a vida adulta; estabelecendo-se como critério de pesquisa, que estes jovens tenham entre 14 e 20 anos atualmente, mas que tenham participado de um projeto social quando tinham entre 14 e 18 anos. O termo transição não deve ser entendido, porém, como transitoriedade (LOSACCO, 2003). Refere-se apenas a uma etapa ou parte do processo do desenvolvimento no qual o indivíduo não se considera e não é considerado como criança, nem como adulto na nossa cultura. Entre 14 e 18 anos é provável que já tenha entrado na puberdade, portanto experimente transformações biológicas e físicas, que já sofra pressões para abandonar papéis e comportamentos infantis, e em alguns casos, que se prepare para o mercado de trabalho; que não seja ainda maior de idade, do ponto de vista legal, o que acarretaria outras questões.

Projeto Social são ações conjuntas e encadeadas que visam ao desenvolvimento social, a partir do trabalho com um grupo de pessoas. O projeto social voltado para jovens, geralmente abarca atividades programadas para o desenvolvimento do jovem, objetivando que viva melhor em seu meio social, que atue sobre ele e que o transforme.

Segundo a ONU (1984), “um projeto é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades inter-relacionadas e coordenadas para alcançar objetivos específicos, dentro dos limites de um orçamento e de um período dado”.

Partiu-se do enfoque sistêmico-cibernético novo paradigmático com ênfase nas relações e nas interações e da ótica construcionista social (GRANDESSO, 2000), a partir da qual, procura-se entender os indivíduos como autores que influenciam e ao mesmo tempo são influenciados pelo meio em que vivem, que constroem sua experiência através da linguagem.

Portanto, pretendeu-se considerar não só o contexto no qual está inserido o objeto deste estudo, como também a relação da autora com ele. Ou seja, a inclusão da pesquisadora, que observa, interfere e ao mesmo tempo é modificada pelo que observa.

Desta mesma forma, procurou-se enxergar os participantes dos projetos, que provavelmente influenciam e ao mesmo tempo são influenciados por suas propostas, que modificam e que sofrem modificações em relação à sua família e aos que com eles convivem, incluindo a equipe profissional que com eles procura ampliar os caminhos para o seu desenvolvimento; equipe, que em geral, quando busca incrementar a autonomia e o protagonismo de alguém, ao mesmo tempo, se modifica, se transforma; que se satisfaz mais

ou menos com o próprio trabalho. (ROS, 2002). Entende-se aqui por protagonismo uma participação efetiva e transformadora no meio a que se pertence.

A autora parte também dos trabalhos sobre Redes Sociais, conforme termo proposto por Sluzki (1997) e do potencial de proteção, de apoio e de legitimação que há na relação com as pessoas significativas, seja para um indivíduo, para uma família ou para um grupo (AUN, VASCONCELOS et al, 2005; BOTH, 1976; DABAS e NAJIMANOVICH, 1995; ELKAIM, 1989, FEIJÓ, 2002; SLUZKI, 1997;). Ela expande o interesse das redes pessoais e familiares para as redes de relação e de sustentação, não só de indivíduos e de famílias, mas de instituições, de bairros e de comunidades, como apontam Moré e Macedo, (2006); redes de serviços e de equipamentos, redes de informações, redes de significados e de interesses (econômicos, políticos), que dão maior ou menor possibilidade de desenvolvimento e de transformação a determinado segmento da população (ACOSTA e VITALE, 2003).

Ela considera que o fortalecimento do indivíduo e de suas relações com as redes, sejam elas pessoais ou materiais, é ponto central na questão da saúde e do bem-estar. É em conjunto com o outro e através das relações que uma pessoa constrói a visão de si mesma. (ANDERSEN, 1991; GRANDESSO, 2000; SLUZKI, 1997; WHITE e EPSTON, 1993). Assim, na relação com o outro, a pessoa se sente legítima e forte e encontra os recursos dos quais precisa para sobreviver, crescer e realizar-se. Considera ainda a autora, que para um ser humano só será possível usufruir os seus direitos básicos: alimentação, educação, saúde, trabalho e lazer através da convivência e da participação social, especialmente para os mais carentes do ponto de vista material. E que muito da participação social nasce e se constrói na família.

Autonomia e protagonismo são vistos, neste trabalho, como aspectos fundamentais para o desenvolvimento e para a reversão de um quadro de desigualdades sociais, intimamente ligados à visão de si mesmo, à força pessoal e à possibilidade de “inclusão social”. Ou seja, condição de atuar sobre determinado contexto e força para transformá-lo de acordo com seus valores e necessidades, de forma ativa e participativa.

Sabe-se que são muitos os estudos e conceitos sobre autonomia e sobre emancipação individual e coletiva, com importantes contribuições para tal reflexão, como as de Paulo Freire (2001a), Boaventura Santos (2003), mas opta-se, neste trabalho, por um uso operacional deste. O mesmo vale para o termo protagonismo.

Autonomia aqui é colocada como a possibilidade de uma pessoa, de uma família ou grupo, de crescer segundo suas necessidades, seus valores e suas expectativas; como a

possibilidade de poder participar de redes sociais que lhes sejam importantes, ser diferente dos demais e, ao mesmo tempo, sentir-se pertencer. Além disso, como escreveu Rebellato (2002), autonomia como capacidade de poder crescer na autodeterminação, no desenvolvimento da capacidade de autocrítica. Este autor coloca o desenvolvimento da autonomia como chave, ou seja, como uma capacidade fundamental que deve ser desenvolvida nos trabalhos comunitários. Para Carvalho (2003), o indivíduo precisa ter autonomia material e psicológica para comunicar-se, seja em uma organização mais ampla, seja nos relacionamentos.

Já o protagonismo é colocado no sentido da possibilidade de atuar de forma ativa na busca do próprio bem-estar e das transformações necessárias para alcançá-lo, seja na família, na escola, na sociedade e deve partir de uma pessoa, de sua família ou grupo de referência. Então, protagonismo é visto como participação social e como enfrentamento de situações e construção própria do ser social e pessoal (COSTA, 2001).

No que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e, portanto, da participação social de jovens e famílias, levando-se em conta o cenário de desigualdades do qual faz parte o nosso país, cada vez mais tem se falado de exclusão digital e da era da informação como uma possibilidade de aumento ou de diminuição da condição de miséria que assola grande parte da população (CAPRA, 2002; SILVEIRA, 2001;). Assim, a autora incluiu no seu estudo os projetos que contam com a tecnologia da comunicação e da informação como meio de motivação e de desenvolvimento do jovem.

Silveira (2001), ao falar dos perigos da exclusão digital e da perpetuação dos níveis de pobreza em nosso país, considera o analfabetismo digital e a dificuldade de acesso ao computador, à linha telefônica e ao provedor, um aspecto relevante neste processo. Este autor associa falta de informação, de conhecimento específico, pobreza, lentidão comunicativa, isolamento e impedimento do exercício da inteligência coletiva aos outros fatores que engrossam os números da desigualdade.

Concordando com Silveira, que a Tecnologia da Informação e da Comunicação sejam necessárias para a reversão ou atenuação deste quadro e que, além disso, é impossível pensar ações futuras (escolares, profissionais, sociais, comerciais) deslocadas do uso da informática, foram abordadas tais questões no trabalho, sem desconsiderar a necessidade de ações sociais em outros níveis, uma vez que a pobreza é uma questão sistêmica e complexa e deve ser entendida de forma ampla e aplicada em conjunto, por diversas frentes (CAPRA, 2002; NAJMANOVICH, 1995; TOLEDO, 2006).

Estamos na era da informação (CAPRA, 2002) e mesmo que as desigualdades privem os menos favorecidos de determinados recursos, inclusive os da tecnologia, estes são parte deste contexto e desta cultura - usando o termo cultura conforme proposto por Motta e Ciurana (2002).

A tecnologia da informação e da comunicação pode permitir a participação mais justa no contexto global, maior autonomia, mesmo que relativas e dependentes de outros fatores, como os econômicos e políticos.

Capra (2002) fala também do quanto a economia globalizada influencia nossas vidas de forma ainda desordenada, trazendo rápidas e sérias conseqüências em nível mundial, a partir de redes de informações transmitidas em alta velocidade por cabos transatlânticos de fibras óticas. Isso instigou a autora a refletir sobre o quanto podemos ficar alheios e submissos a decisões e processos que nos são difíceis de apreender, inclusive pela falta de conhecimento neste campo da informática.

Mesmo sendo uma das necessidades, não a única ou mais importante, a Tecnologia da Informação e da Comunicação exerce um potencial enorme no incremento das ações sociais, não só em termos de viabilização de projetos de longo alcance, por possibilitar um trabalho com maior número de pessoas, por fornecer dados e por ser realizado à distância, mas principalmente, por ser também foco de interesse e de mobilização da população alvo e dos envolvidos: financiadores, participantes (especialmente crianças e jovens), organizações não governamentais e profissionais das áreas sociais e de educação.

Muitas pessoas se interessam pelos avanços da tecnologia, mesmo que temerosas em relação a eles; muitas famílias desejam que seus filhos aprendam a utilizar o computador. As empresas, por princípios de responsabilidade e de marketing, cada vez mais demonstram intenção de investir em projetos sociais com Tecnologia da Informação e da Comunicação. Grupos como Hewlett Packard, Pão de Açúcar, Telefônica, Telemar e Petrobras vêm investindo somas de dinheiro neste campo. Apesar disso, há ainda, instituições abertas e necessitadas de recursos materiais e humanos para que possam utilizar a informática e outros equipamentos. Como exemplo, pode-se citar as inúmeras escolas públicas que precisam ser informatizadas e treinadas para viabilizar o uso da tecnologia e satisfazer o interesse da maioria dos alunos e de parte dos profissionais.

Apesar desta demanda, a maioria das pessoas e das instituições enfrenta, além da falta de recursos, o medo e a resistência frente a um “mundo” informatizado, em que tudo é muito rápido, complexo e caro.

Estamos falando de um país com 16 milhões de pessoas com mais de quinze anos analfabetas (13,6% dos brasileiros em 2000), segundo o MEC e o INEP, na publicação: Mapa do Analfabetismo no Brasil, que fala de uma rede de ensino público com dificuldades estruturais, voltada para populações menos favorecidas, do ponto de vista econômico, que no “correr da carruagem” necessita aderir a essa nova era da comunicação. E é nesta rede de ensino que se constata a maioria dos analfabetos.

Outro ponto importante a ser observado é uso precário da língua portuguesa, que mesmo para os alfabetizados tem sido um fator de exclusão. Em um dos projetos nos quais a autora atuou, a dificuldade apresentada, pela maioria, no uso da língua portuguesa, era um grande obstáculo ao desenvolvimento do jovem e de suas perspectivas no mercado de trabalho e na inserção social de maneira mais equitativa.

Ela acredita, portanto, que tudo isso, ao mesmo tempo em que instiga, amedronta. Usando, como fez Abramo (2003), o ideograma chinês de crise (como perigo e oportunidade), considera que a disseminação do uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação pode ser uma das saídas para o desenvolvimento e para a diminuição da exclusão e da miséria, ou justamente a alienação de grande parte da população, dependendo de como for promovida, já que muitas vezes é usada, inclusive, para dominação e para a detenção de poder.

Por isso, pretende estudar também, o uso da tecnologia da informação e da comunicação em projetos sociais como um dos meios de promover o desenvolvimento pessoal e social, mas não como um fim em si mesmo. Acredita, que não basta instrumentalizar algumas pessoas, que terão maiores chances no mercado de trabalho, sem trabalhar com a afetividade destas pessoas, com a visão de si mesmos, sua relação com os demais, com as necessidades de suas famílias e de sua comunidade. Estas pessoas, suas ações e aqueles com os quais se relacionam dependem de um contexto social, econômico, cultural e político, que possa incrementar ou viabilizar o seu viver.

Considera, portanto, o risco da tecnologia da informação ser usada a serviço da globalização hegemônica, termo usado por Santos (2003), e discussão feita também por Freire (2001b) ao tratarem da necessidade de emancipação, numa sociedade na qual relações de poder e de dominação mantêm a desigualdade e a opressão a partir de diferenças.

Não basta ensinar computação, esportes, dança, música ou qualquer outro conhecimento a alguém que não tenha saúde, emprego ou condições para buscá-los. Não basta fortalecer um membro da família e com isso fazer com que ele perca sua autoridade, seu poder frente ao jovem. Se o jovem se destaca a ponto de perder a possibilidade de troca com

esta parte da rede, que lhe é importante e significativa, nessa fase do seu desenvolvimento, que amplitude social poderemos alcançar?

Informação e conhecimento não são suficientes, é necessária a formação de rede de apoio, tanto emocional, quanto material. Neste sentido, a família é uma parte fundamental deste processo, bem como as redes, de um projeto específico, em torno do participante. O jovem pode transformar, ampliar e enriquecer a troca com o meio, devolvendo a ele o que adquiriu em conhecimento e agindo em seu favor. O meio pode favorecer, apoiar, legitimar e viabilizar o seu crescimento contínuo, bem como manter uma troca, da qual as partes se beneficiem mutuamente. Ao contrário disso, o indivíduo pode ficar “ilhado” em determinado projeto ou iniciativa, sem que consiga aplicar e transpor para seu próprio meio os benefícios recebidos, sem valorizar sua identidade cultural. Como dificultadores, poderão ser encontradas, em torno do jovem, resistências, medos, dificuldades e relações de poder que atrapalhem a multiplicação do conhecimento. Por outro lado, recursos relacionais que incluam sua família, seus vizinhos, seus colegas, seu bairro e as instituições, poderiam resultar numa nova possibilidade de atuar no mundo: com maior autonomia, protagonismo, solidariedade e diversidade.

Daí a importância de entender a relação dos envolvidos no projeto, para além das inúmeras propostas e possibilidades, para que não só o jovem, mas também sua família e, indiretamente, sua comunidade, fiquem satisfeitas e tenham suas expectativas atendidas pelos projetos sociais (ROS, 2002).

No entender da autora, a nossa sobrevivência depende de muitos fatores, além dos aspectos básicos como saúde e alimentação. Acredita que os projetos sociais, que incrementarem a força pessoal, a solidariedade, o protagonismo e a autonomia; que promoverem o fortalecimento das redes sociais, nas quais seus membros estão inseridos, terão maior possibilidade de sucesso. Quanto mais forem ao encontro dos interesses e necessidades das famílias e da população em geral, mais eficazes serão e mais qualidade apresentarão.

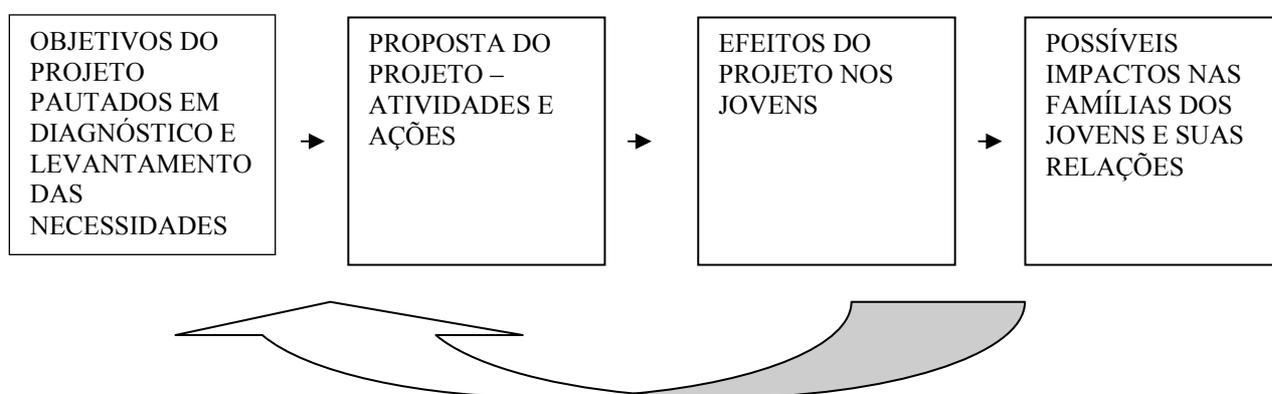
Ela considera que a Tecnologia da Informação e da Comunicação é um campo de interesse de muitos e necessidade da maioria, assim, como outras propostas e projetos culturais; eles têm se mostrado úteis como forma de expressão, de crescimento e de participação social do jovem, muitas vezes legitimando suas heranças e construções étnico-culturais.

Este pode ser o caso também de propostas relacionadas ao esporte, principalmente quando têm foco de atuação na formação do jovem, no incremento de sua auto-estima e na

sua participação social. Cabe ressaltar que espaços de esporte e lazer são benéficos às comunidades, especialmente se conectados com políticas públicas e utilizados como meio de desenvolvimento físico, emocional e social dos que dele usufruem.

Neste trabalho, não se pretende, porém, avaliar programas sociais, nem sua eficiência, mas sim entender o impacto destes na família dos participantes e nos demais envolvidos, ou seja, pretende compreender os efeitos e influências sofridas a partir da participação do jovem em um projeto e o que foi gerado a partir disso (COHEN e FRANCO, 1993).

Quadro I. Objetivos, Propostas, Efeitos e Impactos.



Também não visa determinar qual é a melhor solução para a pobreza material, uma vez que esta envolve uma série de fatores, e para ser significativamente reduzida depende de muitas ações conjuntas. Este estudo pode trazer, na visão da autora, contribuições para o entendimento de projetos com jovens já finalizados, e incremento da prestação de serviços sociais, em curso e futuros. Além disso, pode dar subsídios a equipes dispostas a planejar projetos que venham ao encontro de demandas sociais, e que, portanto, transcendam aos indivíduos e os contemple.

A demanda das famílias pode ser uma fonte rica no momento em que se planeja o projeto, portanto, deve-se levar em conta suas expectativas e necessidades. Além disso, a família pode ter grande importância como fonte de apoio, de legitimação e de viabilização da participação de um de seus membros no projeto e na vida; pode contribuir significativamente com o jovem e ser por ele influenciada, multiplicando seus resultados. Como?

De que maneira a família e a comunidade são influenciadas e influenciam determinados processos, no âmbito dos projetos sociais, é o tema central da pesquisa da autora, que conheceu muitas famílias; algumas agradecidas às equipes responsáveis por projetos e outras ressentidas pela distância de seus membros, pois, motivados com a proposta,

se envolveram excessivamente com as atividades, substituindo o convívio familiar pela permanência na instituição por longos períodos. Conheceu também membros da comunidade insatisfeitos, sentindo-se à margem das decisões e dos investimentos, enquanto outros se mostravam transformados, sem que tenham sido identificados inicialmente como público-alvo de determinado projeto.

A equipe de trabalho, em geral, se nutre e também se transforma ao realizar suas tarefas, o que em parte é previsto: aprende-se ensinando. Mas por outro lado, parece novo e surpreendente o nível de envolvimento daqueles que trabalham com este tipo de projeto ou que com eles têm contato.

Mas qual é a dimensão qualitativa da marca que um projeto social pode deixar nos envolvidos? Que relação tem entre a proposta do projeto e o crescimento do jovem? E que influências têm a participação da família no desenvolvimento do jovem e o desenvolvimento do jovem com a participação da família? Estas são questões a serem respondidas.

A autora defende a idéia de que os projetos sociais tenham que partir da demanda, e que as famílias têm muitas necessidades que não são cuidadas; que é inócuo, do ponto de vista de uma transformação social mais ampla, fazer propostas de trabalho com o jovem, sem incluir suas famílias.

Objetivo Geral

- Compreender eventuais mudanças e impactos vividos por famílias de jovens a partir da participação destes jovens num projeto social; e em que medida os projetos sociais podem ser um fator de “inclusão” para as famílias e como podem torná-las menos vulneráveis.

Objetivos Específicos

- Entender que aspectos do projeto foram considerados mais positivos e úteis, do ponto de vista de parte dos envolvidos: profissionais, jovens e famílias; bem como entender que aspectos foram vistos como ruins e difíceis.

- Levantar as expectativas iniciais e posteriores da família em relação ao projeto, entendendo quais foram alcançadas e de que forma.

- Entender se há dificuldades e desencontros entre o desenvolvimento da autonomia do jovem e o desenvolvimento de sua família.

- Analisar a demanda relacionada aos projetos sociais segundo diferentes pontos de vista: dos autores e das estatísticas por eles utilizadas sobre vulnerabilidade em populações menos favorecidas economicamente; dos profissionais que trabalham com projetos sociais, dos jovens participantes e de suas famílias.

CAPÍTULO 1. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que através de entrevistas, são produzidas narrativas construídas por profissionais e por jovens participantes, que permaneceram por mais de um ano em projetos sociais, e por familiares destes jovens. Entrevistas abertas com jovens e com familiares que já tenham se desligado dos projetos, ou que não tenham participado destes, também são utilizadas, para que transmitam livremente suas idéias, pedidos e sugestões, em relação a projetos sociais, sem preocupar-se com o seu desempenho diante das perguntas do pesquisador, nem com o seu possível desligamento de um projeto ou de uma ONG.

Tal proposta possibilita o diálogo e a co-construção com os entrevistados e com os interlocutores (orientador), incrementando o entendimento as diferenças entre famílias, jovens e projetos, bem como as especificidades de cada um, de forma profunda e contextual (DENZIN e LINCOLN, 1994; FONTANA e FREY, 1994).

A escolha de se trabalhar de forma qualitativa, levantando também alguns dados quantitativos e estatísticas relacionados ao campo, se justifica na medida em que a pesquisa envolve relações e desenvolvimento humano, e que busca o entendimento de processos e não apenas relações causais, simples e lineares entre objetos e situações. Avaliou-se que a finalidade de se entender o processo vivido pelos jovens, por suas famílias e pelos profissionais do campo, que acompanham suas mudanças e relações durante o projeto, poderá ser mais facilmente alcançada com o estudo de casos.

É uma tarefa complexa compreender quais dificuldades e ganhos viveram no processo e quais aspectos foram envolvidos como: a condição sócio-econômica, as estruturas familiares e sociais, as influências culturais, as questões do próprio projeto e da instituição; portanto, entrevistas abertas também foram realizadas por uma entrevistadora ativa (REY, 1997), permitindo a aproximação desta meta. Isto porque, só é possível obter uma construção

compartilhada entre participantes, pesquisador e orientador através de um trabalho sobre o que viveram e sentiram a partir do processo, que ocupou um determinado tempo, espaço, relação e no diálogo estabelecido entre os envolvidos.

Coerente com uma visão construtivista, com a hermenêutica contemporânea e com a dialética (MACEDO, KUBLIKOWSKI e GRANDESSO, 2004; MINAYO, 1996), de acordo com uma postura pós-moderna (GRANDESSO, 2000), a construção não será a única possível, nem a verdadeira (KVALE, 1994), mas sim, um consenso entre as partes, que se dará através da linguagem, imersa em determinada cultura, permeada por valores e lentes individuais; será, portanto, uma visão construída durante o processo de pesquisa, iniciada nas reflexões da pesquisadora, compartilhadas e validadas pelo orientador, conversadas com os entrevistados, e portando, emolduradas por suas respostas e colocadas numa revisão da literatura.

A proposta da pesquisa qualitativa foi pensada então, para que se pudesse aprofundar o conhecimento sobre o que houve com jovens, seus familiares e com os profissionais que trabalharam em projetos sociais; a relação entre eles e com a rede a qual pertencem.

Em se tratando de um ponto complexo, buscou-se dar atenção a dados quantitativos, tais como os indicadores sociais, para interpretá-los à luz dos dados qualitativos obtidos a partir das entrevistas e contatos com os participantes da pesquisa, dentro de um enfoque construcionista.

Isso significa que, de acordo com o caminho estabelecido no início da pesquisa, foram buscados significados e experiências singulares nos relatos dos participantes da pesquisa, a partir de sua vivência e acompanhamento de um projeto social, além dos aspectos comuns entre eles.

Como bem colocou Turato (2000), a complementaridade entre os métodos quantitativos e qualitativos pode ampliar nossas considerações sobre o assunto estudado, desde que não misturemos as bases paradigmáticas. Assim, dados estatísticos e resultados anteriormente levantados, sobre jovens, populações vulneráveis e benefício dos projetos sociais, foram compreendidos de forma singular. Ou seja, buscou-se compreender o que determinado projeto trouxe para quem dele participou (profissionais e jovens), para seus familiares e em que este pode ter contribuído para o crescimento deste jovem e de sua família.

O sentido inverso também é desejado. Espera-se que os dados levantados, na sua maioria qualitativos, instiguem outros pesquisadores e que impulsionem novas pesquisas.

Partiu-se então, conforme objetivos citados, da hipótese de que projetos sociais bem estruturados, que ofereçam aos jovens algo que lhe despertem o interesse, realizados em

grupo, trazem benefícios à maior parte destes e a algumas famílias. Interessou estudar que benefícios e mudanças podem ocorrer e se há dificuldades e descompassos entre o crescimento e o aumento da autonomia do jovem em relação ao desenvolvimento de sua família.

O estudo de caso, a partir das entrevistas, com posterior análise qualitativa de dados em conjunto, foi necessário para que se levantasse tais peculiaridades e as semelhanças entre experiências e relatos, contextualizando-os na história, no momento, nas condições e características dos jovens, das famílias e dos projetos estudados.

Pretendeu-se realizar um estudo de casos coletivo (STAKE, 1994), que possibilitasse estudar cada caso, mas também refletir sobre o que é extensivo a vários deles.

Coerentemente com os pontos pesquisados, a autora baseou-se na epistemologia construtivista, que pressupõe que o conhecimento é construído, e que, tanto o participante da pesquisa, quanto o pesquisador, são partes deste processo de construção; que não existe uma realidade objetiva, independente de quem a observa e de quem dela participa, a ser descoberta, postura esta pós-positivista (GRANDESSO, 2000, MACEDO, KUBLIKOWSKI e GRANDESSO, 2004). Inclusive o uso da terceira pessoa visou apenas a atender determinadas formalidades e expectativas do meio científico.

Foi proposto então o método qualitativo, para que possibilitasse melhor compreensão de tal construção, considerando a linguagem e os significados que a sustentam. Tal método é considerado compatível com a teoria sistêmico-cibernética, como ressaltam Moon e Dillon (1990):

“... o paradigma da pesquisa qualitativa é isomórfico com o suporte cibernético do campo da terapia familiar”.

Estes autores apontam ainda, que a pesquisa qualitativa permite lidar com questões mais complexas, entre elas a teoria dos sistemas, já que é capaz de contemplar o contexto, as múltiplas perspectivas, as diferenças individuais e a causalidade circular, partindo da perspectiva do entrevistado.

Para isso, usou-se como instrumento entrevistas semi-estruturadas e abertas, cuja transcrição, análise e interpretação do texto ampliam o entendimento sobre como foi vivida a participação do jovem no projeto, do seu ponto de vista, do ponto de vista de sua família e dos profissionais.

Abriu-se então caminho para a triangulação de dados e para a contextualização do que foi levantado nas entrevistas, na literatura e nos estudos anteriores sobre o assunto e sobre assuntos correlatos.

Fez-se também considerações sobre o conjunto de participantes da pesquisa e possíveis vieses, como forma de auto escrutínio – dos participantes da pesquisa, dos profissionais- participantes, que indicaram os demais, da própria entrevistadora-pesquisadora e dos estudiosos do campo.

Considerou-se, por exemplo, as idéias daqueles que estão no campo, na “linha de frente” no trabalho social.

1.1. PROCEDIMENTO

Inicialmente, foram procurados profissionais que atuam ou que tenham atuado por, pelo menos, um ano em projetos sociais, para que fossem ouvidas suas impressões a respeito da pesquisa, para ajudar a avaliar a sua relevância e o interesse desta para estes profissionais. Tal escolha se deu a partir da crença de que eles conhecem o dia-a-dia dos projetos, suas dificuldades, parte de seus resultados; não só aqueles que constam nos relatórios solicitados pelos patrocinadores e pelos gestores, mas as histórias de sucesso vivenciadas e, muitas vezes, difíceis de expressar e de categorizar; aquelas histórias contadas em situações menos formais e as impressões não registradas sobre os jovens e suas famílias.

Apesar de ter-se iniciado por este grupo de participantes, com o intuito de revisar os roteiros de entrevistas com os demais grupos (jovens e suas famílias), pouco foi modificado nos roteiros, em relação ao que foi planejado no início do estudo, já que os profissionais demonstraram grande interesse na pesquisa. Além disso, suas respostas e os exemplos de desenvolvimento de jovens e de famílias por eles expressos, validaram a busca pelo entendimento da vivência dos futuros entrevistados, conforme roteiros pré-estabelecidos.

Decidiu-se apenas criar espaço para a representação gráfica da família nuclear e daqueles que na casa moram, para facilitar a compreensão sobre a estrutura familiar do jovem.

As idéias apresentadas pelos profissionais sobre os benefícios do projeto e sobre as dificuldades econômicas, freqüentemente enfrentadas pelas famílias, confirmaram algumas hipóteses da pesquisadora e a fizeram manter os demais roteiros e estratégia de pesquisa.

Por outro lado, o desejo de alguns profissionais de indicarem para entrevistas, jovens e famílias com histórias de desenvolvimento alertou a pesquisadora, que ficou atenta para buscar, além destas, outras histórias de famílias que tiveram dificuldades; isto a fez refletir sobre o fato de que escolher apenas jovens que ficaram nos projetos por pelo menos um ano, excluiria os que abandonaram e os que tiveram dificuldades em permanecer.

No caso dos projetos com jovens em Liberdade Assistida, porém, a mesma reflexão se deu, mas de forma diferente. Os jovens que estiveram em seis meses de medida sócio-educativa e que provavelmente obtiveram benefícios, não seriam entrevistados; somente aqueles que tiveram seu prazo prorrogado, ou que cometeram novo ato infracional e retornaram ao projeto por determinação judicial, participariam das entrevistas.

A inclusão destes jovens foi possível porque se levou em conta o fato de que na pesquisa qualitativa, trabalha-se com guias, objetivos delineados, mas de forma aberta e exploratória (MOON, DILLON e COL, 1990), e, portanto, as entrevistas puderam ser ampliadas. Foram agendadas também, entrevistas com jovens que cumprem medida de Liberdade Assistida há menos de seis meses.

A aproximação da pesquisadora junto às instituições, aos profissionais e aos projetos permitiu a exploração do tema em várias oportunidades.

Nas entrevistas, buscou-se perceber também as dificuldades pelas quais os jovens passaram, não só os benefícios e o desenvolvimento propiciados. Com as entrevistas abertas tentou-se responder inclusive quais dificuldades limitaram a participação dos que não passaram por projetos. Apesar disso, esta pergunta, não foi amplamente explorada neste trabalho, mas talvez possa sê-lo num próximo, desde que se trabalhe com diferente estratégia.

Por outro lado, pretende-se contribuir para a área social, considerando que este é um estudo no campo social e da saúde, e como bem afirmou Minayo (1996), um campo amplo e complexo, do qual temos um conhecimento apenas aproximado, a partir de esquemas teóricos, que facilitam o entendimento de determinados aspectos e mantém outros desconhecidos; que além disso, é parte de uma realidade social e histórica. Minayo coloca ainda sobre os fenômenos sociais no campo da saúde, que nada é dado, tudo é construído, inconcluso e superável; coloca também, que a realidade aí encontrada, como todo o social, é infinitamente mais rica, mais dinâmica e mais complexa do que qualquer discurso científico sobre ela.(p.249)

A autora concorda com a afirmação de que a ciência nos mostra caminhos, organiza conhecimentos e que se deve sempre levar em conta a complexidade, a imprevisibilidade e a mobilidade dos fenômenos sociais. É o que se busca fazer no presente trabalho.

1.2. PARTICIPANTES

Após pesquisar e conhecer alguns projetos sociais brasileiros voltados para jovens, nos últimos cinco anos, a autora entrevistou profissionais, jovens e familiares num total de dezessete entrevistas, sendo quatorze delas entrevistas semi-estruturadas: sete com profissionais que atuam hoje em três projetos sociais, e que já atuaram em mais de dez, dentre eles esportivos, culturais, de cidadania, de liberdade assistida, de “inclusão” digital e de tutoria; quatro jovens e três familiares; e três entrevistas abertas: uma com jovem e duas com familiares de jovens, portanto, no mínimo cinco entrevistas de cada um dos grupos mencionados.

A seleção dos participantes foi feita por conveniência e baseou-se no critério de que tanto os profissionais, quanto os jovens, por eles indicados para as entrevistas, deveriam participar ou ter participado de um projeto social. Os jovens deveriam ter idade entre 14 e 20 anos, atualmente, e entre 14 e 18 anos quando freqüentaram o projeto.

1.3. INSTRUMENTOS

A) Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, individuais, com os profissionais de Ongs e demais entidades, que tenham trabalhado por mais de um ano em projetos sociais voltados para jovens. Tais entrevistas foram feitas para conhecer a proposta do projeto e seus objetivos e também para ouvir as opiniões dos profissionais sobre o impacto destes projetos nas famílias dos envolvidos. Pretendeu-se também levantar necessidades e demandas que eles tenham em relação ao campo.(roteiro em anexo), assim como avaliar se a pesquisa seria do interesse deles, e se o caminho planejado e as entrevistas com jovens e suas famílias estavam adequados.

B) Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais com jovens entre 14 a 20 anos, que tenham participado de projeto social por no mínimo um ano, quando tinham idade entre 14 e 18 anos e de jovens nesta faixa etária, que participam ou tenham participado de projetos sociais cumprindo medida sócio-educativa.

A conclusão de tal etapa permitiu entender como foi a entrada e a participação do jovem no projeto; que diferenças isso trouxe para a sua vida; se modificou suas relações, inclusive com a família, seus valores, sua visão de si mesmo e de suas possibilidades futuras.

C) Após a entrevista com o jovem que participou ou participa do projeto social, foram feitas entrevistas com os familiares, também de forma semi-estruturada.

Foram realizadas entrevistas individuais ou com a família, com parentes dos jovens entrevistados, portanto, que tenham participado de projeto social.

Esta última etapa da pesquisa de campo possibilitou entender como os familiares avaliam a participação do jovem no projeto: os benefícios para ele e para as relações familiares, eventuais impactos, dificuldades e mudanças ocorridas nas relações, na vida da família, na sua visão de si mesmo e na visão em relação ao jovem (antes e depois da participação do projeto); serviu para ouvir a demanda e as necessidades da família e quais foram contempladas no projeto.

D) Após a análise parcial das entrevistas semi-estruturadas, foi levantada a possibilidade dos jovens e famílias sentirem-se mais à vontade para falarem espontaneamente sobre os temas, em entrevistas abertas. Nesta etapa foram entrevistados jovens e familiares de jovens, independente de estarem ligados a um projeto social, para ampliar os dados anteriormente obtidos.

1.4. ESTRATÉGIAS

A) Pesquisa Bibliográfica: autores sistêmicos, construtivistas, construcionistas sociais;

bibliografia sobre ações sociais, pobreza, “inclusão”, globalização, famílias, ciclo vital familiar, projetos sociais e preventivos (inclusive aqueles que trabalham com cultura - artes, música, cidadania e protagonismo, esportes, tecnologia da informação e da comunicação).

- B) Levantamento dos estudos realizados a partir destes programas ou de propostas semelhantes.
- C) Entrevistas em local definido junto com os participantes, gravadas e autorizadas pelos mesmos (termo de consentimento em anexo). Foram levantados nomes, telefones e outras formas de contato de profissionais que a autora conheceu em congressos, cursos e encontros sobre projetos sociais, que trabalharam por mais de um ano com jovens. Foram agendadas entrevistas com os mesmos, e no final, pedidas indicações sobre como encontrar e entrevistar os jovens e suas famílias (processo bola de neve). Foram entrevistados, portanto, profissionais de diferentes projetos sociais, que indicaram jovens e famílias para serem também entrevistados. Para as entrevistas abertas, a pesquisadora buscou indicações de jovens e de seus familiares para entrevistar, sem que estes pertencessem ou tivessem pertencido a alguma ONG.

1.5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Foram utilizados procedimentos não passíveis de manipulação, não maléficos aos participantes, sempre com o consentimento dos entrevistados por escrito (inclusive dos pais ou responsáveis, no caso dos menores de idade; bem como das instituições por eles representadas).

Tais procedimentos resultaram em oportunidade de reflexão e tornarem-se benéficos aos entrevistados, conforme pontuado por alguns deles nas entrevistas.

A autonomia e a participação voluntária dos jovens foi garantida, explicitando que se tratava de convite, que poderia ser declinado a qualquer momento. Caso haja algum problema ou conseqüência dos procedimentos realizados e envolvidos na pesquisa, a autora se colocou à disposição, para cuidar dos mesmos e para atender a quem solicitar, conforme comunicado dela aos participantes. Até o momento, o estudo gerou curiosidade nos envolvidos, que

solicitaram textos, artigos, discussões e aulas sobre temas afins, o que a autora vem realizando em quase todas as instituições, sob forma de troca profissional.

Os resultados do estudo ficarão disponíveis na biblioteca da PUC-SP e os participantes estão cientes disso, tanto quanto da abertura para conversa posterior sobre o trabalho e seus resultados.

Os termos de consentimento dos profissionais, das instituições, dos jovens e das famílias, bem como a carta do orientador e o termo de compromisso do pesquisador estão em anexo.

1.6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise das entrevistas foi indutiva e recursiva, portanto realizada durante e após a realização das mesmas.

As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e seu texto lido e relido, com uma visão compreensiva, buscando padrões, singularidades e categorias de análise.

Foi analisada a visão que os profissionais, os participantes e os familiares construíram do projeto e suas demandas. Em relação aos participantes, procurou-se entender a visão que têm de si mesmos, de suas relações e das possibilidades futuras, após terem passado pelo projeto e de terem vivenciado o seu processo direta ou indiretamente.

Os dados obtidos foram analisados de acordo com a proposta de cada um dos projetos estudados, como também de acordo com os dados sobre a demanda da população, sobre o interesse inicial no projeto, de acordo com as características da comunidade e das instituições envolvidas, do suporte financeiro e das condições sócio-econômico e culturais.

Após a análise de cada entrevista, foi feita a análise do caso, triangulando os dados das entrevistas com o profissional, com o jovem e com sua família, além dos dados do projeto do qual todos participaram, inclusive a família, indiretamente.

Em seguida foram vistos os casos em conjunto – estudo de casos coletivo.

Tudo isso, para entender que impactos um projeto social pode trazer à família. Entende-se por impacto, conforme apontaram Cohen e Franco (1993), o resultado dos efeitos do projeto. Não são exatamente os objetivos alcançados por este, mas o que resultou após suas ações, os efeitos; o que houve com a família e entre ela e o jovem, a partir dos efeitos alcançados pelo projeto. Muitas vezes um projeto social resulta em aumento significativo do

conhecimento, em aumento da auto-estima e do protagonismo dos jovens. Estes objetivos são freqüentemente traçados.

Cohen e Franco (1993), escrevendo sobre projetos sociais, distinguiram objetivos, efeitos e impactos. Objetivos é o que se busca alcançar com o mesmo. Efeitos são gerados a partir das ações do projeto e impacto é o que resulta desses efeitos. Os autores usaram o exemplo de uma radiografia, procedimento para o diagnóstico de um paciente, que é o objetivo. A radiografia, um dos meios para alcançá-lo, pode trazer um impacto positivo: a melhora deste paciente.

Neste trabalho, pressupõe-se que os projetos tenham objetivos traçados a partir do levantamento de necessidades, planos e meios para alcançá-los, efeitos esperados e inesperados. Esperou-se compreender que impactos tais efeitos geraram na família dos jovens e na relação destes com a rede social, conforme ilustra o quadro 1.

Além de considerar os dados anteriormente relacionados, indicadores de resultados trazidos pela população estudada, contribuições teóricas sobre saúde e sobre o processo de desenvolvimento humano e indicadores sociais foram considerados.

Foram levantados também alguns trabalhos sociais que vem sendo realizados, suas características, resultados, dificuldades e facilidades, refletindo sobre o potencial e os possíveis benefícios da aproximação da família no processo.

Pretendeu-se assim, triangular dados e chegar a aspectos que sejam importantes no desenvolvimento profissional, individual, familiar, institucional, comunitário e social para a futura criação de projetos sociais.

CAPÍTULO 2. ESTUDOS SOBRE A FAMÍLIA E POBREZA MATERIAL

2.1. GLOBALIZAÇÃO, DESIGUALDADE E VULNERABILIDADE

Muito se fala sobre a desigualdade social no Brasil e das precárias condições de vida de milhares de famílias brasileiras.

A desigualdade no país, como se sabe, tem raízes históricas; a extrema pobreza material de alguns, mantêm-se, a despeito das condições e recursos naturais brasileiros.

Como abordou Sarti (2003a) sobre a lógica capitalista, através da qual se estudava os pobres e a sociedade no Brasil na década de 70: “o mundo do trabalho no Brasil constituiu-se dentro de um universo social onde as relações capitalistas se entrecruzam com os traços escravistas e clientelistas de nossa formação histórica. Essa característica do trabalho no Brasil reflete-se na identidade entre *pobre* e *trabalhador*..”(p.39), ou seja, são usados adjetivos muitas vezes de forma pejorativa, aqui, inclusive, identificando o trabalhador como pobre.

Assim, além da forte desigualdade, há segregação e preconceito. Muitas famílias que vivem com poucos recursos materiais, são vistas como desestruturadas, (SARTI, 2003b) recebem e já receberam outros adjetivos pejorativos, de acordo com o momento histórico estudado, mas sempre comparada a um modelo de família burguesa, ideal (SARTI, 1995), que nem sequer existe, da maneira como é idealizado; tema que será abordado em seguida.

Muitos fatores contribuem para a manutenção da desigualdade social, sendo a maioria deles conhecido e discutido, como: a falta de políticas públicas adequadas, a má distribuição de renda e a má administração de recursos públicos.

Há outros fatores, porém, pouco visíveis, que influenciam tal condição e que geram enorme sofrimento naqueles que ficam à margem do grupo que tem seus direitos básicos garantidos – alimentação, saúde, educação, transporte, trabalho e lazer; aqueles que muitas vezes passam por privação e por ameaças à sua integridade, que têm sua inserção social limitada pela lógica perversa da inclusão social na desigualdade (MELLO, 1995; SAWAIA, 1999; SAWAIA e NAMURA, 2002).

O consumismo e o classicismo são aspectos culturais de nossa sociedade, na qual é valorizado e tem poder quem desfruta de certa condição material: sociedade individualista. Sociedade em que os indivíduos sofrem pressões internas e externas, pressões privadas e públicas, que enredam os jovens de classes mais favorecidas economicamente, que tropeçam na sua formação pessoal e na formação de valores, em função das necessidades de consumo que são geradas. O mesmo se dá com os jovens com dificuldades financeiras, que têm pouco acesso ao que é considerado “básico” em termos de necessidades materiais; “básico”, que não é mais se alimentar, vestir-se, ter saúde, lazer, oportunidade de estudos e, no futuro, boas perspectivas de desenvolvimento, afetivo e profissional; básico é usar determinado tipo de roupa, com marcas identificadas, é ter telefone celular, tênis específicos, e assim por diante.

Gomes (1995), tratando das famílias que lutam pela sobrevivência, aponta a diferença entre os pais migrantes e seus filhos; os primeiros enxergam a vida de hoje melhor do que a de antes, enquanto que os filhos, que conhecem a riqueza e o estilo de vida de outros na cidade, a eles se comparam, e a partir daí, são criadas parte de suas necessidades.

Neste sentido, a mídia que nos constrói, e que ao mesmo tempo construímos, muito enfatiza tais aspectos, e, pouca forma a população; reproduz, especialmente nas novelas da TV, estilos de vida e padrões de consumo inacessíveis à maioria. Idealiza a família e dificulta a compreensão das relações familiares, principalmente daqueles que vivem com poucos recursos materiais (SARTI, 2003b).

A televisão é um meio de entretenimento muito utilizado no Brasil, sendo que 98% da população acima de 10 anos assiste TV pelo menos uma vez por semana (Instituto Marplan Brasil, 2007). Trata-se então de um veículo de comunicação de largo alcance no Brasil. Segundo projeção do Grupo de Mídia para 2000, mais de 39 milhões de lares, o equivalente a 87,4% dos domicílios do Brasil, possuem um ou mais televisores.

Enquanto isso, 38,7% da população brasileira, segundo o IBGE (2004), ou seja, um grande número de famílias encontra-se em condições de pobreza material, vivendo além do sofrimento óbvio de não ter suas condições mínimas de vida garantidas, a vergonha por não se sentirem seres humanos, valorizados e incluídos pela sociedade. Alguns não se sentem dignos de participação social, outros nem mesmo consideram-se cidadãos de direitos; não lutam por serviços de saúde e de educação. Transmitem através das gerações, uma identidade familiar pouco valorizada, às vezes, legados que perpetuam a pobreza, com membros com baixa auto-estima, em contradição com a imensa resiliência (SOUZA, 2004) que os mantêm vivos. Vivem apesar da violência constante e da luta cotidiana pela sobrevivência, em geral nas periferias (GOMES, 1995), quando falamos de populações urbanas. Muitos deles, como também apontou Gomes, migrantes, analfabetos, em permanente condição de pobreza, em processo de desenraizamento, em contraste com uma minoria que vive da alta concentração de renda.

Contradição é uma palavra que exprime bastante bem o que vivemos, em diversos níveis e classes da sociedade. Contradição por sermos uma sociedade moderna, baseada no princípio da igualdade, mas desigual em sua base econômica (SARTI, 1995), de termos acesso à tecnologia e de nos tornarmos seres globalizados, mas de forma desigual e perversa (BAUMAN 1999; SAWAIA e NAMURA, 2002), sem que muitos tenham acesso sequer à educação; contradição de ter acesso a diversas informações, presos pelas forças da classe dominante, seja ela brasileira ou estrangeira; de termos recursos, mas estarmos atados em relações de poder e de consumo, que não nos permitem romper um círculo de colonização, em relação a outros países e entre diversos grupos dentro do país; de reconhecermos e valorizarmos nossas raízes culturais, sem poder dar ao povo condições de equidade.

Temos aproximadamente 30,5% de indigentes nas metrópoles brasileiras (IBGE, 2004) e mais de 16 milhões de pessoas analfabetas em 2000 (MEC, INEP, 2007). Independentemente de muitos índices de pobreza serem relativos, retratando apenas a desigualdade de renda, a autora concorda que a pobreza no Brasil deve ser vista por diversos ângulos, portanto, como multidimensional (ACOSTA e VITALE, 2003; SILVA e BARROS,

2006). Ainda assim, seja qual for o aspecto salientado, há um número muito grande de brasileiros com baixos índices de desenvolvimento humano, portanto privados da satisfação de muitas de suas necessidades importantes.

Sendo assim, a nossa identidade como brasileiros é contraditória e pouco consistente. Conta com elementos de criatividade, de expressão do afeto, de resiliência, de superação, de alegria; convive com exemplos de bons esportistas, de contribuições científicas e humanas, mas também de corrupção, de desvio de recursos, de competição e de valorização dos bens materiais, do imediatismo e do “sucesso” a qualquer preço, de violência e de desigualdade, muitas vezes, desumanas.

Como apontou Lucas (2002), tratando da identidade nacional, das heranças do Brasil-colônia, das ditaduras, das medidas para industrialização: “No Brasil, atravessamos também grave crise de auto-estima. Isto se reflete em vários tipos de conduta pública, em que o brasileiro se apresenta hesitante quanto à própria identidade”. “O anedotário depreciativo de sua capacidade constitui vibrante indicador do despreço que o nosso cidadão alimenta a respeito de si mesmo e das possibilidades do país.”(p.185).

Enquanto isso, quem depende de serviços públicos de saúde e de educação no Brasil, é mal tratado e negligenciado. E pior, muitas vezes se conforma e se autodenomina pobre; constrói sua identidade social a partir das diferenças que estabelece com os que chama de ricos (SARTI, 2003a).

Sarti escreveu também nesta data: “A pobreza é um problema para quem a vive, não apenas pelas difíceis condições materiais de sua existência, mas pela experiência subjetiva de opressão, permanente e estrutural, que marca sua existência a cada ato vivido, a cada palavra ouvida”.(p. 12)

Carregar na sua história familiar e social os rótulos de “vadios”, “favelados”, “marginais”, “subempregados”, “população de baixa renda” e “morador de periferia”, segundo designações levantadas por Sarti (2003a), resulta, no mínimo, em polarizações, inclusive quando se aborda as classes menos favorecidas economicamente de forma gloriosa, idealizada ou romântica.

Por isso, neste trabalho, opta-se por falar de pobreza material, como ensina Barreto (2005), considerando que uma pessoa é pobre naquilo que a outra é rica e que, portanto quantidade de bens ou boas condições de vida não definem riqueza. Há riqueza de sentimentos, de amigos, de energia, de interesses, de argumentos e muitos outros tipos de riqueza. Tal pensamento, porém, não nos exime de refletir sobre a necessidade de equidade

nas relações, sejam elas entre pessoas com diferentes condições econômicas, educacionais, de diferentes gêneros, orientações e desejos sexuais, idades, etnias, culturas, religiões, crenças e aparências. Também não se pretende tirar de foco a necessidade de pensar a condição de pobreza de muitos que necessitam satisfazer suas necessidades, não só materiais e econômicas, para desenvolver-se e serem legitimados socialmente.

Como já colocou Carvalho em 1995, necessitamos além de uma política de erradicação da pobreza, uma de atenção à família. As famílias necessitam de boas condições de vida e, as menos favorecidas economicamente, de cuidados que partam de seus potenciais, recursos, crenças e culturas; cuidados e ações que favoreçam a formação de redes e de incremento da autonomia e do protagonismo; ações menos hegemônicas (SANTOS, 2003) e mais emancipatórias (FREIRE, 2001a). Assim, poderão experimentar um bem estar, que poderá ser transmitido ao longo de suas gerações, diminuindo as cadeias de transmissão de pobreza, agora não só material, mas de legados, de baixa auto-estima, de violência. Transmissões essas que expõem muitas pessoas, famílias e grupos de pessoas a altos níveis de vulnerabilidade, o que no entender da autora é um fator que alimenta a violência.

Baseamo-nos na idéia de que vulnerabilidade social é um conceito multifacetado (CUNHA, JAKOB e HOGAN, 2004), que abrange diversas dimensões, dentre elas, a social, a econômica, a política e a cultural (AYRES, FREITAS, et al. 2003). Vulnerabilidade diz respeito a indivíduos, famílias e seus bens, às suas características sócio-demográficas e ao meio em que vivem, à exposição a certos riscos, à capacidade de enfrentá-los e à possibilidade de que esses tragam fortes conseqüências para eles (CUNHA, JAKOB e HOGAN, 2004). A violência da opressão pode multiplicar-se e afetar ainda mais os oprimidos, aumentando sua vulnerabilidade. Ou seja, a violência tende a ser um fator de vulnerabilidade para quem sofre com ela, e pode através de mecanismos de repetição e de transmissão de padrões gerar mais violência e, portanto mais vulnerabilidade social.

Se vulnerabilidade depende de aspectos como renda, condições econômicas, nível educacional e intelectual, inserção social, acesso a bens e a serviços, tais questões precisam ser vistas em conjunto quando abordamos problemas como aumento da violência, da desigualdade e da vulnerabilidade social. Neste contexto, a globalização, para os países com índices de desigualdade elevados, como o nosso, pode potencializar o sofrimento dos que são chamados de excluídos (CASTEL E WANDERLEY, 2004). Estes ficam cada vez mais sem acesso ao que lhes chega como necessário e desejável; sua possibilidade de participação vai diminuindo.

Além disso, as famílias que vivem neste contexto geralmente constroem saídas para os seus problemas que alteram suas relações e inclusive a própria noção de família (SARTI, 2003b). Na visão da autora, em consonância com o que estudou Sarti, certas especificidades da família chamada pobre no Brasil, imbricadas nas relações de gênero, dificultam a compreensão destas famílias, implicando em dificuldades para seu atendimento pelas políticas públicas. Tudo isso torna a situação bastante complexa no que se refere à legitimação e às mudanças que precisam ocorrer no cenário de desigualdades em que vivem.

Macedo (1994) e Sawaia (2003) colocam que a principal característica da família é o afeto e que é preciso “eleger o afeto na ação social com famílias pobres”. (SAWAIA, 2003p.45); que estas, porém são pouco consideradas em seu sofrimento e sensibilidade. As autoras defendem, entre outras mudanças necessárias nas ações sociais, que se olhe para a família que sofre e não para a família “incapaz”; que se combata o sofrimento potencializando as pessoas; considerando o sofrimento pela injustiça, pelo preconceito e pela falta de dignidade que a desigualdade sedimenta; o sofrimento pelo medo, que poucas ações têm conseguido aplacar, principalmente nas famílias de jovens: o medo da mãe do destino de criminalidade de seus filhos, ou de que as filhas sigam o seu modelo e fiquem presas no ambiente doméstico (SAWAIA, 2003), o medo da violência (intra e extra-familiar), da falta de recursos e da dificuldade em prover o lar por parte dos pais.

2.2. INCLUSÃO? EXCLUSÃO?

Os projetos e as propostas de erradicação da pobreza no Brasil, apesar de serem alvo de discussão nos últimos tempos, na prática, poucos resultados têm conseguido. Como vimos também, violência, pobreza material e desigualdade social andam juntas e são motivo de alarde e também fazem parte de grandes discussões.

As políticas públicas voltadas para a diminuição da desigualdade social, não têm alcançado resultados significativos diante da complexidade da questão: interesses de minorias, falta de participação social da maioria, heranças históricas. Como colocou Sawaia (SAWAIA e NAMURA, 2002), mitos, discriminação e preconceitos, contribuem para a manutenção de tal cenário. São muitos obstáculos e necessitamos ações contínuas, que dependem de vontade política do poder central, além de projetos suprapartidários e sustentáveis em longo prazo.

Ao introduzir a obra de Sawaia e Namura que se propõe a incrementar a discussão sobre a dialética inclusão / exclusão, Sposati ressalta a questão do sofrimento humano nos

processos de exclusão social. Exclusão, que geralmente se apóia em diferenças, como se estas justificassem a rejeição e a desqualificação (PAUGAM, 2003), que segundo Macedo (2006,2007), é pautada em diferenças, que se tornam desigualdade e gera, medo, vergonha, humilhação, destruindo a auto-estima, a vontade de mudar e a potência humana(SAWAIA e NAMURA, 2002).Exclusão entendida como: “... estar fora de algo por uma decisão que não é produzida pelo próprio agente... em uma sociedade que, ao mesmo tempo, inclui e exclui através de um conjunto de valores que a orienta”.(Sposati, 2002 p.6).

No caso do Brasil, em que a exclusão afeta as pessoas de diferentes maneiras, a começar pela privação de trabalho, o que determina as condições mínimas de subsistência e de acesso à saúde e aos bens sociais, paradoxalmente, os “excluídos” são muitos.

Se considerado apenas o critério de inserção no mercado de trabalho, o contingente de pessoas que não possui vínculo empregatício formal e contínuo no país já é enorme, em diversas classes socioeconômicas. Mas há outras questões que tornam ainda mais séria a situação dos que aqui chamamos de excluídos (Castel e Wanderley, 2004).

De que forma, então, identificar esta grande parcela da população, sem olhar apenas para o que lhes falta; sem que pareça injusto, incoerente e que possibilite abertura e construção de mudança? Mas que ao mesmo tempo nos ajude a definir de que excluídos estamos falando?

Talvez seja possível definir o campo de estudo deste trabalho, dizendo que ele se reporta às famílias formadas por pessoas com níveis baixos de escolarização, com pouco acesso aos meios de saúde, com menores condições para transpor as dificuldades culturais e sociais implicando a manutenção do quadro de desigualdade social, que assola o nosso país desde longa data.

Ainda assim, não é possível falar da experiência pessoal de exclusão, assim de forma generalista e teórica. A pesquisa de campo provavelmente enriquecerá tal aspecto, na medida em que nos mostrará, de que forma os entrevistados, que se encaixam nas condições acima descritas, esperam incluir-se socialmente e esperam alcançar condições mais dignas e experiências de vida mais felizes.

2.3 GÊNERO E ETNIA: DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES DE DESIGUALDADE

Desigualdade social traduz-se pela falta de equidade nas relações entre grupos, portanto a diferença de oportunidades entre pessoas. No Brasil, há desigualdade social entre brancos e negros, ricos e pobres (do ponto de vista econômico-educacional), entre homens e mulheres.

A desigualdade social entre brancos e negros no Brasil é um padrão construído desde a época da colonização do país pelos europeus e jesuítas, em função da escravidão de negros e de índios. (LUCAS, 2002). Segundo o autor, o país, que desde então, sofre sérias influências estrangeiras (inglesas, espanholas e portuguesas), atualmente, tem sua educação moldada pelos Estados Unidos: “...em nossos dias a ascendência dos *yankees*¹ se tornou dramática, pois tem penetrado no cerne do tecido, que é a educação. Os jovens estão sendo moldados para a indistinção entre os valores internos e os externos, num bombardeio cultural sem precedentes.”(p.8)

Através da educação, que foi por muito tempo monopólio dos jesuítas, houve a disseminação da cultura européia e quase nenhum valor foi dado à cultura local, com suas raízes indígenas e africanas. O negro foi discriminado desde o início, inclusive pela falta de acesso à língua dos colonizadores, portanto da classe dominante, como mostra Lucas (2002). Mas não é só o negro que sofre em nossa sociedade com o preconceito e com a discriminação que sustentam a desigualdade social.

Tanto quanto os negros, pessoas que não dominam a língua e os recursos da informática, pobres do ponto de vista material, mulheres, homossexuais, aqueles cuja aparência se distancia do que é socialmente qualificado, e outras minorias, mesmo que em grande número, ainda sofrem preconceitos e muitos enfrentam a discriminação e a desigualdade de oportunidades.

Para Sawaia (2002), apresentando as idéias de Weinsfeld (2002), muitas mulheres enfrentam duplo processo de exclusão – de gênero e de classe social; são submetidas a situações de humilhação por serem mulheres e por virem de classes sociais menos favorecidas economicamente. Segundo Weinsfeld, na América Latina, as mulheres muitas vezes são chefes de família e possuem jornada tripla de trabalho (ou três importantes papéis – doméstico, na reprodução e criação dos filhos e na administração/sustento do lar. Para isso, enfrentam a desigualdade também no mercado de trabalho em relação aos homens, que são mais bem remunerados. A partir daí, muitos aspectos agravam sua situação, sendo um dos principais a dificuldade de estudar e de reciclar seus conhecimentos).

¹ Grifo do autor

A autora enfatiza a importância da mulher na participação comunitária e social; enfatiza o potencial que aí se encontra para modificação desse cenário de desigualdade, que tanto afeta quanto faz manter as mulheres pobres em tal condição.

Bento trata dos preconceitos e dos estereótipos nos processos de avaliação da força de trabalho que resultam em segmentação racial e sexual neste âmbito, falando sobre diferenças de rendimentos, de jornada de trabalho, de acesso à promoções e desigualdades nas taxas de emprego e de desemprego: “ Estudos demonstram que mesmo controlando-se variáveis como escolaridade e idade, mulheres, negros e principalmente mulheres negras aparecem ocupando os piores e mais insalubres postos de trabalho e recebendo os menores salários.” (BENTO, 2002 p.40).

Bento (2002) alerta inclusive para os conceitos de preconceito e de discriminação, defendendo que para o primeiro, que são idéias preconcebidas com sentimentos e atitudes negativas, é necessária ação educativa para reduzi-las. Já discriminação são ações praticadas por um grupo que afeta outro, portanto precisa ser combatida com dispositivos legais.

Dentre as ações educativas para redução do preconceito e conseqüentemente das desigualdades, em trabalho anterior, Feijó e Macedo (2001) defenderam a educação para a convivência com as diferenças. Trataram das relações desiguais entre homens e mulheres em nossa sociedade mantidas através da linguagem: do que se fala e como se fala dos homens e das mulheres, linguagem que sustenta expectativas de papéis rígidos e complementares entre si (MACEDO, 2007), baseados em força e competição, imersos em uma cultura individualista. Mulheres, que tentando modificar a histórica posição de dominação em relação aos homens, “tomam” o poder e alcançam com este poder relações de dominação tal qual as anteriores, repetindo o padrão autoritário. Mulheres que mandam, que “dominam”, se tiverem determinados atributos físicos e materiais; que escolhem homens fortes, corajosos, também com acesso a determinados símbolos de *status*, levando ambos, homens e mulheres, às exigências do consumo e do sucesso a qualquer preço, mesmo que seja necessário o uso da força para resolução de conflitos e para o alcance dos objetivos.

Por sucesso, entende-se a aquisição de bens, muitos deles importados e prescindíveis, preservação da imagem pessoal (corpos de acordo com padrões de beleza, divulgados pela mídia, também “importados” – louros, fortes, altos, magros, de cabelos lisos); padrões freqüentemente distantes da identidade e origem, almejados e acessíveis em função da globalização, que se por um lado amplia informações e vence distâncias geográficas, por

outro, pode servir como meio de colonização para os menos críticos, menos conscientes da própria cultura, mais fracos na visão de si mesmos, como muitos brasileiros.

Globalização, somada à desigualdade social, numa cultura individualista, na qual diferenças são pouco toleradas, certos padrões venerados, enquanto outros são desqualificados, resulta em relações de dominação e de poder, tanto quanto as mantém. Tais padrões, sejam eles pautados em construções em torno dos papéis de gênero, das diferenças étnico-raciais, religiosas e/ou das diferenças afetivo-sexuais, além de muito contribuírem para a manutenção da desigualdade, geram violência; violência interna (psíquica), opressão e externa (explícita, contra outrem). A opressão e os sentimentos advindos da violência se reproduzem nas atitudes de alguns, podendo virar meio de comunicação e de expressão: a agressividade, a falta de respeito, o medo, introspecção e submissão...Sejam elas quais forem, oprimem e reduzem a possibilidade de relações sociais mais seguras e enriquecedoras.

Sobrepondo-se aos aspectos acima discutidos, no Brasil há corrupção e roubo em larga escala, pouco controlados e coibidos. Figuras públicas, ricas, poderosas e desproporcionalmente abastadas transmitem a mensagem da impunidade, a “lei do mais esperto”: violência “em massa”, uma barreira à justiça social; quantias enormes são desviadas de regiões onde se morre de fome. É uma espécie de guerra: noticiada, pública, notória, mas pouco aplacada, o que aumenta os sentimentos de indignação de alguns, e de revolta em outros.

Ainda assim, no entanto, há aqueles que com poucos recursos encontram meios de vida e formas de se relacionarem diferentes das idealizadas e esperadas em nossa sociedade (SARTI, 2003b); aqueles que se esforçam para criar seus filhos, para se sustentarem e manterem sua vida conjugal e familiar; que sofrem e têm afetos. Serão estes bem compreendidos? Poderão ser beneficiados por políticas públicas, leis e serviços, alguns obsoletos e míopes diante de tanta flexibilidade e elasticidade? As famílias, que mudam suas configurações familiares, que alteram funções de seus membros diante de necessidades e de circunstâncias específicas são pouco vistas por órgãos e profissionais responsáveis pela garantia de seus direitos.

CAPÍTULO 3. O JOVEM E SUA FAMÍLIA

A família geralmente é o núcleo principal e a base na formação da identidade dos indivíduos. É nela que seus integrantes geralmente experimentam suas primeiras relações significativas e vivências afetivas. É a célula do organismo social que fundamenta uma sociedade (LOSACCO, 2003).

Szymanski (2003), estudando as famílias com poucos recursos materiais, escreveu como em toda a sociedade brasileira, para os “pobres”, a família têm elevada importância, “...e não apenas como rede de apoio ou ajuda mútua...”, a família é para eles uma referência simbólica fundamental na organização e na ordenação do mundo social. Segundo Sawaia (2003) a família ainda é a mediação entre o indivíduo e a sociedade.

No início da vida, o indivíduo é cuidado, alimentado e estimulado e logo vai copiando seus modelos – de comportamento e de relação; em seguida, passa a receber orientações, conselhos, para quando jovem, aplicá-los ou questioná-los, experimentando sua autonomia e testando seus limites.

É na família e na relação com os principais cuidadores que o indivíduo geralmente constrói os alicerces da visão de si mesmo; que adquire parâmetros para o relacionamento familiar, conjugal, profissional, social. A reconstrução, o seguimento ou a modificação de tais condições depende de tais parâmetros e modelos; estes são utilizados mesmo que seja para contrariá-los (CERVENY, 1994).

Os legados sobre como agir socialmente e sobre como se relacionar com as pessoas, instituições e grupos são transmitidos pela família (CERVENY, 1994; VITALE, 1995). Numa família onde o outro é ameaçador, pode ser mais difícil contar com as pessoas (FEIJÓ, 2002). Já em outras, pode ser esperado que se formem redes de solidariedade e de sustentação social.

Dentro da importância que tem a família no cuidado, formação, referência e apoio de quem a ela pertence, suas funções e necessidades variam de acordo com o momento de vida. Assim como seus membros, a família atravessa fases, se modifica e evolui; mantém muitas vezes características marcantes, mas se transforma conforme as necessidades de seus membros e do meio.

Qualquer mudança, seja ela externa – de bairro, país, estado, influências culturais e socioeconômicas, ou internas – de crescimento, desenvolvimento, adoecimento de seus membros, ou qualquer especificidade, acarreta alterações na sua dinâmica; alterações estas, mais ou menos extremadas conforme o contexto, a própria família e suas redes de pessoas significativas (SLUZKI, 1997).

Além da função de gerar senso de pertencimento, de ser a base e o contínuo lócus de desenvolvimento das relações significativas para o indivíduo, de diferenciação deste (BOWEN, 1989) e de introjeção de valores, a família sempre passa por fases e enfrenta estressores, internos (relacionados ao desenvolvimento de seus membros) e externos (relacionados às mudanças e aos impactos do meio).

Daí que, os estudos sobre a família e seu ciclo vital muito ajudam a compreender sua existência, necessidades e dificuldades em diferentes momentos, se considerados inclusive, seus diferentes contextos e singularidades.

3.1. AS DEMANDAS DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA E DO JOVEM

As famílias diferem muito, se forem considerados os aspectos econômicos e sociais. Os aqui chamados de jovens, também.

Os estudos sobre o ciclo vital familiar têm servido de base para muitas pesquisas e trabalhos com famílias. Tais estudos mostram, justamente, que a família, em relação com aqueles que dela são parte e com o meio, necessita adaptar-se e transformar-se de acordo com demandas, sejam elas internas, externas, previstas ou imprevistas. Alguns dos estudiosos, levantaram aspectos evolutivos e culturais relacionados a certo conjunto de necessidades e preocupações das famílias, em cada uma das fases de seu ciclo (CARTER e MCGOLDRICK, 1995,1999; CERVENY, 1997; MEKUNE-KARRER, 2000).

Conhecer tais pesquisas, assim como o que costuma acontecer com certa frequência em cada fase do ciclo, em determinada cultura, e ter em mente que aspectos devem ser vistos em contexto (socioeconômico-cultural), e de acordo com condições específicas (biológicas, individuais) pode ser bastante útil, na medida em que é possível aprofundar e cruzar elementos que trarão uma análise mais aguçada e complexa do tema família.

Galano (1998) escreveu sobre o ciclo vital e a complexidade, ressaltando que o desenvolvimento da família, deve ser estudado considerando-se os aspectos relacionais, contextuais e processuais, ou seja, segundo a perspectiva novo-paradigmática (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002), o que vem ao encontro com a proposta deste trabalho.

Aqui, foram levadas em conta as fases do ciclo vital em que se encontra a maioria das famílias estudadas, assim como os estudos que tratam do que pode ser comum nesta etapa de vida familiar e também o que se espera de um jovem entre 14 a 18 anos de idade, em determinada cultura, país, cidade e nas comunidades e famílias que vivem.

Foi escolhida essa faixa etária, uma vez que os autores divergem quanto aos parâmetros do que é ser jovem: jovem para alguns e adolescente para outros. Definiu-se então uma faixa, em que provavelmente a pessoa já não é mais criança, mas ainda não é considerada adulta, uma vez que se pretendia trabalhar com projetos sociais voltados para jovens, e que entre 14 e 18 anos de idade, meninos e meninas geralmente já entraram na puberdade e ainda não alcançaram a maioridade do ponto de vista legal. Evitou-se o uso do termo adolescente, categoria construída socialmente, que muitas vezes carrega significados pejorativos.

Muitas famílias, na capital paulista, são migrantes de outras regiões do país, vivem em favelas ou bairros com precárias condições de moradia e de saneamento, sem áreas de lazer, com falta de escola, de creche e de serviços de saúde, com mínimos recursos materiais. A busca pela sobrevivência nestes casos, se sobrepõe a muitas outras demandas e necessidades comuns em famílias com melhores condições econômicas. Seus filhos, muitas vezes trabalham desde cedo, em casa, em outros lares e até na rua. Têm como cuidadores outras pessoas, que não só os parentes consangüíneos (SARTI, 2003b). Espera-se destes que logo consigam trabalhar e ajudar a família (SOUZA, 2003), o que muitas vezes os privam de brincar e de viver certas etapas importantes do desenvolvimento. Mais do que isso, pode colocá-los principalmente quando jovens, em condições hierárquicas e de autoridade superiores, se os adultos estão desempregados (SZYMANSKI, 2002), ou se houve ruptura conjugal e novo casamento de um dos cônjuges, por exemplo (SARTI, 2003b).

Além disso, se entrecruzam com a construção dos papéis de gênero, anteriormente abordados, resultando em diferenças na formação do menino e da menina dos quais se espera habilidades diferentes (SOUZA, 2003).

Portanto, a autora observa que no caso das famílias em situação de exclusão social e de pobreza material, as demandas de subsistência e a necessidade de força de resistência (em relação aos preconceitos, à discriminação e às adversidades freqüentes) se sobrepõem, ou se cruzam, melhor dizendo, com as demandas do ciclo vital familiar e individual. Outra forma de dizer, seria que as necessidades desta população estão relacionadas com o contexto no qual vive, sem que isso exclua individualidades e singularidades; aliás, como deveria se pensar qualquer grupo ou família, que compartilha de algo que é socialmente construído e mantido como seu, individual ou familiar. Nas palavras de Sarti (2003b), cada família “constrói sua noção de si, supondo evidentemente que isso se faz na cultura, dentro, portanto, dos parâmetros coletivos do tempo e do espaço em que vivemos...” (p.27).

No caso destas famílias, situações extremas de risco, violência e carência precisam ser olhadas com bastante cuidado. Não como algo imutável, estigmatizante, idealizado, mas como algo a ser transformado, mas que para isso, portanto, tem que ser considerado.

Há por outro lado, aspectos que na sociedade brasileira atual são freqüentes. São comportamentos, por exemplo, comumente esperados e vistos nas pessoas em fase de transição da infância para a vida adulta, os aqui chamados jovens.

Como bem colocaram Cangelli Filho e Luisi (1997), ao estudarem o ciclo vital da família adolescente, além das mudanças físicas da puberdade vividas pelos jovens, a

maioridade se aproxima, enquanto os pais amadurecem e desta relação podem surgir conflitos. Ambos podem estar em franco questionamento, por motivos diferentes e às vezes, com desencontros. É comum que a família cobre e espere do jovem maior responsabilidade enquanto este, por sua vez, testa seus limites. Os pais, mesmo que com pouca idade, estão em transição entre o desempenho de papéis de pais de crianças e de papéis de pais de adultos (LOSACCO, 2003). Preocupam-se com a capacidade do jovem de enfrentar seus problemas e tornar-se um adulto conforme esperam. Para a maioria das famílias é uma fase cheia de ansiedade e de insegurança (LOSACCO, 2003).

Nas famílias aqui estudadas, além das preocupações de quem vê o filho alçando vôo e arriscando, há a forte presença da violência, o medo do tráfico, da gravidez sem planejamento e precoce e o medo do uso de drogas. Um medo de quem se enxerga com poucos recursos para oferecer ao filho alternativas a esses caminhos que não consideram bons; de quem acredita que pouco poderá fazer por eles, caso enfrentem tais desafios.

Além disso, nestas famílias geralmente há muitos filhos; algumas mães de jovens têm menos de 40 anos; parte delas já casou mais de uma vez; outras não casaram ou vivem apenas com os filhos. Algumas vivem com parentes e com conterrâneos, partilhando terrenos, casas e dividindo o cuidado com a prole. Nestes casos, ainda ter que cuidar do filho que busca desafios e novidades fora de casa e que, às vezes, se arrisca, seguindo comportamentos de seu grupo de amigos, questionando os parentes e buscando seus próprios valores, não é fácil!

Por todos esses motivos, paralelamente ao fato de considerar aspectos contextuais, sociais e desenvolvimentais, que são comuns a alguns desses grupos familiares, busca-se entender cada entrevistado e cada família como únicos. Estes são vistos de acordo com o seu contexto e influências sócio-ambientais, culturais, étnicas (CARTER e MCGOLDRICK, 1999; MARRA, 2005). Nem por isso, deixa-se de considerar a representação social da juventude, chamada por alguns de adolescência, as tensões e preocupações freqüentemente a elas associadas.

3.2. CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Cada família é uma família; não está nos livros, nem na teoria. A família com a qual muitos sonham e na qual muitos teóricos e profissionais do campo se norteiam, e usam como modelo do que deveria ser, não existe.

Por isso, procura-se entender as mudanças e os impactos ocorridos nas famílias estudadas, conforme significados por elas construídos. Quando tais diferenças ou mudanças forem apontadas pela pesquisadora, serão consideradas as diferenças em relação à mesma família estudada em outros momentos, e não em comparação com outras famílias ou com modelos pré-definidos.

Apesar de assumir uma posição crítica em relação ao cenário social no país, a autora parte da construção resultante do diálogo com os entrevistados e com os seus interlocutores acadêmicos para entender que família estuda, do que esta necessita e como se sente impactada e beneficiada com a participação do jovem no projeto social.

Macedo (1994) alertou para o cuidado de pensarmos de que ponto de vista estamos estudando a família, utilizando o referencial sistêmico no paradigma da construção do real para falar da família do ponto de vista psicológico.

A autora analisou as transformações a partir de mudanças contextuais, usando como eixo norteador: ciclo vital, etnia, cultura, gênero e nível sócio-econômico.

Usando então as palavras de Macedo (1994, p.64) “quando há intersecção do domínio teórico com a prática, seja em termos de intervenção ou de pesquisa, é necessário considerar a família de cada um” “... O conceito genérico de família implica idealizações e normatizações”, como também aponta Szymanski (1995).

Parte-se aqui de tais idéias, e como bem colocou Macedo (1994), que tais normatizações e idealizações dão origem a mitos, crenças e expectativas; que não se deve cair na armadilha de tentar comparar as famílias, de estudá-las ou de trabalhar com as mesmas com base em um modelo, sem diálogo, abertura e entendimento da singularidade imbricada no sistema macro. “A família é um sistema aberto em transformação” (Minuchin, 1982. P 56); quer dizer que está constantemente recebendo e emitindo *inputs* do e para o extrafamiliar. A família é formada por pessoas com laços de filiação não só biológicos e tem como função o provento material, afetivo e a proteção de seus membros (ECA, 1990). Segundo Cervený, (1999), a família ainda é como era, mas já não é a mesma, concordando com Figueira (1987), de que o moderno e o antigo convivem na família brasileira, de modos sutis e complexos, mas pouco estudados. Cervený (1999), abordou também as mudanças tecnológicas, aumento da longevidade, mudanças no comportamento sexual, recasamentos e uniões entre pessoas do mesmo sexo e seus impactos nas mudanças das relações familiares. Cervený e Berthoud, numa pesquisa de 97 com famílias de classe média de São Paulo, mostraram o casamento ainda como uma forte instituição: marido visto como provedor e mulher como amparo

emocional. Por outro lado, constataram o aumento da escolaridade e profissionalização da mulher, maior divisão das tarefas entre os cônjuges e a menor ênfase em valores como virgindade antes do casamento. Os estudos de Cerneny (1994) apontaram também, que no Brasil a socialização continua sob responsabilidade da família.

Souza (1994) há muito vem estudando família, divórcio e paternidade, guarda dos filhos com os pais e também destacou, em seu trabalho, a visão parcial dos estudos sobre família ao longo da história e as possíveis interferências de papéis de gênero em tais estudos e nas relações conjugais e pós-divórcio.

Sarti (2003b), estudou a concepção de família segundo os “pobres” e escreveu que o discurso social a respeito da família “... reflete-se nas diferentes famílias como um espelho. Em cada caso, entretanto, há uma tradução desse discurso...”(p.27). Sarti, nesta publicação, como Cerveney (1999), relacionou as mudanças tecnológicas e as transformações familiares, e nos menos providos de recursos materiais identificou papéis de gênero e demandas específicos.

A autora concorda então, que seja necessário ampliar os referenciais e o olhar sobre as muitas famílias, já que estas apresentam enorme elasticidade na contemporaneidade e são diferentes umas das outras.

Guiddens (1993) também coloca que temos questões trazidas pela modernidade, cita as desigualdades de gênero e de classes; cita também a impossibilidade dos avanços tecnológicos suprirem todas as necessidades do homem.

Da Matta (1987) vê a família como um valor na sociedade brasileira e fala do mito da família patriarcal. Ele mostra como o “familismo” cria uma regra de convivência social acima das leis (regra do compadrio e dos agregados); manutenção de padrões relacionados a gênero - mulher no espaço privado e homem no espaço público, que mantém os padrões desiguais anteriormente discutidos.

Macedo (2006), concordando com Da Matta, ressalta que existe um certo patriarcalismo na família brasileira e também um padrão matrifocal. Portanto, há uma valorização da figura masculina, mas que a família se organiza em torno da mãe.

Carvalho (1995) fala sobre o empobrecimento da família brasileira e da crescente interdependência entre globalização e economia, implicando alterações na estrutura, no sistema de relações, papéis e formas de reprodução social. Aborda a questão dos adolescentes que saem da escola rumo ao mercado de trabalho, a nova divisão de trabalho entre mulheres e

homens e entre jovens e adultos. Fala também sobre o aumento do número de mulheres chefes de família, unidades familiares múltiplas e/ou ampliadas por agregados.

Entende-se então, que as famílias têm muitos formatos e formas de se relacionar. Porém, apesar de terem diferentes características, sejam elas com membros adotivos, agregados, homossexuais, famílias monoparentais, casadas, recasadas, multinucleares, solteiras, divorciadas... , elas, ao mesmo tempo em que lutam por ideais igualitários, muitas vezes sonham com o amor romântico e/ou difundem as desigualdades em torno das questões de gênero; mantêm o padrão dominador-dominado pautado em poder, força, sedução, dinheiro e posição social.

São produtoras da cultura e são produzidas por ela, como discutiram Motta e Ciurana (2002).

Tais expectativas e construções podem ser encontradas em famílias com precárias condições materiais, mas sua luta e dia-a-dia são diferentes da rotina das famílias nas quais a subsistência está assegurada. Em ambas, as expectativas e as ações educativas em relação aos meninos e às meninas podem ser diferentes, mas na família com dificuldades financeiras, o medo do envolvimento com o tráfico, da gravidez precoce e da violência são maiores. Seus sonhos convivem com a iminente violência.

O que se parece então, entre as famílias com piores condições socioeconômicas e as demais, é o afeto, o sonho de felicidade – de casar bem as meninas, de que os filhos estudem, de encaminhar os meninos numa profissão que lhes dê melhores condições de vida e que os distancie dos perigos; que o homem ocupe o papel de provedor e de chefe da família, de que a mulher tenha domínio sobre o lar e que cuide das relações (MACEDO, 2006;SARTI, 2003b). Paradoxalmente, as famílias com baixa-renda esperam que as meninas de amanhã ocupem um lugar diferente de suas mães, hoje, presas no ambiente doméstico (SAWAIA, 2003). Já os jovens, aqueles que no seu processo de desenvolvimento e de diferenciação (BOWEN,1989;CERVENY, 1994), questionam e buscam certo distanciamento das famílias, percebem na, sua maioria, a família como a mais importante das instituições, um “porto-seguro” (LOSACCO, 2003;SAWAIA, 2003).

Independentemente da configuração familiar, do momento do ciclo vital da família e de sua condição sócio-econômica, a família pode ser um importante foco de mudança social, mas para isso precisa ser entendida de forma complexa, multifacetada e dinâmica por quem constrói as políticas públicas e os projetos sociais.

CAPÍTULO 4. POLÍTICAS PÚBLICAS E PROJETOS SOCIAIS VOLTADOS PARA JOVENS NO BRASIL

4.1 O JOVEM, A ESCOLA E OUTROS RECURSOS EDUCACIONAIS

Considerando que o tema educação é bastante amplo e complexo e que as dificuldades da escola e dos jovens com a escolarização são inúmeras, pretende-se aqui entender algumas propostas de Projetos Sociais e ONGS como recursos educacionais, especialmente para jovens de menor renda.

Como o processo educacional apresenta muitas lacunas, projetos e ONGS trabalham na direção de preencher parte destas. Porém, ainda, não o fazem com a completude necessária; muitos deles não planejam e registram suas ações para que com isso obtenham dados que subsidiem avaliações, de maneira constante e sistemática.

Os profissionais e instituições da área de educação enfrentam grandes dificuldades, desafios; especificamente na educação formal, em escolas do Ensino Médio. Como cativar o jovem e envolvê-lo na exposição das aulas planejadas? Como transmitir a ele a importância dos conteúdos ali apresentados? Como ter autoridade para ensinar sem ser autoritário (SZYMANSKI, 2003)?

A escola, principalmente a pública, não se modernizou (DOWBOR, 2005), não atualizou seus recursos, nem mesmo a didática. Está lotada e deixa milhares de crianças e jovens à margem. O jovem não encontra ali algo que venha ao encontro de seus interesses; algo que seja mais dinâmico e mais atraente do que o mundo lá fora – seja ele o mundo virtual (computadores, videogames e tvs) ou real – o tráfico, suas estratégias, ações e desafios.

A maioria dos jovens não vê perspectiva de melhoria através dos estudos; muitas escolas apresentam um currículo pouco interessante, além de distante das necessidades atuais. Assim como em algumas famílias, em que há pouca possibilidade de diálogo entre adultos e jovens. Portanto os primeiros não entendem do que os segundos necessitam. (UNICEF, 2004).

Como escreveu Ribeiro (2002), a escola é um lugar estratégico para a aquisição de cidadania e para a atuação juvenil, mas o ensino é massificado e pouco interessante. Para Freire (1996), é necessário que haja liberdade, construção, o que às vezes se confunde com licenciosidade, ponto com o qual concorda Szymanski (2003), para quem, alguns educadores cerceiam as oportunidades de escolha dos jovens e confundem autoridade com autoritarismo.

O Professor Juarez Dayrell, (2006), coordenador do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, defende uma mudança radical nas escolas e aponta, inclusive, para a necessidade de criação de espaços nas escolas para a convivência entre gerações.

Verifica-se que vários fóruns e seminários vêm sendo realizados sobre juventude e políticas públicas, mas pouco se vê de concreto e contínuo no que se refere ao trabalho com famílias, proporcionalmente às necessidades que se apresentam.

A família muitas vezes está desorientada em relação aos valores, dadas as transformações rápidas e profundas que ocorrem na sociedade. Já não sabe mais como transmitir ao jovem seus valores ou como sustentar aquilo que acredita ser bom. E, soma-se a tudo isso a existência de alguns dos adultos, no âmbito público ou privado, que no lugar de serem modelos para os jovens, envolvem-se em atos ilícitos, de corrupção, de ganho financeiro rápido, de abuso de substâncias e uso da violência; há também aqueles que assistem a tudo isso indignados, sem saberem como desconstruir tal idéia. Muitos ajudam a construir a incoerência no sistema social, cuja evolução não acompanhou as mudanças tecnológicas e muito menos as expectativas de equidade e de participação mais democrática. (SOUZA, 2003). Alguns expressam, o que a mídia reforça, que aqui só cresce (“se dá bem”), quem é esperto, quem rouba.

Naturalmente, há também os adultos que sedimentam valores como a honestidade e priorizam ações que envolvem esforço de crescimento e de solidariedade. Mas vale ressaltar que mesmo alguns pais bastante seguros de seus princípios, apresentam dificuldades de passá-los aos filhos. O distanciamento mantido entre estes e a escola, tende a ampliar tal dificuldade.

Neste sentido, as ONGs (Organizações não-governamentais), muitas vezes ocupam um espaço importante na vida dos jovens que a elas pertencem. De acordo com suas propostas e idéias, muitas vezes transmitem aos jovens que aprender, treinar algo e cuidar de si e do outro pode ser muito bom. Algumas almejam a educação integral (CARVALHO, 2006; GUARÁ, 2006; SETÚBAL, 2006) e a maioria busca ampliar a abrangência da educação através de projetos (DIMENSTEIN, 2006; NOAM, 2006; ZELMANOVITS, 2006), outras objetivam a articulação da comunidade com a escola (ARAUJO E KLEIN, 2006).

Estas organizações são lugares onde os jovens buscam o que gostam de fazer e lá, formam redes de pertencimento em torno de algo que é positivo: música, esporte, dança, informática... E, muitas vezes, aprendem a se conhecer e a respeitar as diferenças, valorizando raízes culturais diversas.

ONGS e outros tipos de organizações podem parecer “ilhas” tranquilas dentro de um espaço geográfico de intensa pobreza, violência, falta de recursos e de perspectivas. Infelizmente, não o são. Mesmo que pretendam acolher o jovem e direcioná-lo para um

desenvolvimento saudável e distante das agruras de uma dura realidade, também precisam conviver com ela e lidar com as questões dela advindas.

Realidade que retrata um país subdesenvolvido em aspectos sociais, mas no que diz respeito a outras áreas, apresenta focos de desenvolvimento e de riqueza mal distribuídos; país onde, apesar de se ter acesso a recursos tecnológicos de última geração, por valores cada vez mais reduzidos, estes ainda são inacessíveis à escola, que quando os têm, não os sabem utilizar e gerir; não tem condições de mantê-los ou não tem um plano de ação, um projeto educativo consistente, como abordou Souza, (2003),

Há jovens “internautas” que vivem a contradição da riqueza de possibilidades virtuais e da escassez de recursos reais.

O Estado dificulta que sejam feitas rápidas mudanças na escola pública, mas algumas ONGS conseguem se aproximar das necessidades locais, apesar da freqüente falta de recursos.

Como escreveu Dowbor (2005), tecnologia sem educação não é muito útil. “As tecnologias em si não são ruins. Fazer mais coisas com menos esforço é positivo. Mas as tecnologias sem a educação, conhecimentos e sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento, leva-nos apenas a fazer mais rápido e em maior escala os mesmos erros.” (p.9)

4.2 PROJETOS SOCIAIS VOLTADOS PARA JOVENS – ALGUMAS PROPOSTAS

Os Projetos Sociais para jovens geralmente visam ao desenvolvimento social a partir do incremento da autonomia e do protagonismo dos jovens, pois entendem que assim mudarão a participação deles na sociedade, com possibilidades de transformá-la e de se auto-transformarem. A maioria dos projetos, porém, direciona suas ações procurando não só ampliar os conhecimentos técnicos e culturais dos jovens, mas também lhes propiciar alguma atividade do seu interesse. Alguns já têm como meta levar os jovens à reflexão, objetivando a mudança de posturas, ao desenvolvimento de uma visão crítica e política, para que eles transformem seu meio, além de se fortalecerem. Nestes projetos, além de atividades esportivas ou pedagógicas, existem também trabalhos em grupo e discussões voltadas para o desenvolvimento pessoal do jovem.

Constata-se que a minoria dos projetos planeja ações mais amplas, inclui a família e o meio social em suas atividades, beneficiando-os diretamente, e não somente através do desenvolvimento e da segurança do jovem. Na maioria dos projetos, o jovem frequenta o projeto ao invés de estar nas ruas, aprende, faz amizades e amplia seus conhecimentos e recursos, porém não lhe são dadas condições de que estes benefícios sejam estendidos às suas famílias.

É possível que alguns gestores queiram de fato aumentar a abrangência do projeto, mas que não o fazem por não terem recursos ou não saibam como vencer as inúmeras dificuldades para assim trabalharem.

Conforme exposto anteriormente, a autora partiu de sua experiência em projetos sociais. O primeiro deles é voltado para o fortalecimento de famílias e redes na comunidade, que realizam reuniões sócio-educativas junto a representantes de famílias pertencentes a um programa de transferência de renda; o segundo é direcionado à “inclusão digital de jovens” em uma ONG cultural e, o terceiro é um projeto de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), Aids e gravidez não planejada, destinado a profissionais que realizam a limpeza de rua na cidade de São Paulo.

Todos os projetos nos quais a autora trabalhou, antes de iniciar esta pesquisa e também aqueles nos quais trabalha atualmente, a fizeram refletir sobre a importância de serem consideradas as demandas das comunidades alvo, para que então pudessem ser cumpridas as etapas: planejamento, execução, avaliação e a continuidade dos projetos; bem como sobre a importância destes projetos promoverem o desenvolvimento social, com ações que transcendam seu público alvo inicial ou formal (crianças, jovens, mulheres, homens), aproximando as famílias e fortalecendo as comunidades e redes às quais pertencem. Acredita que só assim, será possível uma mudança social, que, como sabido, depende muito de outras iniciativas e fatores, a começar pelo investimento na educação. Além de ações governamentais e não governamentais que protejam e desenvolvam as famílias e o seu meio social, é necessário garantir-lhes os seus direitos e, portanto oferecer uma educação de qualidade para todos, além da ampliação do mercado de trabalho.

Com o intuito de ampliar o contexto da pesquisa, a autora resume aqui, de forma breve, algumas das propostas de projetos sociais para jovens que ela conheceu e com as quais trabalha ou trabalhou.

- **Ong cultural e esportiva, com foco na comunicação e com projeto sobre cultura negra**

A instituição nasceu para trabalhar com crianças acima de doze anos, num momento em que a favela mais próxima tinha acabado de passar por mais um incêndio, em função de instalações clandestinas da rede elétrica. Busca preparar os jovens para o mercado de trabalho e, crianças e jovens para a ética nos relacionamentos, além de educá-los para a cidadania; visa à multiplicação dos conhecimentos, com conseqüente desenvolvimento da comunidade. Entende que o olhar crítico e coletivo é necessário para a transformação social. Tem como missão mobilizar e incentivar o engajamento de jovens e adultos de diferentes classes sociais, em projetos que melhorem sua vida e a vida de futuras gerações. Visa a tornar sua metodologia um referencial de desenvolvimento comunitário, para que seja reproduzida e se torne referência para articulação de políticas públicas. Atende atualmente crianças de oito a quatorze anos e jovens, de favelas da zona sul, não necessariamente matriculados na escola pública, com o intuito de incentivá-los a seguirem os estudos. Situa suas atividades, conforme metodologia reconhecida pelo Banco Mundial e Fórum Social Mundial, nos eixos intelectual, ético e profissional. Segue os princípios do tratado de paz da UNESCO: respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta, redescobrir a solidariedade - educação com valores humanos. Realiza atividades esportivas e culturais, dentre elas: oficinas de dança brasileira, cultura afro-descendente, literatura, percussão, música e dramaturgia negra. Os jovens freqüentam o projeto duas ou três vezes por semana.

- **Ong Cultural, esportiva, com foco no ensino da música**

Esta Ong é formada por mais de 2.000 crianças e adolescentes, moradores da zona sul de São Paulo. Foi criada há 10 anos e tem na prática musical uma forma de criar alternativas às drogas e à delinqüência juvenil. Seus participantes têm aulas de música (percussão, bateria, canto), dança, teatro, futebol, fotografia, inglês e informática, dentre outras. A proposta da ONG é que através da música e da profissionalização dos jovens neste campo, se dê voz à fome, à exclusão, ao abandono, às desigualdades sociais, às situações de risco pessoal e social em que vivem.

- **Projeto de Inclusão Digital**

Foram realizadas em Ongs, algumas edições deste projeto. Em cada uma delas, mais de 100 jovens entre 14 e 24 anos aprenderam a trabalhar com softwares e equipamentos eletrônicos e digitais, além de participarem de grupos e de atividades culturais e passeios. O projeto tem por objetivo promover a inclusão de jovens no universo das tecnologias de informação e contribuir para a redução da desigualdade de oportunidades, ensinando os jovens a construir sites e a trabalhar com informática, equipamentos fotográficos e fonográficos. Visa ao aprendizado para o trabalho em grupo, ao aumento da auto-estima e à abertura de novas perspectivas profissionais para esses jovens. Além disso, como produto final dos dez meses de trabalho com os jovens, estes realizam produtos para terceiros, tais como sites de escolas e de Ongs.

Tal proposta parte também do pressuposto de que “novas tecnologias da informação e da comunicação - associadas à construção de uma sólida noção de cidadania e ao desenvolvimento da capacitação de buscar conhecimento, aprender e dar valor a projetos pessoais ou coletivos - podem repercutir positivamente na relação destes jovens com sua rede de pertencimento, formada por família, escola, grupos sociais e com o mundo do trabalho.

- **Programa de Tutoria**

O Programa foi idealizado há aproximadamente cinco anos como uma forma de estender a atuação de projetos de inclusão digital, possibilitando o acompanhamento e a orientação profissional de alguns dos jovens que destes participaram. Uma vez que os jovens saíam de um programa de aproximadamente um ano, habilitados a lidar com o computador, tornou-se necessário criar uma maneira de fazê-los encontrar seu caminho profissional e inseri-los no mercado de trabalho.

Com a experiência adquirida em projetos digitais, os coordenadores do Programa detectaram que alguns dos jovens necessitavam de um acompanhamento mais profundo, que incluísse a ampliação das perspectivas de futuro profissional, o esclarecimento sobre o dinamismo do mercado de trabalho e sobre as condições de empregabilidade; um acompanhamento que ajudasse na elevação da auto-estima, da autoconfiança e da motivação; que ampliasse a rede de relacionamentos, o acesso a oportunidades e ao universo cultural. Daí

surgiu o Programa de Tutoria, ou seja, um orientador que acompanhasse, de maneira personalizada, a busca desses jovens por uma carreira. O Programa foi concebido à luz de uma visão de adolescência e juventude alicerçada na perspectiva do desenvolvimento humano, na qual todo indivíduo nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo. Para tanto, pensou-se numa orientação mais personalizada possível, que possibilitasse ao jovem o acesso a diferentes oportunidades que contribuíssem para o desenvolvimento de suas competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas. Estabeleceu-se doze meses de orientação profissional e individual, além da realização de oficinas, de encontros e de atividades culturais, visando ao apoio na orientação de carreira e ao desenvolvimento de um conjunto de capacidades, habilidades e conhecimentos, que lhes proporcionasse melhores oportunidades no início de suas vidas profissionais.

- **Projetos de Liberdade Assistida**

Fundada há mais de 30 anos, a organização atende a mais de 2000 pessoas e realiza mais de dez projetos sociais. Tais projetos são diversificados e bastante abrangentes, atendendo desde crianças em suas creches até idosos em abrigos. Uma de suas unidades presta assistência aos adolescentes, inseridos em medidas sócio-educativas de liberdade assistida. São atendidos 150 adolescentes por mês. A entidade tem como missão resgatar a dignidade do ser humano, tornando-o capaz de exercer sua cidadania. Seu objetivo é dar respostas a situações de carência da sociedade. Sua função é assessorar e administrar programas de reintegração social, específicos para cada segmento da população, em todas as fases da vida – trabalha com a população em geral, inclusive crianças, adolescentes, homens, mulheres, idosos, pessoas em situação de rua e com famílias migrantes. O Projeto, aqui estudado, é voltado para jovens cumprindo medida sócio-educativa, em liberdade assistida, conforme determinação de um juiz. Neles são realizados, além de atividades e cursos profissionalizantes, orientações e encaminhamentos. Também faz parte da rotina, o acompanhamento do jovem e da família, de acordo com a medida.

- **Ong educacional, cultural e esportiva**

Uma organização da sociedade civil reconhecida como modelo mundial no apoio às crianças em situação de vulnerabilidade social, sem fins lucrativos. Atua, desde o final da década de 90, em São Paulo e em mais duas cidades brasileiras no atendimento de 1.500 crianças, adolescentes e jovens. Os atendimentos se dão por meio de programas e projetos que visam à sustentação de uma nova pedagogia provedora de conhecimento, cultura e cidadania. Desenvolve o trabalho com abordagem de temáticas sociais por meio da arte, cultura, educação e do esporte. Possui um departamento social com a missão de buscar a mobilização dos diversos atores sociais: família, escolas e entidades ligas às redes locais, para atuarem em parceria.

Busca contribuir para a formação educacional e cultural de crianças e jovens, para que possam atuar com autonomia na transformação de suas realidades.

CAPÍTULO 5. ESTUDOS E TRABALHOS COM AS FAMÍLIAS: UMA VISÃO SISTÊMICO-CIBERNÉTICA NOVO PARADIGMÁTICA

Os estudos e os trabalhos com as famílias vêm se desenvolvendo muito no Brasil, especialmente nas últimas três décadas. O campo da terapia familiar evoluiu para o que se chama hoje de Práticas Sistêmicas, segundo um enfoque novo-paradigmático e segundo os estudos da cibernética de segunda ordem (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002,2004; GRANDESSO, 2000; SLUZKI, 1997). O trabalho neste campo está atualmente voltado para o indivíduo, para a família, para as relações destes com os demais, para a rede social, em seu contexto sócioeconomicocultural(SLUZKI, 1997).

Abordando ainda o desenvolvimento das práticas psicoterapêuticas e da terapia familiar, destacam-se o movimento construtivista,o construcionista social e o narrativo, vistos aqui como complementares, conforme uma visão complexa, que trazem em seu bojo a importância dos significados construídos nas narrativas(GRANDESSO, 2000).

Atualmente, seja em atendimentos terapêuticos, no trabalho social e/ou em atividades preventivas, prevalece a idéia de que os seres humanos constroem sua visão de si mesmos, de suas famílias e de suas redes significativas (SLUZKI, 1997), e que esta construção se dá através da linguagem e no meio social. Por isso, a importância de se trabalhar a partir das demandas daqueles que procuram profissionais e serviços, compreendendo seus pedidos, tanto quanto o significado que atribuem à sua vida e às suas necessidades; de partir do que é importante para eles, construindo novos significados possíveis e ajudando a questionar e a desconstruir mitos e ideologias dominantes, que contribuem para mantê-los de uma forma que não querem estar (White, 1991). Portanto, dando ênfase ao peso que a desigualdade e exclusão têm na produção da problemática dos indivíduos, das famílias e das comunidades; trabalhando com o social, mesmo que se atenda uma pessoa, para alcançar maior transformação e equidade nas relações (Macedo, 2007).

O olhar sobre a família, no campo acima referido, evoluiu de uma visão linear para uma visão circular. No início, mesmo que já influenciada pelo pensamento sistêmico e pelos estudos da cibernética, havia tendência a definir ou a classificar famílias segundo idéias de como esta deveria funcionar e ser tratada. Aos poucos, foi sendo construída uma visão

circular, com maior ênfase ao contexto e às interações. Inclusive pelas dificuldades clínicas, os profissionais da área de terapia familiar alcançaram uma maneira mais complexa e abrangente de entender o indivíduo e suas relações familiares, pautando-se também nos estudos da cibernética de segunda ordem e portanto, na visão de que só é possível estudar famílias e trabalhar com estas, incluindo o observador (profissional) como parte deste estudo ou trabalho; de que não há uma realidade única a ser observada, independente de quem a observa ;que, o que se observa, depende também de quem o faz, de suas lentes e dos significados que podem construir; que este processo de construção de significados influencia e é influenciado pelo social e pela cultura na qual as pessoas vivem COMBS e FREEEDMAN, 1996; ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002; GALANO, 1998; GRANDESSO, 2000; HOFFMAN, 1990; MOTA e CIURANA, 2002;SLUZKI, 1997;WHITE, 1991; WHITE e EPSTON, 1993;).

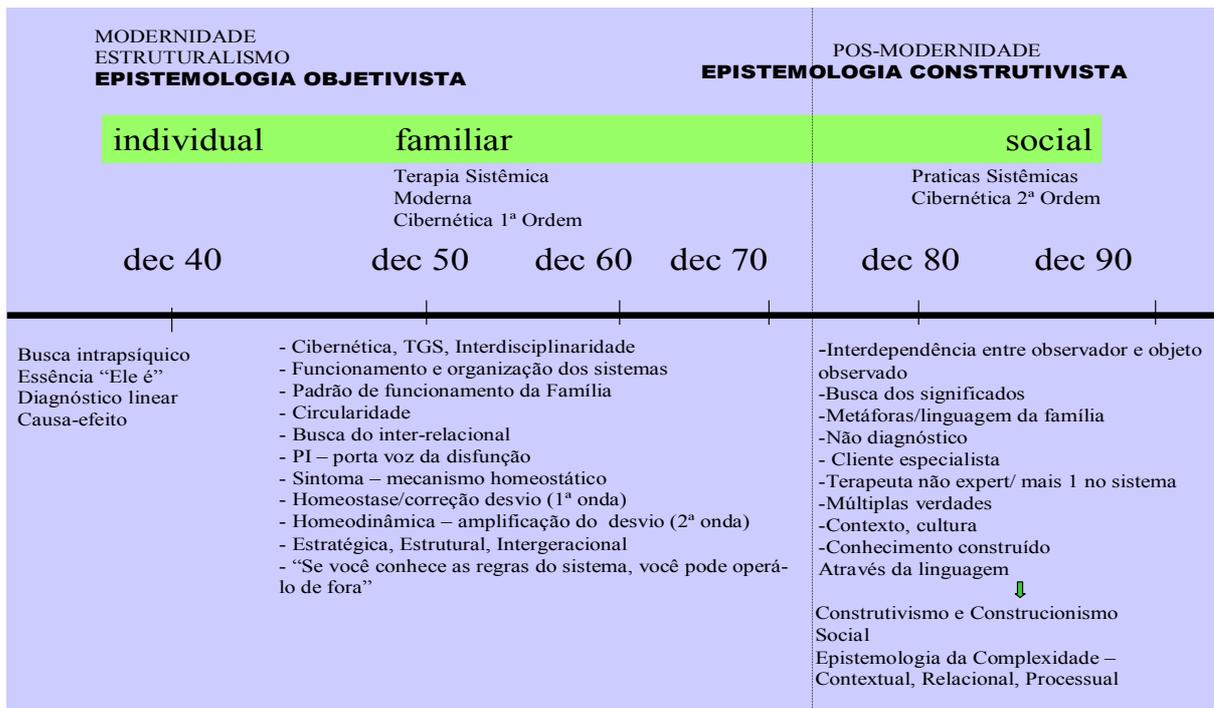
Além de tais idéias, o pensamento novo-paradigmático enfatiza, não só os aspectos processuais e relacionais, mas, também, os contextuais, na forma como olham as famílias e as demandas de trabalho com estas. Traz como eixos norteadores a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade (AUN, ESTEVES DE VASCONCELOS e COELHO, 2005; ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002; MORÉ e MACEDO, 2006). Portanto, considera que cada família é uma família (MACEDO, 1994; SZYMANSKI, 1995), com seus recursos, possibilidades e significados, podendo construir com o outro alternativas para o viver, que lhes sejam significativas, viáveis e desejáveis.

Na linha de tempo, na qual a autora organiza e resume didaticamente o movimento da terapia familiar, segundo a revisão feita por GRANDESSO (2000) e Esteves de Vasconcelos (2002), vê-se esquematizado o desenvolvimento desta área de atuação e de suas principais bases teóricas, com foco no campo das psicoterapias.

Cabe ressaltar que a representação é didática, na medida em que movimentos teóricos, linhas de trabalhos terapêuticos e não terapêuticos, foram desenvolvidos ao longo do tempo, concomitantemente em diferentes países, locais, centros de estudos, áreas do saber; com diversos nomes e avanços, difíceis de precisar. Tal esquema pode ajudar a compreender o movimento interdisciplinar e histórico, que a partir da década de cinquenta, resultou em ênfase na terapia familiar como proposta de solução para a maioria dos problemas psicológicos dos indivíduos, e, a partir da década de noventa, com ênfase nas práticas sistêmicas, que incluem a terapia familiar, mas não se restringem a esta, como alternativa ampla e ao mesmo tempo flexível para a proposta de transformação social e de trabalho com

indivíduos, famílias e grupos segundo suas demandas, necessidades, contextos, significados e valores (MORÉ, 2000; MORÉ e MACEDO, 2006).

Quadro II. Análise Epistemológica e Hermenêutica



A linha de tempo elaborada a partir da obra *A Reconstrução do Significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*, de Marilene Grandesso, (2000); e das obras *O Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*, de Maria José Esteves de Vasconcelos, (2002) e *O Ponto de Mutação*, de Fritjof Capra, (1982), procura ilustrar como o campo da terapia familiar se desenvolve. Nasceu após a II Guerra Mundial, contexto no qual, até então, a psicoterapia era primordialmente individual, com foco no intrapsíquico, com a predominância da linha psicanalítica, como forma de buscar no inconsciente as causas para os transtornos psíquicos (diagnóstico linear; pensamento de causa e efeito); chegou, inicialmente, para atender à demanda de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia e à demanda de famílias com membros chamados de delinquentes, com base em teorias e estudos de diversos campos e áreas do saber, mas principalmente na Teoria Geral dos Sistemas (TGS) e na Cibernética. Teoria que na sua evolução foi nomeada de Cibernética de Primeira Ordem,

com seus dois momentos: Primeira Cibernética (ou Primeira Onda), na qual se dá ênfase à homeostase (capacidade de auto-regulação dos sistemas para a estabilidade); e Segunda Cibernética, que agrega a homeodinâmica (capacidade de transcendência e mudança dos sistemas abertos, fora do equilíbrio); Cibernética de Segunda Ordem, ou Cibernética dos Sistemas Observantes, na qual o observador é incluído no campo de observação, dando ênfase ao significado atribuído aos fatos.

A TGS – Teoria Geral dos Sistemas, foi a base teórica usada para compreender os sistemas, suas semelhanças e diferenças, portanto as famílias, eram vistas como sistemas (BERTALANFFY, 1977;GRANDESSO, 2000). Como diferiam das máquinas e não se encaixavam perfeitamente nos estudos iniciais sobre seus mecanismos de *feedback*, as famílias e os demais sistemas sociais passaram a ser vistas como sistemas abertos (GRANDESSO, 2000).

No começo dos trabalhos, até então informados pela Cibernética de Primeira Ordem, na sua Primeira Onda/Primeira Cibernética), a família era vista como um sistema cibernético, em que o membro doente, o PI – Paciente identificado, funcionava como bode expiatório, trazia o sintoma como um dos mecanismos homeostáticos (manutenção do padrão de funcionamento da família). Logo se percebeu, no entanto, que a família, além de adoecer para manter seu funcionamento, e de ter suas regras de funcionamento, era capaz de mudar para atender às exigências do meio. Daí, a inclusão da homeodinâmica e da morfogênese, como características do sistema. Já na Segunda Cibernética ou na Segunda Onda da Cibernética, quando se percebeu através da Física, que os sistemas também tinham possibilidade de funcionar fora do equilíbrio, a capacidade de mudança e de autotranscendência, passaram então, a ser consideradas características importantes da família.

A partir da década de 80, paralelamente à evolução do campo teórico (física, química, biologia, filosofia), com influências do novo-paradigma da ciência, a terapia familiar se desenvolveu muito, o que fez relativizar certas convicções sobre as famílias, em especial a idéia de que seria possível observá-las de forma neutra, intervir sobre elas com a convicção de saber do que precisam, como faz um *expert*, de fora do sistema.

Houve então uma mudança de uma visão mais objetivista e estruturalista, na qual os sistemas são observados, para uma visão construtivista, dos sistemas observantes, na qual só é possível construir uma realidade a partir do que se vê, que depende de quem a observa, de suas lentes e da relação que com ela estabelece, portanto de como cada fenômeno é observado: seja uma família, uma situação social ou qualquer outra.

Os terapeutas familiares construtivistas, conforme se autodenominaram muitos profissionais da área, na década de 90, já não eram vistos como *experts*. Logo em seguida, ainda baseados na epistemologia construtivista, caminhando para um olhar mais complexo e novo-paradigmático, alguns se autodenominaram construtivistas, outros construcionistas e/ou narrativos. A partir deste momento, o terapeuta e o profissional não se consideram mais como especialistas que sabem no que a família tem que mudar; o que se passa e o que é melhor para ela. Tais profissionais, tenham eles bases sistêmico-construtivistas e/ou construcionistas ou narrativas, acreditam que a realidade observada depende de quem a observa, portanto há que se construir novos significados para gerar alternativas e possibilidades (GRANDESSO, 2000).

O pensamento novo paradigmático salienta a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade na construção do conhecimento, portanto a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade das relações humanas, possibilitando que o profissional que nele se apóia para pensar sobre a sua prática, trabalhe com processos, relações e contextos, considerando que o desenvolvimento humano e social e que as relações são processos complexos e imprevisíveis, nos quais, inclusive a subjetividade de quem os observa, deve ser levada em conta. (ESTEVES DE VASCONCELOS, 2002)

Assim, no caso do trabalho com e para as famílias, há que se considerar seus contextos, suas inúmeras possibilidades, suas raízes culturais, valores e significados, suas necessidades e disposição para traçar novos caminhos; há que se considerar a relação entre eles, com as pessoas de suas redes de pertencimento e com o profissional que com eles atua.

Nas práticas sistêmicas, conforme identificado pela autora, incluem-se terapia individual, familiar, de casal e comunitária (BARRETO, 2005), mediação de disputas (GALANO, 1999; SUARES, 1996), trabalho em grupos na comunidade e em instituições (escolas bairros, empresas) e práticas narrativas (ANDERSEN, 1991; COMBS e FREEDMAN, 1996; GRANDESSO, 2000, 2006; SCHNITMAN, 2006; SLUZKI, 1992, 1997; WHITE, 1991; WHITE e EPSTON, 1993). Em todos os âmbitos descritos, é comum que os profissionais partam dos significados e dos pedidos dos envolvidos, de sua cultura e rede de apoio, para a busca de alternativas que lhes façam sentido. Portanto, que se trabalhe a partir das necessidades de alguém e de acordo com seus valores, sem que isso fira a ética do profissional e o princípio de equidade nas relações.

Vê-se como equidade a igualdade de oportunidades entre as pessoas, que são sempre diferentes umas das outras e, especialmente, entre aqueles, que por questões culturais e de construção social convivem com diferentes posições na sociedade (MACEDO, 2006): homens

e mulheres, negros, índios e brancos; “pobres” e “ricos”, pessoas com orientação hetero, homo ou bissexual, apenas para citar algumas das discriminações mais comuns.

Desta forma, o profissional, mesmo que tenha seus valores e preconceitos, deve procurar manter posição imparcial, ao buscar com as pessoas com as quais trabalha, relações e formas de viver que lhes pareça melhores e mais justas. Não pode ser neutro, porque tem suas crenças e história, mas não toma partido de alguém, nem mesmo julga. Por outro lado, não deve se anular diante da violência, da discriminação e do abuso de poder. Aí está o que a autora chama de posicionamento ético. Imparcialidade não significa neutralidade no sentido tradicional, mas sim, no sentido de Cecchin, (1987): a capacidade de se aliar com cada um, conforme as circunstâncias, sem tomar partido (SCHNITMAN, 2004; SUARES, 1996).

5.1. O TRABALHO SISTÊMICO NA COMUNIDADE

Conforme abordado anteriormente, trabalhar sistemicamente pode ser trabalhar com uma pessoa, contemplando suas relações e o contexto no qual vive, um casal ou um grupo, entendendo que cada um deles afetará o todo e será por ele afetado. Tal princípio acompanha o trabalho sistêmico, desde a década de 50, como mostram estudos pautados na Teoria Geral dos Sistemas de Von Bertalanffy (1977).

Nos últimos anos, porém, há uma preocupação dos profissionais sistêmicos em alcançar maior número de pessoas e de potencializar recursos familiares, grupais e comunitários, na busca pela melhoria da saúde mental e da vida das pessoas em geral. No Brasil, inclusive, tal tendência se justifica, pela imensa demanda de serviços de saúde, pela precariedade de tais serviços e pela desigualdade social imbricada em tais questões.

Terapias, projetos comunitários e intervenções, tais como a mediação de disputas em diferentes contextos, vêm sendo mais realizadas e difundidas, na medida em que atendem demandas sociais, familiares e relacionais cada vez mais complexas e singulares (GALANO, 1999, 2006; SUARES, 1996).

Tais propostas são importantes se levadas em conta as dificuldades atuais, bastante acirradas e diversificadas pelo contexto (tecnológico, globalizado, multicultural), desigual e precário do ponto de vista social e de saúde daqueles que vivem com menor renda.

5.2. ESTUDOS SOBRE AS REDES SOCIAIS

As Redes Sociais são fundamentais para a manutenção e para o incremento da qualidade de vida das pessoas. Sendo redes aqui entendidas, como aquelas formadas por pessoas significativas para aqueles com os quais trabalham nas áreas social e de saúde (SLUZKI, 1997), tanto quanto a rede de equipamentos de educação, serviços de saúde e de lazer.

Aborda-se aqui como qualidade de vida, uma vida satisfatória, isto é, com a satisfação das necessidades básicas, segundo as próprias pessoas de quem se está falando ou com quem se está trabalhando; que para estas, seja possível um viver em relação, com apoio e legitimação; que sintam poder pertencer e ser diferente de grupos, que considerem importantes.(FEIJÓ, 2002,2006).

Em estudos anteriores, que também partiram das idéias de Sluzki (1997), nos quais rede social e saúde são aspectos interligados e interdependentes, a autora aborda a rede social, suas características, funções e possibilidades de troca nos momentos de crise dos indivíduos e das famílias, como um aspecto importante para o bem estar destes e para o enfrentamento das adversidades. (FEIJÓ, 2002, 2006; FEIJÓ e MARRA, 2004).

A importância da rede social foi apontada por diversos autores que influenciaram as práticas sistêmicas em rede, anteriormente chamadas de intervenções em rede por AUN, ESTEVES DE VASCONCELOS e COELHO, 2005; BOTH, 1976; DABAS,1993, DABAS e NAJMANOVICH,1995; ELKAIM, 1989; SLUZKI, 1990,1997).

Sabe-se hoje, que qualquer iniciativa, seja ela preventiva, terapêutica, individual, familiar ou social, que promova ou facilite o incremento das relações com a rede social, tende a ser mais eficaz e duradoura, além de, em algumas situações, contribuir para o desenvolvimento da autonomia de uma comunidade, de uma família e das pessoas que nela vivem. A rede é fonte de apoio e de recursos (SLUZKI, 1997); é nela que os indivíduos, famílias e grupos se vêem legitimados, incluídos, respeitados (ou não); é nela que os indivíduos constroem sua identidade (WHITE, 1991), sua visão de si mesmos como capazes ou incapazes, felizes ou infelizes. Se um grupo de pessoas se vê como pobre e, por isso,

azarado e sem perspectivas, assim se sente e se comporta e nada faz para tornar diferente esta realidade que construiu e mantém nas suas relações; o que é também reforçado por uma ideologia dominante. A autonomia destas pessoas se mostra, então, reduzida (WHITE, 1991).

Os trabalhos que tenham como objetivos mudar tal cenário, precisam ajudar a desconstruir idéias, que ajudam a manter a desigualdade e o poder de um grupo sobre outro (WHITE, 1991). Para isso, é importante ter pessoas fortalecidas, com uma visão de si mesmas mais positiva, e isso depende também da legitimação de quem lhes é significativo, através de um movimento familiar, grupal, social.

As políticas públicas precisam tornar-se cada vez menos assistencialistas, para que não reforcem a idéia de que é preciso dar a quem necessitará sempre. No plano social há que se partir de idéias mais abrangentes e sustentáveis e não só remediar; de atender e de ajudar os que se encontram em situações mais críticas; as políticas setoriais devem partir de tais pontos, para que se tenham programas sociais adequados às necessidades da população como um todo e, no caso dos que vivem em condições de miséria material, oportunidades de reversão de tal quadro de forma sustentável, autônoma e também protagonizada.

Ou seja, tanto as políticas públicas quanto as práticas educacionais, sociais e de saúde devem se voltar para a humanização, para a confiança de que equacionando amarras econômicas, políticas e culturais, a maioria das pessoas quererá manter-se e esforçar-se para viver dignamente. E não apenas socorrer os necessitados, os pobres, os desqualificados, os fracos ou vagabundos, como ainda se ouve falar. Há muitas pessoas querendo gerar renda, trabalhar, manter-se, cuidar da família e dos filhos, sair de relações violentas, sem que tenham todos os recursos para isso.

Bons serviços de saúde, trabalho, áreas de lazer são fundamentais, mas é necessário construir uma nova visão das pessoas e com as pessoas, para que tenham maior autoestima e confiança para ajudar a reverter o quadro de desigualdade, no qual muitas vezes se encontram. Isso só pode se dar pela educação formal, com a ajuda de projetos sociais contínuos e, não só pontuais. Os projetos precisam ser preventivos e iniciados já na infância; projetos flexíveis e conectados com outras ações, voltados para o desenvolvimento de redes que incluem pessoas, instituições, comunidades.

CAPÍTULO 6. ESTUDO DE CASOS

Para atingir os objetivos propostos, em relação ao impacto e à participação da família nos projetos sociais, procedeu-se da seguinte maneira: as entrevistas realizadas foram transcritas, resultando num material que passou por sucessivas leituras, implicando a escolha dos recortes necessários.

Primeiramente, foram grifados os aspectos mais relevantes para o estudo do tema e, em seguida, foram elaborados resumos das entrevistas semi-estruturadas, considerando os aspectos em anexo; depois foram elaborados quadros com frases que indicam a direção das principais questões feitas aos entrevistados.

A comparação entre as entrevistas realizadas com o mesmo grupo de entrevistados (profissionais, familiares ou jovens), só foi possível quando os resumos foram organizados por respostas conforme apresentado a seguir.

Após terem sido organizadas as principais questões e as respectivas respostas, foi possível ampliar ainda mais a visão sobre cada um dos pontos importantes pesquisados, a partir dos relatos, o que viabilizou uma complementação dos resumos das análises das respostas por grupos, também aqui expressas.

As entrevistas abertas foram realizadas para ampliar o alcance dos objetivos; na medida em que trouxeram maior liberdade e espontaneidade aos entrevistados e ao entrevistador, permitiram maiores esclarecimentos sobre quais aspectos enriqueceram os significados das entrevistas semi-estruturadas.

6.1. PROFISSIONAIS

6.1.1. Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas feitas com os Profissionais, por respostas

Avaliação dos projetos nos quais atuou:

1. Projeto de Cultura Negra

POSITIVA	Transformação
----------	---------------

2. Projeto L.A.

POSITIVA	Importante e necessário trabalho com jovem e com a família
NEGATIVA	Falta de recursos; famílias têm muitas necessidades. Falta respaldo principalmente da educação e da saúde.

3. Internação

POSITIVA	Objetivos (somente no papel).
NEGATIVA	Privação de liberdade; culpabilização do jovem; burocracia; precariedade das condições oferecidas pelo Estado.

4. Projeto LA

POSITIVA	Diálogo, vínculo, empatia, desenvolvimento da cidadania, atividades de inserção, responsabilidade, disciplina para alcance dos recursos financeiros e para manutenção da vida.
----------	--

5. Posto de Saúde no Programa de Saúde do Adolescente

POSITIVA	Abrange maior número de pessoas
NEGATIVA	Menos individualizada

6. Projeto de Inclusão Digital

POSITIVA	Mais circunscrito (TI) e mais individualizado. Formação integral no desenvolvimento do jovem
----------	--

7. Tutoria

POSITIVA	
----------	--

8. Projeto L.A.

POSITIVA	Necessária
NEGATIVA	Dificuldade em função dos valores do jovem e da sua família

9. Projeto L.A.

POSITIVA	Semente colocada; mínimo de mudança.
NEGATIVA	Complicado; pouco alcance; falta de redes e de recursos.

10. Projeto L.A.

POSITIVA	Atendimento
NEGATIVA	Falta de políticas públicas, de recursos; preconceitos,

	dificuldade de aceitação.
--	---------------------------

Os profissionais fizeram avaliações positivas dos projetos nos quais atuaram, com exceção da proposta de internação para os menores que cometeram atos infracionais. Nestes Projetos, onde acontece a internação, segundo avaliação feita por um dos profissionais, foram destacados os seguintes aspectos negativos: privação de liberdade, culpabilização do jovem, burocracia e precariedade de condições. Os objetivos da internação são positivos, segundo um dos entrevistados, mas “somente no papel”.

Nos demais projetos foram levantados como principais aspectos positivos a transformação, no Projeto de Cultura Negra; a necessidade, a mudança, o atendimento, o vínculo, o desenvolvimento da cidadania, o diálogo, a inserção, a responsabilidade nos Projetos de Liberdade Assistida; a abrangência, no Posto de Saúde (Programa de Saúde do Adolescente); a formação integral do jovem e o trabalho circunscrito e mais individualizado no Projeto de inclusão digital.

Além dos aspectos positivos levantados, na opinião dos profissionais, há também aspectos negativos: a atuação menos individualizada no Posto de Saúde; dificuldades em função dos valores dos jovens e das famílias, para um dos profissionais do Projeto de L.A. E, outros três profissionais de L.A. apontaram a falta de redes e pouco alcance; falta de políticas públicas, de recursos; existência de preconceito; famílias muito carentes.

Em resumo, apenas a internação apresentou predominantemente aspectos negativos. Para quatro profissionais de Liberdade Assistida e para o profissional que atuou no Posto de Saúde, há tanto aspectos positivos como negativos nestes projetos.

Sobre a utilidade destes para os jovens:

1. Projeto de Cultura Negra

SIM	Mudança no pensar do jovem
-----	----------------------------

2. Projeto de L.A.

SIM	Orientação; escuta; alguns param de usar drogas.
-----	--

3. Projeto de LA

SIM	Acesso a outros projetos (capacitação,
-----	--

	profissionalização); interiorização e ampliação de valores; retorno à escola; retorno ao trabalho para alguns; vínculo com o técnico.
--	---

4. Posto de Saúde no Programa de Saúde do Adolescente

SIM	Bom atendimento e acolhimento.
-----	--------------------------------

5. Projeto de Inclusão Digital

SIM	Desenvolvimento, crescimento com o grupo; construção do senso de si mesmo; aumento de conhecimento; aprendizado; reconhecimento dos desejos.
-----	--

6. Tutoria

SIM	Fortalecimento da auto-estima; saída do anonimato; aumento de oportunidades e de recursos; investimento de alguém no jovem.
-----	---

7. Cursinho Pré vestibular

SIM	Equipe multidisciplinar para transmissão de valores e de conhecimento; melhoria da auto-estima, visão de novos caminhos, que não os da criminalidade.
-----	---

8. Projeto de L.A.

SIM	Conscientização; mudanças significativas de alguns.
-----	---

9. Projeto de L.A.

SIM	Manter jovem ocupado; atividades; encaminhamento para escola; passeios; eventos culturais; investimento no jovem sem preconceito.
-----	---

10. Outros projetos para jovens

SIM	Educação: orientação para profissionalização e sobre álcool.
-----	--

Na opinião dos profissionais, todos os projetos comentados foram úteis para os jovens. Foram destacadas mudanças no pensar do jovem do Projeto de Cultura Negra; desenvolvimento, crescimento e construção do senso de si mesmo nos grupos do Projeto de Inclusão Digital; fortalecimento da auto-estima, acesso à oportunidades e saída do anonimato no Projeto de Tutoria; transmissão de valores, de conhecimentos e descobertas de novos caminhos no curso pré-vestibular; orientação, escuta, conscientização de alguns, mudança de

comportamento (inclusive em relação ao uso de drogas), ocupação, passeios, eventos culturais, educação e orientação sobre álcool e drogas, nos Projetos de Liberdade Assistida.

Benefícios para as famílias:

1. Projeto Cultura Negra

NÃO	O fator família tem ficado afastado da inclusão dos projetos sociais dirigidos pelo governo.
-----	--

2. Projeto L.A.

SIM	Os jovens sendo beneficiados, elas se sentem beneficiadas.
-----	--

3. Projeto L.A.

SIM	Se o filho encerra o conflito com a lei, tira um peso da família; melhora o relacionamento com a família, o diálogo, a tolerância, recuperação do afeto. Através dos grupos com mães e adolescentes, aumenta o leque de persuasão da mãe e do pai, que não sabe como chegar no adolescente; aumenta a auto-estima da família e a busca por recursos da saúde pública. Encaminhamento e informação.
-----	--

4. Posto de saúde no Programa de Saúde do Adolescente

NÃO SABE	Não sabe. Não teve contato com famílias.
----------	--

5. Projeto de Inclusão Digital

SIM	Muito agradecidas pela oportunidade. Também levavam informações. A família passa a olhar o jovem de uma maneira diferente; mais amadurecida, apostando mais nele.
-----	---

6. Tutoria

SIM	Pais orgulhosos de terem o filho querido pelo Tutor. “Faz bem ao meu filho, está fazendo bem para mim”. Família passa a ter acesso a algumas coisas que até então se viam impedidas; passa a olhar o jovem de uma maneira diferente; mais amadurecida, apostando mais nele.
-----	---

7. Projeto L.A.

NÃO	A gente não consegue trazer a família. A gente tem 160,
-----	---

	quando a gente faz grupo, se aparece 15, a gente solta rojão. A família está prejudicada. As famílias acham que o jovem infracionou e o problema é do Estado. Na maioria a responsável é a mãe (ela que cuida e responde por ele)
--	---

8. Projeto L.A.

Em parte	Família é muito complicado; já estão num ciclo, num contexto muito difícil; carente; tentamos ver relacionamento na casa, muitas vezes, só mãe que precisa trabalhar. Muitas vezes o menino não tem pai ou precisa se ausentar por causa do trabalho. Maior desafio é a família mesmo; incluir.
----------	---

9. Projeto L.A.

SIM	A família é beneficiada na aproximação com o jovem, com a sociedade; na assimilação dos direitos, na cidadania; caminharem com suas próprias pernas, lutarem; conscientização do papel materno e paterno das responsabilidades
-----	--

Já na questão sobre os benefícios para as famílias, houve controvérsia. Em dois projetos, como não houve aproximação da família, os profissionais responderam que não houve benefício. Em um deles, o profissional não teve contato com as famílias, e em outro, acredita que houve benefício em parte, já que há aspectos complicados: carência e o desafio de incluir as famílias. Em cinco projetos, houve benefício, segundo os profissionais, sendo que três deles apontaram que as famílias eram beneficiadas, uma vez que o projeto era bom para o jovem, ou seja, as famílias eram beneficiadas indiretamente. Um dos profissionais apontou que o jovem passa a ser visto de outra forma pela família, o que é um benefício para todos.

A dificuldade de aproximar a família apareceu em parte das respostas.

Dificuldades na execução do projeto:

1. Projeto Cultura Negra

SIM	Preconceito contra negros
-----	---------------------------

2. Projeto L.A.

SIM	Trazer a família; quando chegam já estão num ponto de dificuldade muito grande.
-----	---

3. Projeto L.A.

SIM	Minimização recursos para respaldo da família e dos adolescentes; carro para visitas...
-----	---

4. Tutoria

SIM	Quebrar o gelo da relação do Tutor com o jovem; manter regularidade dos encontros.
-----	--

5. Projeto L.A.

SIM	Muitas: instrumentos de trabalho, precariedade, falta de passes; trabalho pouco valorizado, visto como caridade: é como gari que recolhe o lixo
-----	---

6. Projeto L.A.

SIM	Burocracia, preconceito, dificuldades políticas.
-----	--

7. Projeto L.A.

SIM	Burocracia, necessidade de registros.
NÃO	Dificuldade de lidar com adolescente e com a família.

Todos os profissionais apontaram dificuldades na execução dos projetos, sendo a falta de recursos o ponto que mais se destacou, seguido da burocracia e do preconceito. Novamente apareceu a dificuldade de trazer a família, família que têm carências e grandes dificuldades.

Realizaram atividade para as famílias dos jovens?

1. Projeto Cultura Negra

NÃO	Não aqui, neste ano.
-----	----------------------

2. Projeto L.A.

SIM	Grupos de famílias. Discussão de temas
-----	--

3. Projeto L.A.

SIM	Mensalmente grupos discussão. Apresentação do Programa de profissionalização (projeto para desenvolvimento da saúde, da auto-estima, desenvolvimento humano do jovem, inclusive a profissionalização e a saúde.)
-----	--

4. Tutoria

SIM	Agora a gente instalou esta reunião para ouvi-los, depois de sete meses de programa; para inclui-los.
-----	---

5. Projeto L.A.

SIM	Grupo familiar que a gente realiza quinzenalmente: discute e dialoga sobre questões de cidadania, de direitos humanos. Temas que a gente trabalha com os adolescentes e percebemos que têm carência também na família; atividades culturais também.
-----	---

6. Projeto L.A.

SIM	Grupos de famílias quinzenalmente. São grupos que abordam temas do interesse deles; esclarecimento burocrático.
-----	---

7. Projeto L.A.

SIM	Sempre realiza atividades de grupo. Já teve passeio. O grupo de (nome de um técnico) já levou mães ao cinema, almoçar fora, auto-estima, cortar o cabelo. Se arrumaram aqui. Eu encaminho para médico. Fim de ano, datas específicas.
-----	---

Apenas no Projeto de Cultura Negra ainda não houve atividade voltada para a família. Os profissionais do Projeto de L.A. falaram dos grupos de discussão e o profissional do Projeto de Tutoria realizou reunião para ouvir os pais, após 7 meses de projeto, somente, após ter sido convidado para participar da pesquisa. Foram realizadas também atividades culturais e passeios para os pais no Projeto de L.A.

Apesar das respostas positivas dadas pelos profissionais, os jovens e familiares não foram tão afirmativos no que se refere à realização das atividades para as famílias. Inclusive na entrevista 6, com profissionais, na questão seguinte, um profissional afirma que “virou um mito trazer as mães” para essas atividades. Portanto, algumas atividades foram propostas, mas nem sempre “aceitas”.

De que forma acha que as famílias poderiam participar ou se aproximar do projeto*?

1. Projeto Cultura Negra

Convidar para ver resultados das oficinas Atividades artísticas Discussões com a família
--

2. Projeto L.A.

Comparecendo mais (para grupos de discussão)
--

3. Projeto L.A.

Vencendo a questão laborativa e da mãe arcar sozinha com as despesas. Facilitar o acesso; fazer plantões na comunidade. Descentralização do atendimento (na igreja, na escola, no bairro)

4. Tutoria

Reuniões com a família

5. Projeto L.A.

O grupo vai esvaziando...Não consigo visualizar como...Sou contra assistencialismo, acho que não tem que oferecer nada... Não pão e circo... A gente quer passar valor para eles.

6. Projeto L.A.

Se entendessem qual é a função da L.A., se soubessem como funciona, talvez participassem mais. Mas precisam sobreviver; têm trabalho. Virou um mito aqui trazer as mães, digo as mães porque os pais são ausentes. Nós tentamos, não sei como proceder.

7. Projeto L.A.

As mães são as maiores responsáveis pelo lar e precisam trabalhar, o melhor é participarem dos grupos mesmo. As dificuldades inerentes ao trabalho delas atrapalham um pouco. Cursos, alguma coisa para as mães; corte e costura e o que elas queiram. Mãe não é só cozinheira.

Três profissionais acreditam que as famílias poderiam se aproximar mais do projeto se fossem às reuniões, para saber dos resultados e do funcionamento do projeto; seis deles sugeriram atividades para as famílias como forma de aproximá-las ao projeto: atividades artísticas, discussões, plantões na comunidade, grupos de pais, cursos para as mães. Parte dos profissionais da L.A. ressaltou a dificuldade, principalmente das mães, de comparecerem, pois necessitam trabalhar; segundo eles, são elas que geralmente acompanham o jovem. Colocaram tal aspecto: trazer a família, como desafio.

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações no projeto*?

1. Projeto Cultura Negra

NÃO	Aqui neste ano, não.
-----	----------------------

2. Projeto L.A.

SIM	Uns dizem que os filhos melhoraram, relatos de outros colegas e ver mudança na vida deles. Alguns vêm visitar o projeto.
-----	--

3. Projeto L.A.

NÃO	Pela família, muito pouco. Apenas pelo retorno do adolescente no posto.
-----	--

4. Tutoria

SIM	Depoimento de uma jovem que melhorou relacionamento com a mãe após a vinda desta em uma reunião de apresentação para pais.
NÃO	Não tenho muitas medidas. Ta tudo subjetivo

5. Projeto L.A.

SIM	Mínimas. A gente sempre percebe. Pais que quando passaram a freqüentar, mesmo que precariamente, mudam as atitudes. Percebem que tem mais alguém a olhar pelo filho para que não retorne ao contexto infracional. A continuidade após a medida seria importante.
-----	---

6. Projeto L.A.

SIM	Muitas vezes conseguem estabelecer um diálogo que não era existente no começo da medida; conviver da melhor forma possível.
-----	---

7. Projeto L.A.

SIM	Com certeza; mais conscientizadas e menos culpadas dos filhos infracionarem.
-----	--

Quatro profissionais do Projeto de L.A. perceberam impactos nas famílias e apenas um deles percebeu pouco impacto. O profissional do Projeto de Tutoria cita relatos de impacto e de mudanças nas famílias, mas acredita que não tenha como mensurá-las e, que isso fica subjetivo. O Profissional do Projeto de Cultura Negra não percebeu impacto na família neste projeto.

Aqueles que perceberam mudanças, as descrevem como mudanças de atitude, diálogo e melhoria da convivência familiar. No caso da Liberdade Assistida, um dos técnicos falou que as mães sentem-se menos culpadas, após virem ao projeto.

De qualquer forma, as melhorias, mesmo que importantes e relacionais, não necessariamente impulsionaram uma mudança na vida da família. Pelo menos nenhuma resposta enfatizou tal alcance.

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais? Como acha que ele pode alcançar famílias, comunidades e sociedade?

1. Projeto Cultura Negra

Conhecimento e apropriação do projeto pela família;

2. Projeto L.A.

Havendo parceria entre a educação e a saúde; projeto mais próximo da comunidade fisicamente ou verba para deslocamento.

3. Projeto L.A.

Discernimento e conhecimento por parte das famílias
Cursos para família e respaldo para suas necessidades; mais instrumentos, profissionalização dos projetos e equipes multidisciplinares.

4. Tutoria

É inevitável que atinja. Envolver muitos profissionais e parceiros, mobilizar o jovem para a ação social, fazer intervenções dentro da ONG, com feedback, difundir o programa.

5. Projeto L.A.

Projeto que trabalhe com a família, ...independente da composição familiar..., mas não consigo entender o que fazem com a família.
Trabalhos multidisciplinares no mesmo lugar.

6. Projeto L.A.

Quase uma utopia, mas é movimentando o micro; participando, instruindo, sensibilizando. Ter clareza e ir trabalhando junto com essas famílias.

7. Projeto L.A.

O projeto precisa estar integrado com as políticas públicas; saúde, educação, o bairro, sociedade civil engajada. Todos juntos.

Dois profissionais acreditam que se as famílias conhecessem o projeto, este conseguiria alcançá-las mais amplamente; outros acreditam que uma parceria da educação com a saúde e a integração de políticas públicas aumentariam sua abrangência. Além desses, outro profissional citou como importante o respaldo às necessidades das famílias. Um deles considera que é quase uma utopia essa abrangência, mas que a partir do micro trabalho com as

famílias pode-se atingir o macro-social. Um outro ainda acha, que é inevitável que se atinja o macro, pois quando se mobiliza o jovem para a ação social, envolvem-se parceiros. Os demais falaram em mais instrumentos, profissionalização, cursos, trabalho com as famílias.

Parcerias e multidisciplinaridade foram aspectos bastante citados para que se atinja níveis macro-sociais.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias (na família, na comunidade e na sociedade) que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto foi elaborado?

1. Projeto Cultura Negra

Preconceito

2. Projeto L.A.

Risco e vulnerabilidade das famílias. Tráfico perto. Necessário buscar algo que atraia o jovem.

3. Projeto L.A.

Precariedade de serviços no entorno... Favelas verticalizadas sem os serviços necessários: educação, creche.

4. Projeto L.A.

A carência; falta de trabalho após término do projeto de Inclusão Digital. Assim, o Projeto de Tutoria pode ajudá-los a se encaminhar profissionalmente.

5. Projeto L.A.

Distorção de valores; ineficiência do poder público. Nos projetos com mais autonomia, independentes do governo, enxerga-se mais os resultados.

6. Projeto L.A.

Essa maneira de tratar as pessoas excluídas; instâncias que não funcionam; falta de recursos para tratamento partícula. Propor algo diferente e falar a linguagem do jovem ajuda; projetos artísticos como filmar a comunidade para refletir sobre como mudar a vida deles. Informação, planejamento e foco. O projeto tem que ter a cara do jovem.

7. Projeto L.A.

O Projeto foi feito para atender à comunidade; para encontrar os recursos da comunidade; para estimular que conheçam e participem da comunidade para melhorá-la.

A falta de recursos e a precariedade foram os principais fatores apontados neste item. Os profissionais falaram também do preconceito e da maneira de tratar os excluídos como dificuldades que implicam a forma que o projeto foi elaborado. Risco, vulnerabilidade, falta de oportunidades profissionais também foram apontados por eles.

Um dos profissionais coloca que a distorção de valores e a ineficiência do poder público atrapalham, mas que, por outro lado, nos projetos com mais autonomia e independência do governo, vê-se mais os resultados.

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos em geral?

1. Projeto Cultura Negra

Ações menores, mas consistentes, formam agentes multiplicadores daquele propósito... melhor que um projeto com 1500

2. Projeto L.A.

Contar mais com a comunidade, estar mais próximo desta.

3. Projeto L.A.

Acredito muito na escola como espaço aberto. Esses projetos poderiam estar mais próximos da família (na escola, no posto de saúde).

4. Tutoria

Dar espaço para as famílias falarem, para saberem do programa, ao invés de criar rivalidade em função do filho se envolver bastante e frequentar. As famílias têm angústias, solidão e pouco espaço.

5. Projeto L.A.

Poder público conhecer o projeto e não só ditar as regras. Algumas ONGS viraram cabide de emprego e não funcionam.

6. Projeto L.A.

É uma questão política. Talvez o foco mais humano.

7. Projeto L.A.

Mais parcerias.

Além da sugestão de mais parceiras, os profissionais falaram em aproximar os projetos da comunidade e da família como meio de inclusão e de abrangência. Um deles acredita que

ações menores são melhores; outro critica a falta de conhecimento do poder público, que só dita regras e as ONGS que “viram cabides de emprego”, sem ações efetivas. As respostas a este item mostram que a formação de redes e a humanização favorecem ao aumento da abrangência dos projetos.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Cultura, esporte, informática, música...?

1. Projeto Cultura Negra

Arte e cultura. É fundamental que vá além da profissionalização, do mecânico. A arte faz pensar e depois escolhe (o jovem) que quiser.

2. Projeto L.A.

O projeto que abrange toda a família e principalmente as crianças, para virem com uma base.

3. Projeto L.A.

Preventivo para jovem. Atenção integral, creches para as mães que dão sustentabilidade ao lar, com propostas pedagógicas e atividades em horários que as mães possam trabalhar; alimentação adequada para as crianças, educação, esporte (para entendimento do corpo e da vida, limites e convivência).

4. Tutoria

Tutoria: a relação individualizada, o acompanhamento de um psicólogo para mediar as relações...; foco na autonomia, na singularidade do jovem.

5. Projeto L.A.

“ Tô desiludida... tudo é interessante, mas tem interesse político... tinha que atender o interesse do adolescente”.

6. Projeto L.A.

Tem que estar junto da comunidade; entender o contexto e do que a família necessita. É uma rede, Conselho Tutelar, escola...a partir disso, resultados melhores.

7. Projeto L.A.

O de L.A. é muito importante: a acolhida, as visitas às famílias. Através da família atende o jovem. Conhecer a família com sua dificuldade, a história, o contexto.

Os profissionais deram respostas diferentes a estas perguntas, mostrando que cada um enxerga os benefícios dos projetos que lhes são conhecidos e se sensibilizam com as demandas que lhes estão próximas.

A prevenção (projetos preventivos para jovens e crianças), projetos que desenvolvem o pensar, que dão boas condições de vida à família são apontados como úteis.

O que acha que a população necessita ou diria que necessita em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

1. Projeto L.A.

Trabalho

2. Projeto L.A.

Cursos profissionalizantes, emprego.

3. Projeto L.A.

Educação e trabalho; trabalho ou capacitação do jovem; não só um exercício mecânico; educação para trabalho e para cidadania.

4. Tutoria

Para tirar o menino da rua

5. Projeto L.A.

Há um desconhecimento e falta de entendimento da população sobre os projetos para os jovens.

6. Projeto L.A.

Falar a linguagem deles; saber a demanda deles, o contexto.

7. Projeto L.A.

Pedem emprego, depois profissionalização e depois escolarização.

Emprego e trabalho foram os aspectos que, provavelmente, a população mais reivindicaria em primeiro lugar; cursos, capacitação e educação ganharam destaque nas respostas. Além disso, um dos profissionais acha que a população pediria alguma solução que tirasse o jovem da rua; um outro acha que a população diria que os projetos precisam falar a linguagem dos jovens, entender sua demanda e contexto.

O que acha que os jovens querem?

1. Projeto Cultura Negra

Perspectiva de futuro; um pouco além do trabalho.

2. Projeto L.A.

Cursos, algo que tivesse cultura; emprego também.

3. Projeto L.A.

Protagonismo. Poderem mostrar a cara, o bairro; mais recursos e oportunidades para multiplicarem na comunidade.

4. Tutoria

Referência; que possam ser reconhecidos; estarem entre semelhantes, aprender, ter novas experiências.

5. Projeto L.A.

Trabalho, oportunidade.

6. Projeto L.A.

Ser livre, curtir a fase; ser feliz com a família, com os amigos. Mas têm a referência no material; acham que a felicidade está no material.

7. Projeto L.A.

Estudar e trabalhar; precisa ter projeto com capacitação e com esporte.

Para boa parte dos profissionais, os jovens querem trabalho e emprego. Falaram também de perspectiva de futuro, oportunidades para multiplicarem na comunidade, cursos, cultura, protagonismo, serem reconhecidos, terem novas experiências, curtir a fase e serem livres. Um dos profissionais acredita que a felicidade deles está no alcance de bens materiais.

A resposta desta questão suscitou algumas dúvidas, será que se a família tivesse suas necessidades atendidas, se o contexto não fosse incerto e ameaçador, os jovens queriam trabalho?

As respostas dadas à questão abaixo parecem mostrar que o trabalho, a ocupação, pode tirar o jovem da rua.

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si?

1. Projeto Cultura Negra

Trabalho. A família deseja o bem do jovem: tirar da rua, das drogas.

2. Projeto L.A.

Querem que saia desta vida de infração

3. Projeto L.A.

Oportunidade.

4. Tutoria

Oportunidade de se desenvolver em lugar seguro, protegido, com profissionais sérios, bem intencionados.

5. Projeto L.A.

Muitas vezes não sabe. Às vezes querem que estude, quando tem vaga, perde. Aparece

um curso profissionalizante e a família não quer deixar o cigarro para o filho fazer o curso.

6. Projeto L.A.

Respeito; carinho. Ouvi-los, entendê-los e acolhê-los.

7. Projeto L.A.

Que não se envolvam com o crime; vida digna; que estudem e trabalhem para ter independência pessoal e profissional.

Novamente trabalho e profissão apareceram em primeiro lugar nas expectativas das famílias. Segundo os profissionais, as famílias querem o bem do jovem: que não fique na rua, que não cometa atos infracionais, que tenha oportunidades. Um dos profissionais falou que querem respeito, carinho e acolhimento para o jovem; mas outro acha que a família é contraditória: quer o curso, mas prioriza seus vícios, ao invés de investir num curso para o jovem.

Tais respostas reforçam a necessidade de proteger o jovem, de afastá-lo dos perigos, de tirá-lo da rua.

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

1. Projeto Cultura Negra

Ter jovens que possam ser referência, que tragam valores para a comunidade; valores culturais, sociais; jovens pensantes para comunidade melhorar.

2. Projeto L.A.

Que não infracionem.

3. Projeto L.A.

Vínculos, para que possam viver em paz; consultas, matrículas na escola; recursos de qualidade, eficientes e rápidos. Meios de resolver os próprios conflitos dentro da comunidade.

4. Tutoria

Que tenham espaço para que incomodem menos; que não fiquem na rua pichando, aprontando.

5. Projeto L.A.

A comunidade não quer o jovem infrator por perto. Não tem cultura, entendimento.

6. Projeto L.A.

Utilidade. Menos ociosos. Utilizando a capacidade que eles têm podem mudar a dinâmica da comunidade.

7. Projeto L.A.

Não sei se a comunidade faz muito pelo jovem; faz projeto social; tem bairro que tem e bairro que não tem.
--

Alguns profissionais falaram do incômodo que alguns comportamentos do jovem trazem à comunidade, que, por sua vez, quer que eles não cometam infrações, que tenham espaço, para não ficarem nas ruas ociosos; que tenham oportunidades, recursos e serviços de qualidade. Um dos profissionais diz não saber se a comunidade faz muito pelo jovem; outro diz que esta não tem cultura, nem entendimento.

Há um profissional que afirma que um jovem pensante pode vir a ser referência na comunidade e agregar valor a ela. E, um outro ainda, acredita que o jovem tem capacidade para mudar a dinâmica da comunidade.

Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias. Você tem esta inquietação?

1. Projeto Cultura Negra

Sim, sobre como incluir.	Quando quer trazê-la é um fator complicador
Sim, sobre como trabalhar.	Compartilho, porque a família é tão misteriosa; tem regras próprias e conceitos.

2. Projeto L.A.

Sim, sobre como incluir.	É difícil virem
Sim, sobre como trabalhar.	Às vezes é difícil trabalhar com as famílias

3. Projeto L.A.

Sim, sobre como trabalhar.	Tenho esta inquietação; a próxima família pode superar esta em dificuldades. Dificuldades múltiplas que nem uma equipe daria conta.
----------------------------	---

4. Tutoria

Sim, sobre como incluir.	Não incluir. Sim como aderir. "... a gente convida e é difícil trazê-los" pela correria
--------------------------	---

	e pela vergonha
Não, sobre como trabalhar.	Não saber como incluir.

5. Projeto L.A.

Sim, sobre como incluir.	Dificuldades da família em entender a importância de estar presente
Não, sobre como trabalhar.	Não no sentido de como.

6. Projeto L.A.

Sim, sobre como incluir.	Às vezes a mãe diz: <i>não quero mais ver. Interna.</i>
Sim, sobre como trabalhar.	Sim, em alguns casos. Você não tem como solucionar coisas que vem de muito antes, da criação. Às vezes, questões complicadas; dificuldades de como encaminhar.

7. Projeto L.A.

Não, sobre como trabalhar.	Não. “Há muito tempo tinha angústia de não poder resolver os problemas das pessoas, agora sei lidar.”
----------------------------	---

A maioria dos profissionais entrevistados relata ter alguma dificuldade em como trabalhar com as famílias e em como incluí-las. Lidar com as regras e com as dificuldades da família parece ser difícil para muitos. Alguns dizem saber como trabalhar, mas apresentam dificuldades para trazer a família para as atividades do projeto. Três profissionais relataram saber como trabalhar com as famílias e seis relataram ter dificuldades para incluí-las.

A concretização do trabalho com as famílias, pelas respostas aqui obtidas, ainda não ocorreu na prática.

6.1.2 Síntese da Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com os Profissionais

Na visão dos profissionais, é necessário e importante aproximar a família do projeto e promover a participação delas, o que nem sempre lhes parece fácil.

Alguns deles dizem saber como trabalhar com as famílias, mas a grande maioria aponta para as necessidades que ela têm de sustento e como seus horários de trabalho são empecilhos para a sua participação nos projetos.

Apesar de parte dos profissionais apontarem o ganho indireto da família com a participação do jovem no projeto e que às vezes, ela se beneficia das informações e dos conhecimentos por ele trazidos e que ela passa a vê-lo de maneira mais positiva, nenhum descartou a importância da participação da família nestes. Muitos falaram da falta de recursos para viabilizar esta participação.

Os projetos são importantes e úteis, mas é possível e necessário ampliar sua abrangência; segundo os profissionais, isto se daria com parcerias, atuação multidisciplinar e políticas públicas adequadas às demandas.

6.2 FAMILIARES DOS JOVENS

6.2.1. Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com Familiares dos Jovens por respostas

Como acham que foi para o jovem participar dos projetos?

1.

POSITIVA	Muito Bom. Inteligente.
----------	-------------------------

2.

POSITIVA	Deve ter sido muito bom. Está lá até hoje
----------	---

3. Projeto de Informática

NEGATIVA	Lá foi meio contra a vontade. Tava num pé que não tinha interesse. Eu insisti, mas ele faltava muito.
----------	---

4. Projeto de L.A.

POSITIVA (Projeto de L.A.) NEGATIVA (Prestação de Serviço na Comunidade determinada pelo Juiz)	“Aqui, embora a situação que passou não é boa, tinha o acompanhamento da (nome da técnica). Percebo que ela tenta colocar da melhor maneira as coisas para ele, sobre cigarro, drogas. A gente fala em casa, ele fica bravo e ela coloca que pai e mãe é assim mesmo...aqui
---	---

	<p>é ótimo.” “Agora a prestação de serviço (referindo-se a determinação do juiz de que o jovem prestasse serviço à comunidade), se tava por castigo, tinha que ser organizado. A funcionária do posto dizia para ele que trabalhasse se quisesse; que podia ser como ela, que era funcionária pública. Aqui ele não joga conversa fora.” (Por que só este está entre aspas?)</p>
--	--

Os familiares fizeram avaliações positivas dos projetos dos quais os jovens participaram. Uma das mães ressaltou que a filha está uma pessoa ótima, inteligente.

A mãe de um dos jovens do Projeto de L.A. comentou que o jovem ia forçado a um curso de informática antes de chegar ao Projeto de L.A.; ela avalia a prestação de serviço, determinada pelo juiz ,pouco produtiva. Já o acompanhamento pela técnica, considera positivo para o jovem.

Sobre a utilidade dos projetos para os jovens:

1.

SIM	<p>“Jovem tem o “dinheirinho dela”, adora o projeto. Por tudo foi bom.” Mudou o jeito de falar, a educação em casa, na comunidade ela conversa, anda na casa das pessoas da comunidade da gente. Foi tudo de bom.</p>
-----	---

2.

SIM	<p>“Ela quer conseguir os objetivos dela... tudo que falam ela quer fazer. Corre atrás das coisas...” Mudou muito, para melhor. Tem outra cabeça, outro jeito de pensar, de agir. Tem objetivo e corre atrás.</p>
-----	---

3.

SIM	<p>O de informática foi bem básico. Aprendeu o que já sabia. Mas eu fui lá e pedi. Era um empurrão para fazer outros cursos, de administração, serigrafia. Aqui com a (nome técnica) foi maravilhoso. Pena que vai acabar. Seria muito bom continuar o acompanhamento. Pai e mãe só vê o erro e, às vezes, é mais difícil. Ela vê o outro lado também</p>
-----	---

Na opinião dos familiares, os projetos comentados foram úteis para os jovens, mudaram-no. Apenas o curso de informática foi considerado básico, mas com possibilidade de encaminhamento para outros cursos.

Foram destacadas mudanças de atitudes, no jeito de pensar e de se relacionar, além do dinheiro recebido no projeto e da busca dos jovens por seus objetivos.

Os projetos de comunicação parecem ter conferido maior expressão de mudança dos jovens, que passaram a ser vistos de forma positiva pelos familiares. Estas impressionaram a entrevistadora, pela postura decidida, clareza das idéias, habilidade no uso da língua e crítica.

Benefícios para as famílias:

1.

SIM	Traz novidades para a família e para a comunidade.
-----	--

2.

SIM	Principalmente para elas, mas para as irmãs também (modelo)
-----	---

3.

SIM	“Foi também” (útil para a família). “Ele volta mais calmo, mais tranquilo. A (técnica) foi lá em casa. Lá, todos gostam dela. Todos aqui são sérios. Nos tratam com respeito e com carinho”.
-----	--

As mães acreditam que houve benefícios para as famílias. Uma delas considera que o projeto traz informações e outra que traz um novo modelo. A segunda diz que o projeto trouxe benefício principalmente para a jovem, mas que em função disso, as irmãs mais novas terão outra cabeça também. Uma das mães disse que a mudança de comportamento do jovem foi boa para a família, bem como a seriedade dos profissionais e o tratamento respeitoso e carinhoso dispensado à família.

Dificuldades familiares durante a participação do jovem no projeto:

1.

SIM	Abuso de álcool e câncer do pai.
-----	----------------------------------

2.

MAIS OU MENOS	Brigas por ausência do jovem em casa.
---------------	---------------------------------------

3.

NÃO	“Não”.
-----	--------

A mãe da jovem número 1 contou que há muito sofrem com o abuso do álcool do pai, que também passou por tratamento para câncer – cirurgia e quimioterapia.

A mãe da jovem número 2 disse que brigam com ela, devido sua ausência em casa, em função do projeto e da participação na igreja.

A mãe do jovem número 3 não apontou existência de dificuldade familiar.

Realizaram atividades para as famílias dos jovens nos projetos?

1.

Sim	Atividade para a outra filha e um curso para as mães sobre pequenas empresas.
-----	---

2.

Sim	Reunião, festa, apresentação de algumas pessoas e apresentação sobre a participação dos filhos no projeto.
-----	--

3.

Não	“Não. Só foi a visita e a primeira entrevista comigo e com ele (filho)”.
-----	--

Segundo as mães, foram realizadas algumas atividades para a família.

A mãe do jovem número 3 relata só ter participado da entrevista inicial.

Segundo a mãe número 3, do jovem 4, só participou da primeira entrevista com o filho.

Se houve mudança nas famílias nos últimos dois anos.

1.

NÃO

2.

NÃO

3.

NÃO

Os familiares não perceberam mudanças nas famílias.

Sugestões

1.

Cursos de corte e costura e culinária para as mães.

2.

Mais chances e projetos para todos que querem. (mais vagas)

3.

Incentivar pais e adolescentes para participarem das orientações ou de palestras sobre drogas.

As mães fizeram algumas sugestões. A mãe do jovem número 1 sugeriu a realização de cursos para as mães e, a mãe do jovem número 2, mais vagas nos projetos. Já, a mãe do jovem número 3, sugeriu incentivar os pais e adolescentes a participarem de orientações e palestras sobre drogas.

1. Se fosse o jovem, o que escolheria ?

Curso de computação

2.

Manicure, pedicure e cabeleireira (respondeu para si e não para o jovem)

3.

Aprendizagem, informática.

A mãe do jovem número 1 respondeu que se fosse ele, escolheria curso de computação; a segunda não se colocou no lugar do jovem; a terceira disse que escolheria algo para aprender como informática, mas em outra questão diz que considera que jovem é diferente de adulto.

O que acha que a população necessita, ou diria que necessita, em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

1.

Trabalhar. Jovens querem trabalhar.

2.

Estudo, faculdade e trabalho.

3.

Cursos para preencher o tempo. Projeto de primeiro emprego, encaminhamento para trabalho para os que já podem trabalhar. Cursos, orientação e profissão... preparar para entrevista, dar orientação para trabalho e estudo.

Segundo as mães, trabalho, estudo e faculdade foram os aspectos que, provavelmente, a população mais mencionaria; sugeririam também o encaminhamento para trabalho e orientação profissional.

O que acha que os jovens querem?

1.

Eles querem trabalhar.

2.

Estudo, faculdade. Trabalho

3.

Só jogar bola, curtir, ficar, ir a bailinho... Não ter responsabilidade.

Para duas mães, os jovens querem trabalho. Uma delas falou também em estudo e faculdade (condições financeiras para cursá-la). A terceira acha que jovem quer lazer e esporte, mas não quer ter responsabilidade.

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si?

1.

Trabalho, dinheirinho deles, responsabilidade.

2.

Ajuda para os filhos. Emprego, faculdade, escola. Que tirem das ruas, das drogas e dos crimes. Mais atividade.

3.

O melhor: estudo e colocação que dê bom rendimento para eles. Digo: quer ser peão ou patrão? Até para ser peão tem que estudar. Tinha que ter cursos, espaços no mercado.

À pergunta acima as mães responderam:

Trabalho, emprego, estudo e o dinheirinho deles; além de ajuda para faculdade, escola; atividades para que saiam da rua, das drogas, do crime.

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

1.

Lugar sossegado para morar. Tirar filhos de lugares que não aprovam.

2.

Mais escolas perto e cursos.

3.

“A mesma coisa. Que eles tenham ocupação e objetivo de vida. Para a nossa região, eles pediriam organização, controle. Moro numa praça que é mal vista porque é ponto de droga. Mas a polícia bate, ameaça e não resolve o problema. Hoje temos medo da polícia. Lá, as pessoas dizem que o bandido de lá protege a nossa casa; a polícia ninguém confia”.

A primeira mãe acha que a comunidade quer sossego; quer que tirem os filhos de lugares que não aprovam. A segunda acha que querem mais escolas perto e mais cursos. A terceira, diz algo parecido, fala que a comunidade quer o mesmo que os pais: que os jovens tenham ocupação, que haja controle na rua, porém sem violência; querem proteção da polícia.

6.2.2 Síntese da Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com os Familiares dos Jovens

Foram entrevistadas as mães de três jovens e uma tia de um deles, que falou muito pouco, ressaltando uma mudança do jovem na escola.

Na visão das mães, os projetos foram muito úteis e importantes, principalmente para os jovens, mas indiretamente para a família. Apenas um curso de informática foi pouco enaltecido pela mãe, que falou da falta de interesse do jovem por esta atividade, apesar dessa mãe considerá-lo uma boa porta de entrada para outros cursos.

As jovens entrevistadas do projeto de comunicação e de cultura negra destacaram-se na ONG, por serem muito capazes e interessadas. As famílias são gratas e reconhecem o crescimento das filhas.

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas pela família, a participação no projeto ajudou, já que este trouxe novas informações. Mas, segundo a fala das mães, que vivem tais dificuldades, os problemas continuam (abuso de álcool e problemas de relacionamento

conjugal). A mãe do jovem em Liberdade Assistida não identificou dificuldades familiares que tenham vivido.

Trabalho, cursos e formação, são necessidades importantes para os jovens e para as mães, segundo as entrevistadas. Além disso, uma delas destacou a importância de incentivar pais e jovens a participarem de atividades sobre drogas.

Quando questionado se havia algo ruim no projeto, a primeira mãe entrevistada disse que o fato da filha chegar tarde em casa deixava o pai nervoso: “A cabeça é muito poluída e eu tentava controlar”, disse a mãe.

Tal resposta aponta para o fato de que quando o jovem está fora de casa, geralmente, é motivo de tensão para os pais, e que neste sentido, as expectativas relacionadas aos papéis de gênero influenciam no tipo de cobrança e de controle. Não se deve desconsiderar, porém, que o desejo de convivência familiar é legítimo.

6.2.3 Síntese da Análise das Entrevistas Abertas com os Familiares dos Jovens

Foram feitas duas entrevistas abertas com familiares de jovens, uma delas com mãe (E.) e a outra com avó (EB). Esta última, com participação e discussão conjunta entre a avó, uma comadre, uma vizinha e um de seus filhos adultos, que chegaram no final da entrevista.

Resumo da entrevista aberta com E.

E apesar de pouco segura, mostra ter muito cuidado com os filhos e evita que estes fiquem na rua. Impõe regras claras quanto a isso e apenas permitiu a participação de seu filho em festas na rua quando ele fez de 12 anos, mesmo assim, até certo horário e com conhecidos. Não fala abertamente sobre as drogas, mas quando questionada, demonstrou ser esta sua principal preocupação. Considera os cursos dos quais os filhos participaram -administração e preparação para o primeiro emprego - muito bons. Agradece a Deus tal oportunidade, uma vez que considerava difícil consegui-la e que pagava só a condução. Sobre projetos sociais, acredita que seriam bons para desenvolvimento dos filhos, para ajudar na superação da timidez de um deles e na aquisição da massa muscular de outra. Espera o centro educacional e esportivo ficar pronto, pois acredita que as piscinas e atividades serão boas para as crianças, que precisam de mais lugares de lazer. Segundo ela, há parques na região, considerados bons, mas é necessário que as crianças sejam acompanhadas.

Apontou também que existem apenas duas escolas, o que é pouco, mas que a dos filhos melhorou bastante no que se refere ao uso de drogas. Acredita que seja necessário hospital, cinema, atividades aos quais o acesso seja fácil.

Resumo da entrevista aberta com EB, seu filho, vizinha e comadre.

A entrevista iniciou-se com EB, na sala de sua casa e, no final, contou com as presenças de seu filho mais velho, uma comadre e outra vizinha, que ouvindo sobre o assunto decidiram opinar.

Os filhos de EB, já adultos, participaram de projetos sociais na escola, onde fizeram futebol, informática, artesanato, capoeira e teatro; ela fala que eles lamentam não poder mais fazer tantas atividades, uma vez que hoje trabalham. Gostam de lembrar dos projetos, onde aprendiam coisas novas todos os dias.

EB participava de atividades voluntárias nos projetos e acompanhava o desenvolvimento dos filhos. Fazia merenda, pintura e outras atividades.

Todos os filhos terminaram a escola e estão trabalhando.

Para EB os projetos são bons, pois ensinam os jovens a conviverem uns com os outros, a serem responsáveis no que fazem, a saber o que é bom para eles e para todo mundo. São bons para a convivência. Considera os projetos importantes para tirar os jovens da rua, para terem o que fazer, para terem juízo e não fazerem nada errado; para terminarem as coisas e terem responsabilidade no trabalho.

EB acha que as famílias precisam ser mais unidas e que poderiam receber mais apoio da sociedade, que ela abraze suas portas para o que a família precisa, por exemplo, oferecer mais oportunidade de trabalho.

Os mais velhos têm dificuldade de conseguir emprego. Considera que trabalho é saúde, é viver. No que diz respeito à comunidade, ela acredita que o aumento de participação já vem ocorrendo, que já tem a creche, já tem o projeto social em que os filhos participaram, uma associação para procurar serviço e que haverá o centro educacional e esportivo.

A comadre salienta que precisa de lugar para pagar as contas sem precisar de condução, já que o acesso é difícil, para quem não tem dinheiro para se deslocar. Acha que se

tiver um espaço para fazer ginástica, um clube para encontro, inclusive para terceira idade, pode melhorar.

Os netos de EB fazem computação na escola em um projeto para a família.

A comadre falou sobre a importância dos projetos, dizendo que um desses tirou da rua um jovem que vivia fazendo coisa errada; disse ser um projeto de dança e Axé, que tem campeonatos, mas também tricô, bordado.

Falaram da importância de participar da vida dos filhos e não só dar bronca; de possibilitar que pratiquem atividades que gostem - futebol, dança - e, que os pais precisam saber onde estão.

Discutiram a violência doméstica, falaram da revolta diante das brigas e agressões dentro de casa e da criação dos filhos no meio de gritos e palavrões; falaram da falta de diálogo, das mulheres que apanham e não podem permitir as agressões, das ameaças de morte, do abuso de álcool e da necessidade das mulheres que trabalham.

Para o filho de EB, o projeto social chega à família, pois acredita que tenha muito jovem que precisa de incentivo cultural e esportivo para sair do crime. Considerava o bairro mais perigoso neste sentido e acha que, apesar da pequena quantidade de projetos que há na região, já está ajudando. Citou casos de jovens provavelmente envolvidos com drogas e crimes. Vê que alguns pais se interessam em ajudar, mas outros não. Pensa que a falta de experiência do jovem contribui para que ele entre para o crime; que faltam empregos e oportunidades para aprender. Falou da postura ruim do jovem na sala de aula, da violência contra o professor e da falta de participação de alguns pais; pois muitos chegam cansados e não sabem dos filhos. Para ele falta expectativa de futuro para os jovens.

Disse que passou 12 anos sem estudar e depois de sete anos trabalhando, perdeu o emprego e não conseguia outro. Voltou a estudar e viu que o jovem não tem respeito na sala de aula. Segundo ele, o jovem chega em casa e o pai não sabe o que ele fez. Afirma que moram ali há 30 anos e nunca teve algo para incentivar aos pais; que agora terá o centro educacional e esportivo, depois de muitos anos. Declara:

“Na igreja tem algumas vagas, mas só para quem puxa o saco. Na escola o pessoal rouba merenda e nunca tem aula. Hoje, se perguntar para o professor, eles não têm interesse em ensinar, quer receber o salário. Tem professor bom, mas...”

Para EB, existem bons profissionais para quem quer aprender.

6.3. JOVENS

6.3.1 Análise das Entrevistas Semi –Estruturadas com os Jovens por Respostas

Sobre como foi participar dos projetos:

1.

POSITIVA	“...maravilhoso: gente nova, outros aprendizados, ir a lugares que nunca tinha ido na minha vida.”
----------	--

2.

POSITIVA	“...muito enriquecedor... aprendi bastante coisa. Você cresce pessoal e profissionalmente.”
----------	---

3.

POSITIVA	Muito legal, várias oportunidades.
----------	------------------------------------

4.

POSITIVA	O de informática foi legal. Aprendi bastante coisa. Eu não tinha noção nenhuma. L.A. é bom também, né? Pude aprender.
----------	---

Os jovens relataram ter apreciado muito a participação nos projetos. Destacaram os aprendizados e as oportunidades que tiveram; um deles relatou que o projeto o fez crescer pessoal e profissionalmente. O jovem número 4 falou de maneira positiva do projeto de informática e mostrou um pouco mais de entusiasmo quando falou do projeto de L.A.

Sobre a utilidade destes para os jovens:

1.

SIM	“Para o meu crescimento e acho que mudou a minha vida completamente... Se não tivesse entrado no Projeto, se não tivesse acontecido, as pessoas que me incentivaram, que me deram uns toques, estaria como? Grávida, cheia de filhos?”
-----	--

2.

SIM	“...crescer como pessoa, como profissional.”
-----	--

3.

SIM	“...olhar mais crítico; discernimento.”
-----	---

4.

SIM	O de L.A. serviu para parar de ficar na rua, assim ficar mais na manha, assim, conversei com a (técnica/profissional 6) bastante
-----	--

Os jovens acreditam que o projeto tenha sido útil. Dois deles destacaram o crescimento alcançado, e um deles falou do olhar mais crítico e do discernimento adquiridos com a participação no projeto. Já o jovem número 4 destacou a mudança no seu comportamento, dizendo que foi útil conversar com a técnica do projeto; que isso o fez sair da rua e “ficar mais na manha (referindo-se sua melhora no comportamento).”

Benefícios / mudanças sentidas:

1.

SIM	“Com certeza, muita. Descobrir seus dons, suas aptidões e gostos.”
-----	--

2.

SIM	“Discernimento, crítica, visão política.”
-----	---

3.

SIM	“Com certeza, mudança de caráter, de pensamento...”
-----	---

4.

SIM	“Antes eu ficava na rua, agora não fico muito. Fico mais na manha”
-----	--

Todos os jovens falaram que houve mudanças e benefícios. Um deles falou de discernimento, de crítica e de visão política; outro falou de mudança de caráter e de pensamento, e outro ainda da mudança de comportamento (saída da rua).

Benefícios trazidos para a família:

1.

SIM	“Além da cesta básica que ajudava muito, o outro benefício foi de maior proximidade entre a família.”
-----	---

2.

SIM E NÃO	“Cem por cento não. Mas eu sou o
-----------	----------------------------------

	canal,... mas não é fácil.”
--	-----------------------------

3.

SIM	“Através de mim.”
-----	-------------------

4.

SIM	“Foi bom, porque eu passei a ouvir mais eles, né? Dar mais valor; estar trabalhando.”
-----	---

Os jovens acreditam que a família se beneficia através dos projetos. Um cita a cesta básica e o aumento de sua proximidade com a família; um outro diz que passou a ouvir mais os pais, a dar mais valor a eles e a trabalhar.

Sobre as dificuldades familiares durante a participação no projeto:

1.

SIM	“Teve, muito grande.” Câncer do pai. “Ele bebe, fez quimioterapia.”
-----	---

2.

SIM	Além de a mãe reclamar por ficar no projeto, não. Houve separação da mãe mais de uma vez.
-----	---

3.

NÃO	Nenhuma.
-----	----------

4.

NÃO	Não.
-----	------

Um jovem disse ter passado dificuldades com a doença do pai, com o tratamento quimioterápico e com o abuso de álcool feito por este. Para o segundo jovem, além do fato da mãe reclamar da sua ausência, não teve dificuldades. Para o terceiro, não houve nenhuma dificuldade familiar. O quarto jovem também respondeu que não, mas posteriormente foi levantado que a família passou por muitas perdas seguidas.

Dificuldades vividas no projeto:

1.

SIM	“Tive sim, eu não gostava...” (bolsa com valor pequeno, pouca possibilidade de desenvolvimento e pressão por produção)
-----	--

2.

SIM	“Sempre tem, de entendimento... Com a família, você passa o dia todo nos projetos... Você sabe que é uma coisa boa, mas eles querem que fique em casa.”
-----	---

3.

SIM	“Teve na escola. Fazer as amizades. Não é fácil as pessoas ficarem sabendo da L.A”
-----	--

4.

NÃO	Não.
-----	------

Três jovens responderam que tiveram dificuldades durante a participação no projeto. Um deles disse que não gostava do primeiro projeto do qual participou, justificando que além do valor da bolsa ser pequeno, não via perspectivas de desenvolvimento e havia pressão para que produzissem (reciclagem de materiais); outro disse que sempre tem dificuldades e citou a dificuldade de entendimento com a família por ele passar muito tempo no projeto e pelo fato da família querer que ficasse mais tempo em casa. O terceiro jovem relatou que teve dificuldades na escola quando souberam que estava em Liberdade Assistida.

Realizaram atividade para as famílias dos jovens?

1.

SIM	“Sim, sempre tinha reuniões com os pais, informavam...”
-----	---

2.

SIM	“Bem específicas. Um jantar, uma vez, que foi todos os pais, reuniões de pais. Só, nada além.”
-----	--

3.

NÃO	“Não. Até agora não. Só foram visitar a casa e conhecer a família.”
-----	---

3.

NÃO	Ah, eu acho que não.
-----	----------------------

Dois jovens responderam que houve atividade para as famílias – dois citaram reuniões com pais e um destes citou jantar para pais, dizendo que houve atividades bem específicas. O terceiro disse que apenas houve visita domiciliar para conhecer a família e o quarto não identificou atividades para a família no projeto.

Sobre mudanças na família nos últimos dois anos

1.

SIM	“Sim, deste olhar para mim como adulta... autonomia, sentia mais livre... professores olhavam diferente... Aí se comportava melhor.” Admiravam, valorizavam. Saiu da igreja católica. “... comecei a ver outras religiões e crenças. Minha mãe não aceitava.”
-----	---

2.

SIM	“Radical, não. A minha mãe está um pouco mais compreensiva, mas não tem cem por cento de entendimento.” “Na escola, sim, de querer sugar tudo o que os professores passavam, de fazer amizades.
-----	--

3.

SIM	“Sim, uma irmã foi embora e vai nascer (outra irmã).” “Mudei de escola..., de vez em quando vou à igreja. Eu mudei bastante os amigos. Deixei de ter umas amizades...”
-----	---

4.

SIM	Morreu uma tia e depois de um ou dois anos morreu a minha outra tia. Depois morreu o meu primo.
-----	---

O primeiro jovem sentiu mudanças no olhar sobre si mesmo e na própria autonomia; a partir da admiração dos professores e da mudança na forma destes tratarem os participantes do projeto, ele mudou seu comportamento na escola.

O segundo jovem relata não ter sentido mudança radical, mas achou que a mãe ficou mais compreensiva, mesmo que não tenha total compreensão em relação a ele. Ele diz ter mudado na escola, querendo aprender tudo o que era transmitido.

O terceiro jovem falou da saída de uma irmã de casa e do nascimento de outra irmã.

O quarto jovem não tinha identificado mudanças na família até quando ser questionado sobre a morte de alguém, então, falou da morte de três parentes próximos.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Cultura, esporte, informática, música...?

1.

“Todo projeto social, sem exceção, tem que trabalhar com educação.”

2.

“Comunicação é a base. Dança e expressão corporal também ajuda muito. Que tenha sempre com os eixos, que agora a gente trabalha aqui: formação pessoal, profissional, a ética, cidadania.”

3.

“Primeiro emprego.”

Um jovem disse que todo projeto tem que trabalhar com educação. Outro destaca a comunicação como base e diz que dança e expressão corporal também ajudam muito e que julga necessário ter eixos de trabalho como: formação pessoal, profissional, a ética, cidadania. O terceiro falou de Projeto de Primeiro Emprego.

Sugestões:

1.

“... mais oportunidade de cultura, esporte e cursos profissionalizantes...”

2.

“Mais coisas voltadas para a família, grupal assim, com a família... e para a comunidade, o relacionamento da ONG com a família, aproximar.”

Um jovem sugeriu mais oportunidade de cultura, esportes e cursos profissionalizantes e o outro, maior proximidade entre família e ONG.

O que acha que a população necessita / diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

1.

“Não sei”.

2.

“Querem algo que dê resultado no mercado de trabalho, sei lá, informática.”

3.

“...oportunidade de emprego.”

Dois jovens falaram de emprego, sendo que um falou de oportunidades e outro de informática e de resultado no mercado de trabalho.

O que acha que os jovens querem?

1.

“...ganhar a bolsa”

2.

“Dinheiro! (risada). Projetos que tenham bolsa, que seja fácil; tudo na mão, que não precise de ler muito.”

3.

“Alguns só curtir; outros, trabalho; outros constituir família; outros querem sair de casa...”

Dois jovens acham que os jovens se interessam pelo dinheiro da bolsa e um deles ressaltou que o jovem quer tudo na mão; o terceiro disse que alguns jovens só querem curtir, outros querem construir família e outros querem sair de casa. Portanto, que cada jovem é um jovem.

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si? Fora trabalho, o que as famílias querem para eles?

1.

Trabalho, ocupar o tempo do jovem, seja qual for a atividade, para não se envolver com drogas, roubos...

2.

Estabilidade. Cursos; que os filhos sejam o que não foram.

3.

Minha família espera bastante responsabilidade de mim. Para elas, precisam de harmonia. O jovem quer uma coisa e a família quer outra. Eu quero esporte e a família quer outra coisa.

Segundo o primeiro jovem, a família quer trabalho, além de tempo ocupado, para o jovem não se envolver com drogas e roubos. Já para o segundo jovem, a família quer estabilidade, cursos; quer que os jovens sejam o que os pais não foram. O terceiro disse que a família espera dele bastante responsabilidade, mas acredita que haja diferença entre o que os jovens querem e o que a família quer.

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

1.

Reconhecimento.

2.

Um futuro melhor, com oportunidades... Tirar o jovem do tráfico.

3.

Querem jovens certinhos, caretas.

O primeiro jovem falou que a comunidade quer reconhecimento; o segundo, que ela quer um futuro melhor, com oportunidades e jovens fora do tráfico. Já para o terceiro, a comunidade quer jovens certinhos e caretas.

6.3.2 Síntese da Análise das Entrevistas Semi-Estruturadas com os Jovens

Cada jovem à sua maneira, fala das preocupações dos pais com os filhos e do desejo de que não estejam nas ruas, sujeitos a engravidar, a usar drogas e a cometer atos ilícitos.

Segundo os jovens, a família enxerga o projeto como oportunidade, principalmente de tirar o jovem da rua e de encaminhá-lo profissionalmente. O projeto parece trazer mais segurança aos pais e familiares.

Ainda assim, a família quer o jovem em casa e se ressentem se este fica muito tempo no projeto.

Os jovens avaliaram os projetos positivamente e também os qualificaram como oportunidade e como meio de crescimento pessoal e profissional. Alguns sentiram mudanças na sua forma de pensar; crítica, discernimento e visão política foram adquiridos.

A maioria falou que houve dificuldades e citou obstáculos: na família, na escola ou em um dos projetos dos quais participou, uma vez que este tinha uma proposta mais ligada ao trabalho. Mais uma vez foi citada a dificuldade de entendimento com a família devido aos períodos de maior frequência e grande envolvimento com o projeto. No caso de um dos jovens em Liberdade Assistida, foi difícil conviver com alguns colegas da escola, pelo preconceito, já que estes sabiam do seu envolvimento com a justiça.

As atividades direcionadas às famílias, quando acontecem nos projetos, são pontuais: reuniões, visitas domiciliares. Apenas um dos jovens citou um jantar feito para as famílias.

A preocupação com o mercado de trabalho parece ser presente, mas parte dos jovens considera aspectos como educação, comunicação e desenvolvimento pessoal, fundamentais para o jovem e para o seu futuro.

A visão dos jovens sobre seus pares não é muito otimista. Eles acreditam que muitos deles são acomodados e se interessam mais pela bolsa: dinheiro ganho no projeto. Um deles falou da diferença entre os jovens, dizendo que uns querem trabalho, outros constituir família, sair de casa; e que há uma parcela que só quer curtir.

Para os jovens, a família preocupa-se em mantê-los ocupados, longe das ruas, das drogas e de roubos; quer que trabalhem, que busquem estabilidade, cursos. Um dos jovens falou da expectativa da família de que o jovem alcance o que eles não conseguiram.

Sobre a comunidade, os jovens acham que esta quer reconhecimento, um futuro melhor, com oportunidades e jovens fora do tráfico. Para um deles a comunidade espera que os jovens sejam certinhos e caretas.

Eles acreditam que o projeto traz benefícios à comunidade, mas um deles diz que é difícil mudar a visão assistencialista que a comunidade tem da ONG. Ainda assim, considera que ter projeto, pelo menos para um membro da família, já é bom. O jovem reconhece a necessidade de maior participação da comunidade para que ela possa se beneficiar.

CAPÍTULO 7. DISCUSSÃO DOS DADOS EM CONJUNTO

Os projetos foram bem avaliados e considerados úteis e importantes nos três grupos de entrevistados: profissionais, familiares dos jovens e jovens, como é possível ver nas respostas às questões sobre como foi para o jovem participar do projeto, qual a utilidade deste para estes, quais as mudanças ocorridas e sobre a importância deste. Boa parte dos entrevistados

expressou, em diferentes momentos das entrevistas que são necessárias mais vagas para os jovens em projetos sociais, o que reforça a importância que dão à estes.

Ao responderem as questões seguintes àquela que abordava como foi para o jovem participar do projeto, os entrevistados apresentaram diferenças nas respostas, porém mais na maneira de abordar o tema, do que no conteúdo das respostas em si.

Todos os entrevistados relataram mudanças no comportamento do jovem após o projeto, sendo as principais citadas: mudanças no relacionamento, aquisição de visão crítica e visão política, crescimento pessoal e profissional. O desenvolvimento foi expresso claramente pelos jovens.

Sobre os benefícios para a família

Os benefícios para a família foram identificados, mas em todas as categorias houve relatos de que os benefícios foram indiretos. O projeto beneficia a família, porque beneficia o jovem. Poucas foram as atividades contínuas direcionadas às famílias. Para os profissionais, isso se deve também às dificuldades de trazê-las a eventos e às atividades.

Os profissionais acreditam que as famílias têm ganhos com o projeto; que os familiares passam a ver o jovem de forma mais positiva e que recebem informações através dele. Muitos acham que ampliar a participação da família e aproximá-la do projeto é importante, mas não sabem como aumentar a sua participação. Outros acreditam saber como trabalhar com as famílias, mas também têm dificuldades para trazê-las à participação. Foi ressaltada a falta de recursos para viabilizar a vinda dos familiares, que também, muitas vezes, trabalham e não podem vir. Para alguns profissionais, parte das famílias não enxerga como oportunidade as atividades que lhes são propostas. Há também aqueles que não se sentem à vontade para participar, o que sugere baixo protagonismo, menor autonomia e pouca apropriação do serviço, além de um possível desencontro entre os recursos da família e a visão que os profissionais têm dela.

A família poderia participar do projeto de diferentes maneiras. É importante que o projeto não seja um meio de criar distância entre o jovem e a família e de reforçar sua exclusão.

A família, conhecendo os objetivos do projeto e o seu funcionamento pode acompanhá-lo, conversar com jovem, partilhar seus planos de futuro e cobrar resultados.

Segundo as mães entrevistadas, dentre os ganhos indiretos que as famílias recebem do projeto está incluso o aumento de informações. Seus problemas familiares, tais como abuso de substâncias químicas e violência de outros membros da família, porém, continuam. Para elas, cursos e formação são importantes.

Sobre a participação da comunidade e da família no projeto social

A participação da comunidade nos projetos sociais não acontece como poderia acontecer. Apesar de muitos projetos nascerem a partir da iniciativa de um membro de dentro da comunidade ou próximo à ela, não foram relatadas muitas experiências de aproximação e de participação de diversos membros desta nos projetos aqui estudados. Por outro lado, na comunidade há pessoas dispostas, disponíveis e com habilidades específicas, que poderiam ser úteis nos projetos, mas que não sabem como participar. Existem também, profissionais e jovens que aprovam a participação da família, mas que por diversos motivos não encontraram meios para viabilizar a participação dela. Para aqueles familiares que, por um período de tempo ou em determinada situação, participaram do projeto ou souberam como este funciona e com quais atividades, o resultado foi positivo, inclusive no apoio e valorização do projeto.

Já em outras famílias, apesar de acharem o projeto útil e benéfico para o jovem e de sentirem segurança, sabendo que ele não está nas ruas, ainda há o desejo de que o jovem não se afaste de casa por longos períodos, e, em alguns casos, que trabalhe. A ajuda financeira e até o sustento da família são esperados em parte dos lares. Por crença de que trabalhar é bom e importante, por falta de entendimento da proposta do projeto, por necessidade, ou por necessidade de que o jovem colabore, ainda há pressão para que ele exerça atividade remunerada em algumas famílias.

Quando a família tem recursos para a própria sobrevivência, quando pode esperar a formação e o desenvolvimento do jovem e entende os objetivos do projeto, a relação dela com o projeto pode ser diferente. Mas, também, pode ser que isso dependa da composição e do

momento de vida (ciclo vital familiar), de sua estabilidade e da qualidade de suas relações, além das características do próprio jovem, suas motivações e interesses.

Sobre a possibilidade de transformação social

Por outro lado, ficou evidente que uma transformação social depende do fortalecimento, da autonomia e participação dessa família, que, em geral, é muito necessitada e sem acesso a recursos básicos. Apenas um profissional salientou que a ação do jovem, por si só, pode trazer transformação. Ainda assim, este profissional considera importante a participação das famílias nos projetos.

Se a família ao menos souber do que trata o projeto, como é conduzido, é possível que estimule a participação do jovem e procure acompanhar seu desenvolvimento. Acompanhar, geralmente, faz buscar conhecimento, faz refletir; refletir sobre si mesmo, sobre sua participação social e sobre seus direitos, especialmente nos projetos que têm como eixos cidadania, direitos, fortalecimento individual e social.

Parte dos entrevistados ressaltou que colaborar e participar do projeto traz ganhos para todos. A linguagem e a importância que estes entrevistados atribuem às atividades realizadas e aos conteúdos discutidos parece ser diferente dos demais. É o caso de EB, que por mais de uma geração, acompanhou as crianças e jovens em projetos sociais; ela demonstra satisfação por ter participado destes e demonstra também reconhecimento da influência dos mesmos na formação dos filhos e netos. Além disso, mostra assertividade, boa visão de si mesma e de sua família.

O projeto social pode ser então, uma parte do processo de desenvolvimento social e da reversão do quadro de desigualdade. Quanto mais os projetos conseguirem promover o desenvolvimento de sua população alvo, maior êxito terão na conquista de relações equânimes. Pois, se um grupo leva seu conhecimento ao outro, e sempre que possível o inclui em ações, reflexões e atividades, todos saem ganhando, afinam a linguagem, se apropriam de seus direitos e se fortalecem.

Sobre as demandas

Mostrou-se ser muito importante partir da demanda da população alvo, mas é necessário sempre observar que há uma demanda familiar, que reflete uma demanda social, e que, portanto é complexo, porém útil, trabalhar no sentido de construir algo que venha ao encontro das necessidades mais amplas da população, além das básicas.

Para um dos profissionais é necessário que os projetos partam da demanda dos jovens e falem a sua linguagem. Os jovens enfatizaram que a população quer algo que resulte em oportunidade de trabalho, como por exemplo, cursos de informática. Porém, nem sempre é suficiente apenas oferecer cursos, como ilustra o caso do familiar número 3, mãe do jovem número 4, que, preocupada com as atitudes e com o círculo de amigos do filho, tentou colocá-lo em projeto de informática sem sucesso, pois o jovem não frequentava. Ele só passou a identificar perspectivas em projetos sociais a partir do acompanhamento da equipe sócio-educativa da medida (de Liberdade Assistida). Considerando então a resposta de um dos profissionais do projeto de Liberdade Assistida, devemos privilegiar as crianças, fazendo projetos preventivos e educativos. Por outro lado, não se deve esquecer de que o jovem tem suas demandas e a família também, conforme colocado por outro dos jovens e por uma das mães; inclusive a demanda de que o jovem amplie a sua convivência com a família deve ser considerada. Mesmo que este jovem esteja em um momento de vida em que busque independência, o afeto e a relação com a família devem ser priorizados. As famílias que puderam participar do desenvolvimento do jovem e que mantiveram boas relações com o projeto e com o jovem ampliaram seus recursos e se fortaleceram.

Segundo as mães, é necessário mais trabalho, estudo, faculdade e mais vagas em projetos sociais para jovens. Um dos jovens acredita que ações e atividades para as famílias são importantes para a comunidade, outro acredita que devam ser oferecidos mais esporte, cultura e cursos profissionalizantes.

A questão financeira e a oferta de trabalho também aparecem frequentemente relacionadas às principais demandas expressadas.

O conflito entre o jovem e o adulto aparece em muitas respostas. Alguns colocam claramente que acreditam que a comunidade não quer o jovem nas ruas aprontando; que ela quer sossego,

jovens bem comportados; mas quase todos falam que seria bom se eles estivessem trabalhando, buscando trabalho ou, no mínimo, se preparando para o mercado de trabalho.

Nas famílias aqui estudadas, além das preocupações de quem vê o filho alçando vôo e arriscando, há a forte presença da violência, o medo do tráfico, da gravidez sem planejamento e precoce, e do uso de drogas. Um medo de quem se enxerga com poucos recursos para oferecer ao filho alternativas a esses caminhos considerados maus; de quem acredita que pouco poderá fazer para tirá-los dos mesmos ou evitar que entrem neles. O medo e a necessidade financeira, freqüentemente, permeiam as demandas apresentadas.

Portanto, a autora observa que no caso das famílias em situação de “exclusão” social e de pobreza material, as demandas de subsistência e a necessidade de força de resistência (em relação aos preconceitos, à discriminação, à violência, e às adversidades freqüentes) se sobrepõem, melhor dizendo, se cruzam com as demandas do ciclo vital familiar e individual. Outra forma de dizer seria, que as necessidades desta população estão relacionadas com o contexto em que vive, sem que isso exclua individualidades e singularidades; o que aliás deveria se pensar de qualquer grupo ou família, que compartilha de algo que é socialmente construído: participação social com características próprias, seja individual ou familiar.

No caso destas famílias, as situações extremas de risco, a violência e a carência, precisam ser olhadas com bastante cuidado. Não como algo imutável, estigmatizante, idealizado, mas como algo a ser transformado.

Como exemplo, pode-se citar uma das famílias entrevistadas de forma aberta em domicílio, na qual era visível a organização e a adequação da maior parte das instalações domésticas. A família não passou por ruptura conjugal ou recasamento. Porém, nesta família, o medo da rua parece ter limitado a socialização e a expressão das crianças e jovens, e, sobretudo da mãe (E.). Mostraram-se inseguros, sem muito traquejo e com pouca experiência fora de casa, apesar de todo o cuidado e afeto familiar. As crianças, aparentemente, foram criadas com proteção, alimentação e recursos materiais, mas com pouca participação social. Este foi o preço de se manter a integridade física?

De uma maneira geral, na questão sobre o que a população necessita, emprego e trabalho foram os itens mais citados; educação, cursos, formação e capacitação também apareceram com grande freqüência.

CAPÍTULO 8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo desta pesquisa foi entender o que acontece com os participantes dos projetos sociais voltados para jovens, em relação aos que estão à sua volta: suas relações familiares, a visão que a família e a comunidade tem sobre ele e sobre si própria, incluindo

eventuais mudanças de hábitos, de valores, de narrativas e do nível de participação nas políticas públicas.

A partir deste propósito, conclui-se ser fundamental pensar no que os participantes, sua família e comunidade necessitam e querem; pensar nas relações em torno de todo o processo, na flexibilidade e na amplitude de recursos e de redes para caminhar no sentido da construção comum.

As entrevistas mostraram que o jovem, principalmente quando interessado e quando é autor no processo de escolha do tipo de projeto que irá participar, muito se beneficia e se desenvolve com ele, levando parte dos benefícios para a vida familiar. Nestas condições, foram citadas mudanças positivas no comportamento e no relacionamento do jovem com a família e com a rede de pessoas que a cerca durante a participação no projeto. Foram vistos, inclusive, como muito positivos os impactos familiares, tais como a melhoria na comunicação do jovem com a família, no relacionamento deste com parentes e vizinhos e na sua participação social, segundo relatos de alguns entrevistados.

No caso, por exemplo, dos projetos com Tecnologia da Informação e da Comunicação, se a proposta do projeto vier ao encontro do interesse do participante, ou seja, quando este, de fato, deseja ter acesso à tecnologia da informação e da comunicação e apresentar um conjunto de conhecimentos mínimos para tal, faz crer que esta ferramenta possa tornar-se um ingrediente importante na melhoria da sua auto-estima, da sua participação e do protagonismo. Assim acontece com os demais tipos de projetos: dança, música, esportes... Quanto mais interessante para o jovem, mais ele se modifica e aprende.

Para alguns jovens, o encontro com algo que lhes interesse pode dar mais sentido à vida; para outros, pode ser o início de uma carreira, o que também é muito positivo.

Melhor seria, que tais conquistas fossem alcançadas, sem diminuir a autonomia da família e sem desconsiderar a vida familiar do jovem, uma vez que a autonomia deste também depende da autonomia, do desenvolvimento e da força de sua família e do meio em que vive.

Não adianta possibilitar o estudo e até o auto-sustento financeiro de um cidadão, sem que suas redes sociais sejam fortalecidas e legitimadas, já que são estas que lhe darão apoio e legitimidade, tanto quanto este cidadão poderá também incrementá-las e fortalecê-las.

Deveria ser comum entre os projetos o trabalho com as pessoas e com as suas relações sociais, para que elas desenvolvessem subsídios para participar e para gerir empreendimentos futuros, que não só as mantenham, mas que as façam desenvolver o meio em que vivem. É mais do que qualificar o jovem para um trabalho, é também cuidar dele e de suas relações; é ampliar a sua formação política, estimular a auto-gestão, o protagonismo e a autonomia, considerando as relações significativas do jovem e da família como importantes, no processo e como parte fundamental do mesmo.

Vê-se, porém, que o contexto familiar do jovem nem sempre é trabalhado, e que quando o é, algumas vezes é sob uma visão crítica em relação à sua família. As famílias são mais criticadas do que conhecidas pelas equipes de parte dos projetos. Por outro lado, a possibilidade de aumentar a sua participação é vista como benéfica pela maioria dos entrevistados e muitos destes expressaram que as famílias precisam ser ouvidas.

Há que se construir narrativas mais positivas, que possibilitem abertura e não manutenção de preconceitos. Haja vista as colocações feitas por alguns profissionais, não podemos reforçar a idéia de que “a família está comprometida”, bem como idéias de que se tem que passar valores para a família.

Faz-se necessário **desconstruir** determinados significados, para que se veja cada família e cada jovem com suas potencialidades e singularidades. Melhor poderão ser vistas as potencialidades dos jovens e os recursos de suas famílias se partirmos dos seus valores e se construirmos valores conjuntos que promovam a vida e a justiça social, mas não o assistencialismo.

Foram vistos durante o trabalho preconceitos em relação ao projeto social de Liberdade Assistida; os profissionais que ali trabalham são muitas vezes desvalorizados.

Tais idéias também podem dificultar o investimento e o apoio a ações na área dos projetos sociais, tanto quanto, enfraquecer os profissionais deste campo e os jovens atendidos.

Ainda permanece um ranço assistencialista no âmbito dos projetos sociais, que ora partem das famílias que esperam ajuda das ONGS, ora são mantidas por alguns (instituições públicas, privadas e profissionais), que na tentativa de aproximar a família, propõem

benefícios pontuais ao invés de espaços para conversação e para participação. A família é vista como dependente e desprovida de capacidade de saber e de buscar o que é bom para si.

Isto que acontece, não é diferente do que muitas vezes ocorre na área educacional: em muitas escolas a preocupação com o conteúdo é cada vez mais alta, visa-se melhorar o nível de conhecimento da criança e do jovem. Neste contexto, grades curriculares e propostas são programadas de forma pesada, com muitas aulas e poucos espaços para autoconhecimento e de conversa; escolha, autonomia, afeto e singularidades não encontram espaço para expressão.

Não se consegue “dirigir” um trabalho ou encaminhá-lo sem partir da visão do outro, sem considerar o que é bom para ele.

Mas também, não resolve abrir demais as propostas sem defini-las, pois isto implicaria a perda de referências. Trata-se então do enfrentamento de desafios que envolvam preparo, experiência, planejamento, flexibilidade, participação e constante investimento.

Acredita-se que seja necessário pensar na família e na relação de seus membros para que o projeto tenha eficácia, fazendo uso da expressão utilizada por Cohen e Franco (1993), portanto diferenciando-o de eficiência. Mesmo que as atividades programadas sejam bem realizadas, é necessário que seus frutos, de fato, possam gerar alguma transformação social, e esta precisa incluir a família, a sua satisfação, felicidade e escolha; no mínimo, que forneça esclarecimentos sobre os objetivos, sobre o funcionamento e sobre a utilidade do projeto. É importante que a família saiba das possibilidades de aplicação do projeto, para que possa acompanhá-lo e apoiá-lo.

Do ponto de vista sistêmico, mesmo que o nível de participação seja diferente, entre jovens e familiares, estes se somam e se fortalecem se houver troca e apoio mútuo.

Além da participação da família, outros aspectos podem ser pensados e cuidados no planejamento e na execução dos projetos sociais.

O medo da violência e do uso de drogas ainda são os grandes inimigos da família, que para se proteger, muitas vezes, evita a convivência social, especialmente na fase em que tem filhos jovens. Estes são pontos que devem sempre permear atividades preventivas e fóruns de discussão, se possível com espaço para escuta também dos pais.

A educação, além de ser primordial para o desenvolvimento humano e social, foi destacada como necessária pelos jovens. A comunicação e o domínio da língua portuguesa são fatores decisivos no desenvolvimento do jovem e na busca por maior equidade nas relações sociais. Os jovens que tiveram acesso aos projetos de comunicação, apresentaram grande desenvoltura, participação social e visão crítica.

Provavelmente, por todos os motivos e aspectos acima discutidos, as frases mais ouvidas na pesquisa de campo foram aquelas relacionadas às necessidades de trabalho, de educação e as que faziam referência à preocupação de tirar o jovem da rua, mantendo-o ocupado, longe das drogas e da violência. Para que isso aconteça, é necessário que sejam tomadas medidas econômicas para minimizar os problemas relacionados ao mercado de trabalho, melhorar a educação e o acesso a ela, ampliar as políticas públicas voltadas à família, manter, incrementar e avaliar projetos sociais, analisando a demanda da população e a eficácia dos mesmos.

É necessário atuar em diversas frentes, com visão transdisciplinar, buscando melhorias na saúde, no social, na educação, tanto no âmbito individual (crianças, jovens, adultos de todas as idades) como no familiar e no coletivo. Para isso, há que se perguntar sempre o que as pessoas querem e acreditar que elas saibam o que é bom para si; humanizar os serviços (HumanizaSus, 2004); atender cada vez melhor, de forma organizada, planejada; de forma aberta, sem autoritarismo. Educar, para que as pessoas possam cuidar de si e do mundo no qual vivem, preservando suas relações e diálogos, introjetando valores positivos no que se refere à preservação, respeito a si, ao outro e ao meio ambiente.

As práticas voltadas ao desenvolvimento humano devem ser, portanto, construídas, dinâmicas, além de participativas e com foco na melhoria do meio: a família e o social. Todos devem responsabilizar-se por elas: o Estado, a família e os indivíduos em parceria, seja de forma autônoma ou em instituições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu., *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003

ACOSTA, Ana R; VITALE, Maria Amália F. (org). *Família: redes, laços, políticas públicas*. São Paulo: IEE/PUC-SP p. 241-265, 2003

ANDERSEN, Tom. *Processos Reflexivos*. Rio de Janeiro: Noos Editora, 1991.

- ARAÚJO, Ulisses; KLEIN, Ana Maria. Escola e Comunidade, juntas para uma cidadania integral. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.
- AUN, J.; VASCONCELOS, M. J.; COELHO, S. V. *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais*. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2005.
- AYRES, J. R.; FREITAS, A.C.; SANTOS, M.A. et al Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 7, n.12, p. 123-38, fev 2003.
- BARRETO, Adalberto. *A Terapia Comunitária Passo a Passo*. Fortaleza: LCR, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização. As Conseqüências humanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENTO, Maria Aparecida S. Os Psicólogos de R.H., a igualdade e a diversidade no trabalho. In SAWAIA, B.; NAMURA, M. R. *Dialética exclusão/inclusão. Reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da psicologia social crítica*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria, 2002.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria Geral dos Sistemas*, Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOTH, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOWEN, Murray. *La Terapia Familiar em la practica clinica*. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer, vol.I, 1989.
- CANGELLI FILHO, Raphael. LUISI, Liz. A família em fase adolescente in CERVENY, C.; BERTHOUD, C. MERCADANTE E COL. *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- _____ *As Conexões Ocultas – Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix Amana-Key, 2002.
- CARTER, Betty; Mc GOLDRICK, Monica e col. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª edição, 1995.
- _____ *The expanded family life cycle: individual, family and social perspectives*. Boston: Allyn and Bacon. 3ª edição, 1999.
- CARVALHO, Maria do Carmo B. (org.) *A Família Contemporânea em debate*, São Paulo: EDUC, 1995
- _____ *Famílias e políticas públicas in Acosta, A. e Vitale, M.A.F. (org). Famílias: Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

-
- O lugar da educação integral na política social. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.
- CASTEL, R.; WANDERLEY, L. E.; WANDERLEY, M. B.. *Desigualdade e questão social*. São Paulo: EDUC- Editora da PUC-SP, 2ª ed revisada e ampliada, 2004.
- CECCHIN, Gianfranco. Hypothesizing, circularity and neutrality revisited: na invitation to curiosity. *Family Process*. 26:405-413, dezembro de 1987
- CERVENY, Ceneide. *A Família como modelo*. Campinas: Editorial Psy II, 1994.
-
- A família ainda é como era...e a família não é mais a mesma! *Anais Congresso Águas de São Pedro*, 1999
- CERVENY, C.; BERTHOUD, C. MERCADANTE E COL. *Família e Ciclo Vital:nossa realidade em pesquisa*. São Paulo:Casa do Psicólogo, 1997.
- COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. *Avaliação de Projetos Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COMBS, Gene e FREEDMAN, Jill. *Narrative Therapy: the social construction of preferred realities*. New York: W.W. Norton e Company, 1996
- COSTA, Antonio Carlos G. *Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo: um guia para o educador*. Belo Horizonte: Universidade, 2001.
- CUNHA, J.M.; JAKOB, A.; HOGAN, D et al. A vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, MG, 20- 24 setembro, 2004.
- DABAS, Elina. *Red de Redes – las prácticas de la intervención en redes sociales*. Buenos Aires, Paidós, 1993.
- DABAS, Elina.; NAJIMANOVICH, Denise. (org.) *Redes – el lenguaje de los vinculos hacia la reconstrucion y el fortalecimiento de la sociedade civil* Buenos Aires: Paidos, 1995
- DA MATTA, Roberto. A família como valor: cosiderações não-familiares sobre a família à brasileira . In ALMEIDA, A (org) *Pensando a Família no Brasil - da colônia à modernidade*,Rio de Janeiro: Espaço e Tempo e UFRJ, 1987
- DAYRELL, Juarez. Nome Artigo. Publicado em <[http:// www.aprendiz.org](http://www.aprendiz.org)>. Acesso em 19/09/06
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Ivonna S. *Politics and Ethnics in Qualitative Research in Handbook of Quality Research*, California: Sage Publications, 1994.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Tirar os muros entre viver, aprender, ser e fazer. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.

DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do conhecimento. Os desafios da educação*. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

ECA. Estatuto da Criança e do adolescente. Lei 8069 de 13 de julho de 1990.

ELKAIM, Mony. *Las practicas de la terapia de red*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1989.

ESTEVES DE VASCONCELOS, Maria José. *Pensamento Sistêmico. O novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus, 2002.

_____. Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático: novo-paradigmático por quê? *Família e Comunidade/Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. v.1n.1 São Paulo: Via Lettera, mai, 2004.

FEIJÓ, Marianne. Roupas sujas só se lava em casa? A importância da rede social no trabalho terapêutico. 2002. 256f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). PUCSP, São Paulo.

FEIJÓ, Marianne; MACEDO, Rosa. *Gênero, cultura e rede social – a construção social da desigualdade através da linguagem*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Valores Humanos e o Futuro da Sociedade, ISA, São Paulo, 17-19 novembro, 2001.

FEIJÓ, Marianne; MARRA, C. Mapa das Redes Culturais: um instrumento para o trabalho com famílias e casais em contexto de migração. *Família e Comunidade/ Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Estudos Pós-graduados em psicologia Clínica da PUC-SP*, v.1 n.2, São Paulo: Vila Lettera, nov, 2004.

FIGUEIRA, Sérvulo. O “moderno e o “arcaico” na nova família brasileira . In Figueira, S. (org) *Uma Nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987

FONTANA, Andrea; FREY, James. Interviewing. The art of science. In Denzin, Norma. e Lincoln, Yvonna. *Handbook of Quality Research*, p. 361-376 California: Sage Publications, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1996.

_____.Direitos Humanos e educação libertadora. In Freire, Ana Maria Araújo. (org). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001a.

_____. Discussões em torno da pós-modernidade. In Freire, Ana Maria Araújo. (org). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001b.

GALANO, Mônica H. O ciclo vital da família. Uma visão complexa . In Sergio Vieira Betarello (org) *Perspectivas Psicodinâmicas em Psiquiatria*, p. 211-231. São Paulo: Lemos Editorial, 1998 .

_____. Mediação , uma nova mentalidade . In: Oliveira, A (Org) Métodos de Resolução de controversias São Paulo:Ed LTR, 1999.

_____. Família e história: a história da família. In Cervený, C. (org) *Família e...* Casa do Psicólogo:São Paulo, 2006.

GOMES, Jerusa V. Família: cotidiano e luta pela sobrevivência. In CARVALHO, M. (org.) *A Família Contemporânea em debate*, São Paulo: EDUC, 1995

GRANDESSO, Marilene. Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000

_____. Família e narrativas: histórias, histórias e mais histórias . In Cervený, C. (org) *Família e...* Casa do Psicólogo:São Paulo, 2006.

GRUPO DE MÍDIA. São Paulo, 2000. Disponível em <http://www.portalbrasil.net/brasil_economia.htm>. Acesso em 02/05/2007.

GUARÁ, Isa. É imprescindível educar integralmente. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.

GUERRIERO, Iara C. Gênero e vulnerabilidade ao HIV: um estudo com homens na cidade de São Paulo. 208fls. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Núcleo de Família e Comunidade, PUCSP, 2001.

GUIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

HOFFMAN, Lynn. Constructing Realities: na art of lenses. *Family Process*, 29:1-12, 1990.

HumanizaSUS: *Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS*. Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

IBGE (2004). Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 02.06.2007.

INSTITUTO MARPLAN DO BRASIL, 2007.

KVALE, Steinar. Ten Standard Objections to Qualitative Research Interviews. *Journal of Phenomenological Psychology*. Vol.25 N.2 p. 2147-173 outono, 1994

LOSACCO, SILVIA. O jovem e o contexto familiar in Acosta, A. e Vitale, M.A.F. (org). *Famílias:Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

LUCAS, FÁBIO. *Expressões da Identidade Brasileira*. São Paulo: EDUC Editora da PUC-SP, 2002

MACEDO, Rosa M. A Família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?
Caderno de pesquisas, São Paulo, n.91, p. 62-68, 1994.

Comunicação Pessoal realizada em aula de Pós Graduação em
Psicologia Clínica no Núcleo de Família e Comunidade da PUCSP, 2004.

Família e Gênero . In CERVENY, C. (org) *Família e... Casa*
do Psicólogo: São Paulo, 2006.

Sexualidade e Gênero . In HORTA, A. FEIJÓ, M. (org).
Sexualidade na Família.. Expressão e Arte: São Paulo, 2007.

MACEDO, R.; KUBLIKOWSKI, I.; GRANDESSO, M. A Interpretação em Pesquisa
Qualitativa: a construção do significado. Anais do I CIBRAPEQ – Conferência
Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa. Taubaté, 2004

MARRA, Cláudia. Para entoar a tua canção: uma reflexão sobre a necessidade de uma postura
sensível do psicólogo quanto as questões de diversidade cultural. Dissertação de
Mestrado em Psicologia Clínica. 169fls NUFAC/PUC-SP, 2005.

MC-KUNE-KARRER, Betty. M. *Metaconceitos*: transcendendo os modelos em terapia.
familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MEC e INEP. Mapa do analfabetismo no Brasil em 2000. Disponível em <<http://www.uff.br/ejatrabalhadores/Analfabetismo.pdf>>. Acesso em 02/06/2007 e em
<<http://www.inep.gov.br/estatísticas/analfabetismo>>. Acesso em 19/11/2007.

MELLO, Sylvia L. de. Família: perspectiva teórica e observação factual. In CARVALHO, M.
(org.) *A Família Contemporânea em debate*, São Paulo: EDUC, 1995

MINAYO, Maria Cecília de S.; *O Desafio do conhecimento. Pesquisa Qualitativa em*
Saúde. 4ª ed. São Paulo: Editora Hucitec-Abrasco, 1996.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias - Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes
Médicas, 1982

MOON, S.; DILLON, D.; SPRENKLE, D. Terapia Familiar e Pesquisa Qualitativa. *Journal*
of Marital and Family Therapy vol 16 n.4, 357-37, 1990

MORÉ, Carmen. Atendendo a demanda: proposta de um modelo de sistematização e de
intervenção psicológica junto a postos de saúde comunitários. Tese de doutorado. 178 fls
PUC-SP, 2000.

MORÉ, Carmen L.O.; MACEDO, Rosa M.S. de. *A Psicologia na Comunidade: uma proposta*
de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MOTTA, Raúl; CIURANA, Emílio-Roger. A Cultura da Complexidade e a Complexidade da
Cultura. *Margem*, São Paulo N° 16 P.171-173, 2002.

- NAJMANOVICH, Denise. In: DABAS, Elinor e NAJMANOVICH, Denise. .) *Redes – el lenguaje de los vinculos hacia la reconstrucion y el fortalecimiento de la sociedade civil* Buenos Aires: Paidós, 1995
- NOAM, Gil. Aprendendo com entusiasmo: conectando o mundo da escola ao pós-escola por meio da aprendizagem por projetos. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.
- ONU. Organização das Nações Unidas, 1984.
- PAUGAM, Serge. *Desqualificação Social. Ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- REBELLATO, José Luis. Horizontes de un paradigma emancipativo: su articulación con la práctica. *Psicología para América Latina. Revista Electrónica Internacional de Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología*. N.º agosto, 2002. Disponível em <<http://www.psicolatina.org>>. Acesso em 02/06/2007
- REY, Fernando L.G. Epistemologia cualitativa. Sus implicaciones metodológicas. *Psicologia Revista- Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP n.5 dez, 1997*
- RIBEIRO, Cassia G. A escola é um lugar estratégico para a atuação juvenil, 2002. Disponível e <<http://www.aprendiz.org.br>. Acesso em 02/06/2007.
- ROS, Bárbara Zaz. La satisfacción como indicador de excelência em la calidad de los servicios de salud. *Psicologia Científica*, fevereiro, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SARTI, Cynthia. Família e individualidade: um problema moderno. In CARVALHO, M. (org.) *A Família Contemporânea em debate*, São Paulo: EDUC, 1995
- _____. *A Família como espelho – um estudo sobre a moral dos pobres*. 2ª ed, São Paulo: Cortez, 2003a
- _____. Famílias enredadas . In Acosta, A. e Vitale, M.A.F. (org). *Famílias:Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003b.
- SAWAIA, Bader. (org.) Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
- _____. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades . In Acosta, A. e Vitale, M.A.F. (org). *Famílias:Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

- SAWAIA, Bader B.; NAMURA, Maria R. *Dialética exclusão/inclusão. Reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da psicologia social crítica*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria, 2002.
- SPOSATI, Aldaísa. Prefácio. In Sawaia, B. e Namura, M. *Dialética exclusão/inclusão. Reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da psicologia social crítica*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria, 2002.
- SCHNITMAN, Dora. Redes y sistemas. *Familia e Comunidade*. 3 (1) p. 1 -20, 2006.
_____. Enfoque Sistêmico em famílias. *Família e Comunidade/Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. v.1n.1 São Paulo: Via Lettera, nov., 2004.
- SETÚBAL, Maria Alice. O ressurgimento da educação integral. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.
- SILVA, Mirela de C. da; BARROS, Ricardo P. de. Pobreza Multidimensional no Brasil, 2006. Disponível em <www.anpec.org.br/encontro_2006/artigos>. Acesso em 02.05.2007.
- SILVEIRA, Sérgio A. *Exclusão Digital – a miséria na era da informação*, São Paulo: Ed Fundação Perseu Abramo, 2001
- SLUZKI, Carlos. Disrupción de la red y reconstrucción de la red en proceso de migración. *Revista Sistemas Familiares*. Ano 6 n. 2 Buenos Aires, 1990.
_____. Transformations: a blueprint for narrative changes in Therapy. *Family Process*, n. 31, n.3 p. 217-230, 1992.
_____. *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- SOUZA, Marilza S. Família e Resiliência. In Cervený, C. (org). *Família e..* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- SOUZA, Rosane M. Paternidade em Transformação: O pai singular e sua família. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP. 224 fls. 1994.
- SOUZA, Regina M.. *Escola e Juventude*. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.
- STAKE, Robert. Case Studies. In Denzin, Norma. e Lincoln, Yvonna. *Handbook of Quality Research*, Sage Publications, California, 1994.
- SUARES, Marines. *Mediación. Conducción de disputas, comunicación y técnicas*. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de famílias. In CARVALHO, M. (org.) *A Família Contemporânea em debate*, São Paulo: EDUC, 1995

_____. A Família como locus educacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 81, n. 197, p. 14-25, 2002.

_____. Ser criança: um momento do ser humano. . In Acosta, A. e Vitale, M.A.F. (org). *Famílias:Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

TOLEDO, Margarida A. Do Digital ao emocional. Um estudo sobre as possibilidades desta porta digital como mediação no processo de inclusão social das crianças em situação de risco: TCC do curso de pós-graduação em Educação Comunitária – Faculdade Anhembí Morumbi , 46fls. 2006.

TURATO, Egberto R.. Estratégias de Pesquisa Qualitativa em Saúde Mental. *Anais do III Fórum de Psiquiatria do interior paulista*, Águas de Lindóia, junho de 2000.

UNICEF, pesquisadora Cristián Bellel, Gonzalo Munhoz, Luz Maria Pérez e Dagmar Raczynski. Escuelas efectivas em setores de pobreza: ¿quién dijo que no se puede? Tema Educação, centro de documentação do site www.unicef.cl. 2004.

VITALE, Maria A. F. Socialização e família: uma análise intergeracional . In Carvalho, M. C. (org.) *A Família Contemporânea em debate*, São Paulo: EDUC, 1995

WHITE, Michael. Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 3:21-40, 1991.

WHITE, Michael; EPSTON, David. *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Barcelona: Paidós, 1993.

WIESENFELD, Esther. Gênero, Ambiente Y Comunidad: Participación de la Mujer em Proyectos de Autoconstrucción de Viviendas. In SAWAIA, B. NAMURA, M. R. *Dialética exclusão/inclusão. Reflexões metodológicas e relatos de pesquisa na perspectiva da psicologia social crítica*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria, 2002.

ZELMANOVITS, Maria Cristina. Escola e Comunidade, juntas para uma cidadania integral. *Cadernos Cenpec. Educação, Cultura e Ação Comunitária*. n. 2 segundo semestre de 2006.

ANEXOS

I. PROTOCOLO DO COMITÊ DE ÉTICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

Protocolo de Pesquisa Nº 15/2006

Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo

Autor(a): Marianne Ramos Feijó

Parecer sobre o Projeto de Doutorado intitulado *A família e os projetos sociais voltados para jovens – impacto e participação*

Em conformidade com os critérios da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), a relevância social, a relação custo/benefício e a autonomia dos sujeitos pesquisados, foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

No nosso entendimento, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

Face ao parecer substanciado elaborado pela Sr. Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, o parecer do Comitê é favorável à aprovação do projeto.

São Paulo, 12 de junho de 2006.


Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C – Bairro Perdizes – CEP 05015-001
Tel.: (0xx11) 36708466 - FAX (0xx11) 36708466 - e-mail: cometica@pucsp.br

II. MODELOS DOS TERMOS DE CONSENTIMENTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Marianne Ramos Feijó, RG: 20931269-5 Pesquisador Responsável pelo projeto de pesquisa intitulado: **A família e os projetos sociais voltados para jovens – impacto e participação.**

Protocolo: 15/2006

Declaro conhecer a Resolução MS/CNS – nº 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e comprometo-me a seguir todas as suas normas e orientações, assim como a dar conhecimento delas e exigir a co-responsabilidade de todos os outros participantes do estudo, no seu cumprimento.

São Paulo, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS

Nome da Instituição _____ Data:

Pesquisador:

Profa Marianne Ramos Feijó

CPF: 10615303889

End.: R. Casa do Ator 803 ap 43

São Paulo – CEP

Fones: 30459777 92412909

Sujeito da Pesquisa

CPF:

São Paulo – CEP

Fones:

Título do trabalho - A família e os projetos sociais voltados para jovens – impacto e participação

O propósito deste estudo é estudar projetos sociais voltados para jovens e seus impactos nas famílias, através de um levantamento dos casos existentes na Instituição.

A fim de desenvolver este projeto solicitamos a autorização, por um profissional responsável, para a utilização dos dados documentais que envolvem registros da participação dos jovens e de suas famílias no Projeto desta instituição.

Nos comprometemos com manter em sigilo as informações obtidas através destes documentos, garantindo a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Garantimos os benefícios obtidos através desta pesquisa, assegurando a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou da comunidade, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico-financeiro desta instituição.

Assinatura do Pesquisado

Assinatura do orientador

Assinatura do responsável pela Instituição
Cargo

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Pesquisa: A família e os projetos sociais voltados para jovens – impacto e participação

Os pesquisadores, abaixo assinados, se comprometem a:

- atender os deveres institucionais básicos da honestidade; sinceridade; competência; da discrição.
- pesquisar adequada e independente, além de buscar aprimorar e promover o respeito à sua profissão .
- não fazer pesquisas que possam causar riscos não justificados às pessoas envolvidas;
- não violar as normas do consentimento informado;
- não converter recursos públicos em benefícios pessoais;
- não prejudicar seriamente o meio ambiente ou conter erros previsíveis ou evitáveis .
- comunicar ao possível sujeito todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado;
- propiciar ao possível sujeito plena oportunidade e encorajamento para fazer perguntas;
- excluir a possibilidade de engano injustificado, influência indevida e intimidação;
- solicitar o consentimento apenas quando o possível sujeito tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das conseqüências de sua participação e tenha tido oportunidade suficiente para considerar se quer participar;
- obter de cada possível sujeito um documento assinado como evidência do consentimento informado, e
- renovar o consentimento informado de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa

São Paulo,.....de.....de.....

Pesquisador responsável

orientador

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: A família e os projetos sociais voltados para jovens – impacto e participação

O propósito desta pesquisa é estudar projetos sociais voltados para jovens e seus impactos nas famílias.

Nos comprometemos, como responsáveis pelo trabalho, com manter em sigilo as informações obtidas através destes documentos, garantindo a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Garantimos os benefícios obtidos através desta pesquisa, assegurando a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou da comunidade, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico desta instituição.

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo . Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado.

Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

Nome do pesquisado :

Nome:

Data: ___/___/20___.

RG:

Assinatura:

Nome do pesquisado:

Nome:

Data: ___/___/20___.

RG:

Assinatura:

Nome do pesquisado:

Nome:

Data: ___/___/20___.

RG:

Assinatura:

Testemunha:

Nome:

Data: ___/___/20___.

RG:

Assinatura:

Pesquisador:

Nome: Marianne Ramos Feijó

Data: ___/___/20___.

RG: 20931269-5

Assinatura:

III. ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

Roteiro de Entrevista com Profissionais

Nome: Idade:
Cargo/Função: Formação:
Instituição:
*Projeto:
Data de início: Data de término:
Faixa Etária dos Participantes do Projeto:
Objetivos do *Projeto:

Breve Resumo da Proposta do*Projeto:

Período de Atuação no *Projeto:

Desde quando você atua em projetos sociais em geral? E com jovens?

Como avalia os projetos nos quais atuou?

De que maneira acha que eles foram úteis para os jovens?

E para as famílias deles? Como acha que elas foram beneficiadas?

Houve dificuldades?

O *Projeto realizou alguma atividade com ou para as famílias dos jovens?

Você acha importante a família participar de alguma maneira? Como?

De que forma acha que elas poderiam participar e/ou se aproximar? Que contribuições acha que ela pode dar?

Acha que a família pode interferir positiva ou negativamente no projeto?

Ouiu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do *projeto?

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais (famílias, comunidades, sociedade)?

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias que implicam ou estão implicadas na forma como o *projeto foi elaborado?

Conhece outros projetos e propostas de trabalho social com jovens?

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos?

De que forma acredita que estes possam beneficiar os jovens, suas famílias, a comunidade e a sociedade?

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido?

O que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

- A) O que acha que os jovens querem?
- B) O que acha que suas famílias querem para eles e para si?
- C) O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

Entrevistarei jovens que participaram deste *projeto por no mínimo um ano, além de parentes destes. Você pode me dar algumas indicações sobre como encontrar estas pessoas? Indica alguém ou algum outro projeto para que eu estude?

*Projeto – projeto que está sendo estudado

Roteiro de Entrevista com familiares dos jovens

Nome: _____ Parentesco: _____ Idade: _____
Escolaridade/Formação: _____

Nome: _____ Parentesco: _____ Idade: _____
Escolaridade/Formação: _____

Nome: _____ Parentesco: _____ Idade: _____
Escolaridade/Formação: _____

Instituição:

*Projeto:

Data de início: _____ Data de término: _____

Período de participação do(a) jovem no *Projeto :

De que projetos o(a) jovem já participou?

Como acham que foi para ele(a) participar destes projetos?

Quem escolheu que ele(a) participasse do *Projeto? Por quê? Como souberam do *projeto?

Ele(a) Participa de algum projeto atualmente? Qual?

De que maneira acham que os projetos foram úteis para ele(a)?

Vocês perceberam alguma mudança nele(a) depois do *projeto?

Ele(a) teve alguma dificuldade?

O que vocês pensam sobre o *projeto ?

A participação do(a) jovem no *projeto foi importante para a sua família? Como?

Algum dos projetos realizou alguma atividade com ou para a sua família?

Vocês tiveram dificuldades familiares durante a participação do(a) jovem no *projeto?

Como vocês superaram tal dificuldade?

O fato do(a) jovem estar no *projeto facilitou ou dificultou algo?

A sua família passou por alguma mudança nos últimos dois anos? Ela está diferente em algo?

E sobre a escola? O(A) jovem teve mudanças na escola após ter participado do *projeto? Ele (a) está diferente na escola?

Além da escola, tem outro grupo que vocês participam (igreja, vizinhos, comunidade)? Quais?

Já participavam destes grupos antes do *projeto? Teve algo que mudou?

Vocês acham que o *projeto trouxe benefícios para o(a) jovem? Quais? Teve algo que possa melhorar o futuro dele(a)?

Vocês acham que o *projeto trouxe benefícios para a sua família? Quais?

Se tivessem que ajudar um(a) jovem amigo(a) a convencer a família dele(a) a deixá-lo(a) participar de um projeto, o que vocês diriam?

Se fossem jovens qual projeto escolheriam?

Vocês acham que o *projeto trouxe benefícios para a comunidade ou para parte dela? Quais?

Você tem sugestões para os futuros projetos sociais?

O que acham que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

D) O que acha que os jovens querem?

E) O que acha que suas famílias querem para eles e para si?

F) O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

*Projeto – projeto que está sendo estudado

Roteiro de Entrevista com Jovens

Nome:

Idade:

Escolaridade/Formação:

Instituição:

*Projeto:

Data de início:

Data de término:

Período de participação no *Projeto:

De que projetos você já participou?

Como foi participar destes projetos?

Você que escolheu participar do *projeto? Por quê? Como ficou sabendo?

Participa de algum projeto atualmente? Qual?

De que maneira acha que os projetos foram úteis para você? Corresponderam às suas expectativas?

Você percebeu alguma mudança em você depois do *projeto?

Teve alguma dificuldade?

O que você acha que a sua família pensa sobre esse *projeto?

A sua participação no *projeto foi importante para a sua família? Como?

Algum dos projetos realizou alguma atividade com ou para a sua família?

Você teve dificuldades familiares durante a participação no *projeto?

Como vocês superaram tal dificuldade?

O fato de estar no *projeto facilitou ou dificultou algo?

A sua família passou por alguma mudança nos últimos dois anos?

E sobre a escola? Você teve mudanças na escola após ter participado do *projeto?

Além da escola, tem outro grupo que você ou sua família participam (igreja, vizinhos, comunidade)? Quais?

Já participavam destes grupos antes do *projeto? Teve algo que mudou?

Você acha que o *projeto trouxe benefícios para você? Quais? Teve algo que possa melhorar o seu futuro?

Você acha que o *projeto trouxe benefícios para a sua família? Quais?

Se tivesse que ajudar um amigo a convencer a família a deixá-lo participar de um projeto, o que você diria?

Se fosse o amigo qual projeto escolheria?

Você acha que o *projeto trouxe benefícios para a comunidade ou para parte dela? Quais?

Você tem sugestões para os futuros projetos sociais?

O que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

G) O que acha que os jovens querem?

H) O que acha que suas famílias querem para eles e para si?

I) O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

Observações adicionais sobre a família (genograma da família nuclear):

*Projeto – projeto que está sendo estudado

Perguntas Norteadoras para as Entrevistas Abertas com Familiares de Jovens

Nome: Parentesco: Idade:
Escolaridade/Formação:

Nome: Parentesco: Idade:
Escolaridade/Formação:

Nome: Parentesco: Idade:
Escolaridade/Formação:

Idade do(s) jovem (ns) da família.

Este estudo é sobre projetos sociais para jovens e sobre famílias de jovens.

O (s) jovem (ns) da sua família já participou (aram) ou participa(m) de algum projeto social? Qual? Quando?

Como acham que foi para ele(a) participar destes projetos?

Vocês realizaram alguma atividade no projeto? Qual?

O que acham dos projetos sociais?

Os projetos são úteis e importantes para os jovens e para as suas famílias? Como? Quais? O que fazem por estes?

Atendem necessidades da comunidade, da família e do jovem?

Perguntas Norteadoras para as Entrevistas Abertas com Jovens

Nome:

Idade:

Escolaridade/Formação:

Composição da Família Atual:

Este estudo é sobre projetos sociais para jovens e sobre famílias de jovens.

Você já participou ou participa de algum projeto social? Qual? Quando?

Como foi para você participar deste(s) projeto(s)?

A sua família realizou alguma atividade neste projeto?

O que acha dos projetos sociais?

Os projetos são úteis e importantes para os jovens e para as suas famílias? Como? Quais? O que fazem por estes?

Atendem necessidades da comunidade, da família e do jovem?

SELEÇÃO DE TRECHOS E ANÁLISE PARCIAL DOS DADOS DOS PROFISSIONAIS POR RESPOSTAS

Ordem das respostas

1. Entrevista 1 com profissional da ONG dos Projetos de Comunicação/Cultura Negra
2. Entrevista 2 com Profissional da Instituição do Projeto de L.A.
3. Entrevista 3 com Profissional da Instituição do Projeto de L.A.
4. Entrevista 4 com Profissional da Empresa do Projeto de Tutoria
5. Entrevista 5 com Profissional da Instituição do Projeto de L.A.
6. Entrevista 6 com Profissional da Instituição do Projeto de L.A.
7. Entrevista 7 com Profissional da Instituição do Projeto de L.A.

Sobre os projetos nos quais atuou:

“é importante a mudança que ele traz pela transformação, que não é tão ampla quanto gostaríamos. É pontual.”

1. Projeto de Cultura Negra

POSITIVA	Transformação
----------	---------------

Sobre os projetos nos quais atuou:

“... a proposta é boa; é importante o trabalho com jovem e com a família. É necessário o trabalho, mas falta muito recurso para quem lida com esta população. Muitas vezes, a gente se vê sozinho. Tem que dar atenção para a família, não só escutar; precisa de coisas concretas. São muitas as necessidades. Precisam de saúde, de alimentação até. É difícil, muito burocrático. Falta respaldo principalmente da educação e da saúde”.

2. Projeto de L.A.

POSITIVA	Importante e necessário trabalho com jovem e com a família
NEGATIVA	Falta de recursos; famílias têm muitas necessidades. Falta respaldo da educação e da saúde.

Sobre os projetos nos quais atuou:

“... Primeiro o sistema de internação é..., aí dá pano para manga. No papel, objetivo geral e específico é pertinente, mas eu não acredito na privação de liberdade...Acaba punindo um adolescente, sendo que no início o Estado precarizou sua condição.Com esta precariedade, alguns justificam a infração. Ainda com foco no como é feita a internação, que é precarizada..Se pretende a uma coisa e no cotidiano outra. A questão da burocracia, desmandos, hierarquia do funcionalismo,distorções do serviço. A unidade de internação tem uma norma, mas pela burocracia, o adolescente acaba não tendo o serviço que deveria ter. Reforça o vínculo com o sistema prisional, e até...com a personalidade de infrator. Eles não se chamam por nome, se chamam de bandido, de ladrão, entre si. Você não é João, José, é ladrão. M-E no atual?”Segundo, no sistema aberto a gente consegue positivar, apesar de ser sedutor o meio aberto; apesar de acordar que tem que ficar em casa...bebida alcoólica, não poder ficar após 22h na rua. A gente consegue um maior diálogo, formar vínculo, empatia, simpatia; consegue interferir na vida dele, não como impositor, como inquisidor. Muitos fica um vínculo de amizade. Fica uma amizade profissional. Eu moro numa região próxima e vejo os adolescentes e, graças a Deus, nunca aconteceu nada ruim. Trabalho com o adolescente sem a questão punitiva na liberdade. É punitiva, mas não rigorosa e tem parceria com a rede pública e particular como ONGs; podemos fazer um vínculo mais forte com o adolescente que quer se desenvolver como cidadão. Pode ir do conflito com a lei para o conflito com os mais íntimos, e pequenas atividades para a inserção, responsabilidade e

disciplina e, depois, para o alcance dos recursos financeiros (mesmo que menores do que o tráfico oferece), até a manutenção da sua vida”.

3. Internação

POSITIVA	Objetivos do projeto (no papel)
NEGATIVA	Privação de liberdade; culpabilização do jovem; burocracia; precariedade das condições oferecidas pelo Estado.

3. Projeto de LA

POSITIVA	Diálogo, vínculo, empatia, desenvolvimento cidadania, atividades de inserção, responsabilidade, disciplina para alcance dos recursos financeiros e para manutenção da vida.
----------	---

Sobre os projetos nos quais atuou:

“Eu vou localizar então três, na verdade. Um foi o Posto de Saúde com Saúde do Adolescente,... o (nome do projeto de TI) e o (nome do projeto de Tutoria). A diferença entre eles? O primeiro é um projeto de saúde pública, então abrange uma população muito maior. É um trabalho menos individualizado. O (nome do projeto de TI) já é mais circunscrito, já teve uma preocupação mais individualizada, de formação integral no desenvolvimento do jovem, mas tinha como eixo a TI.”

4. Posto de Saúde no Programa de Saúde do Adolescente

POSITIVA	Abrange maior número de pessoas
NEGATIVA	Menos individualizada

4. Projeto de TI

POSITIVA	Mais circunscrito (TI) e mais individualizado. Formação integral no desenvolvimento do jovem
----------	--

4. Projeto de Tutoria

POSITIVA	
----------	--

Sobre os projetos nos quais atuou:

“... dificuldade, cultural mesmo. As pessoas têm uma cultura que é complicada. Né? Histórica mesmo. Esta questão de valores culturais distorcidos, peso às coisas que não têm valor e desvalorizar algumas coisas que parecem pequenas, mas que se juntar... Questões culturais de família... **A família hoje, que é a célula da sociedade, está comprometida.** E se você for falar do comprometimento, de onde vem, a gente vai ficar aqui horas falando. Tem a questão da mídia, da política social, econômica, enfim, você percebe que em se tratando de jovem, como em outro projeto que eu atuo, com jovem fazendo cursinho pré-vestibular e neste, que é com jovem em conflito com a lei... são provenientes de ramos diferentes da sociedade, mas, os problemas são semelhantes. O jovem do cursinho não dá conta de ficar um sábado inteiro lá estudando para alcançar algo melhor na vida dele; jovem não tem forças, não foi formado para isso. Começa em março com 60 alunos, com fila de espera de 300. Em outubro, já chamamos os 300... vão desistindo de ir. Aqui, às vezes não vêm durante a semana, porque não têm como se locomover. Adolescente aqui está em conflito com a lei e fornecemos passes para vir. Às vezes, não vem porque usou o passe para manter o vício dele ou até para trocar por alguma coisa que

tem um valor maior para ele do que vir aqui na LA. Então você percebe as semelhanças de algumas dificuldades que eles possuem. A valorização do que é equivocado; do que é errado; da ideologia que eles possuem. Os valores ideológicos dele são complicados”.

5. Projeto de L.A.

POSITIVA	Necessária
NEGATIVA	Dificuldade em função dos valores do jovem, da sua família.

Sobre os projetos nos quais atuou:

“Avalio que é um processo complicado, porque a gente se depara com uma série de coisas que não estão ao nosso alcance: redes que não funcionam, redes de serviço mesmo, de serviços, escola, saúde... Mas uma semente é colocada para ter um fruto lá na frente. Então avalio como positivo e como negativo; tendo esses dois pólos aí, porque nos deparamos com uma série de dificuldades, mas mesmo assim continuamos para ter um mínimo de mudança”.

6. Projeto de L.A.

POSITIVA	Semente colocada; mínimo de mudança.
NEGATIVA	Complicado; pouco alcance; falta de redes e de recursos.

Sobre os projetos nos quais atuou:

“Eu acredito que os projetos sociais... não tenho muitas críticas do atendimento, critico um pouco as políticas públicas, falta de recursos para encaminhamento. Na escola, foi maravilhoso trabalhar com crianças; elas são mais aceitas nos locais e crianças, de zero a sete anos, não pagam, por exemplo, no Zoológico, Bienal... Então, o custo é bem baixo; já nos adolescentes, impede mais. Temos empecilhos na redondeza por ser menino infrator”.

7. Projeto de L.A.

POSITIVA	Atendimento
NEGATIVA	Falta de políticas públicas, de recursos; preconceitos, dificuldade de aceitação.

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“O projeto traz um pensar novo, independente da mudança que vai ocorrer na vida dele. Para pensar de forma diferenciada, ver outra perspectiva de futuro. Não é que vai mudar a vida dele, muda o pensar, o que é muito importante.”

1. Projeto de Cultura Negra

SIM	Mudança no pensar do jovem

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“... orientação e de escuta. Por exemplo, meninos que tiveram problemas com drogadicção, embora muitas vezes não seja fácil, alguns conseguem aderir, se manter e sair das drogas ou pelo menos diminuir bastante o uso”.

M - O que você acha que engaja o jovem?

Acho que um pouco assim...tem que vir dele também; o apoio da família é muito importante, a identificação com o educador ajuda. Se um educador que ele se identifica e confia, isso é importante.”

2.Projeto de L.A.

SIM	Orientação,escuta; alguns param de usar drogas.

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“A participação de alguns adolescentes na (nome do programa de profissionalização), freqüência nos cursos de capacitação, interiorização de valores, retorno à escola, efetivação dos cursos, retorno à disciplina, que é comum no adolescente; para poucos retorno, atividade laborativa, trabalho com carteira; manutenção do vínculo com visitas e espontâneas – olha o meu filho.. digamos, cotidiano, de acordar cedo...muito poucos no ensino superior, mas no mínimo a conclusão do Ensino Médio. Inserção em outros projetos sociais; alguns em cooperativas social para outros movimentos. Perpetuação do que recebeu, mas não porque ele não tinha. As vezes dizemos que ele tem que se tornar alguém na vida. O adolescente já é alguém, só vamos suscitar outros valores, ampliar os que já têm.

3.Projeto de LA

SIM	Acesso a outros projetos (capacitação, profissionalização), interiorização e ampliação de valores, retorno à escola, retorno ao trabalho para alguns, vínculo com o técnico.
-----	--

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“O (nome do projeto de Tutoria), que é o mais fácil de falar, que está mais fresquinho, eu acho que, o principal para mim é o fortalecimento da auto-estima destes jovens; ajudar o jovem a sair do anonimato em que se encontra por sua situação socioeconômica. Eu costumo dizer que eles são pseudocidadãos, pelo que eles têm de oportunidades e de recursos públicos para poderem se desenvolver; acho que o (nome do projeto de Tutoria) ajuda nisso. Ter alguém investindo tempo interesse e dedicação neste jovem produz muito efeito...O (nome do projeto de TI), eu acho que tem tudo que um trabalho de grupo pode produzir de desenvolvimento: um aprender com o outro, crescer com o outro, as identificações dentro do grupo, ajudando aí a construir seu senso de si mesmo, quem eu sou, o que quero da minha vida, reconhecer os próprios desejos, além dos aprendizados, mesmo da área de conteúdo pedagógico, que eles aprendem no (nome do projeto de TI). E aprendem bastante! O outro da saúde pública, favorece o atendimento que eles têm no serviço público, né? Acabam tendo um acolhimento maior. Eles têm mais profissionais especializados no atendimento do adolescente, então, é... acabam sendo mais bem atendidos.”

4.Posto de saúde no Programa de Saúde do Adolescente

SIM	Bom atendimento e acolhimento.
-----	--------------------------------

4. Projeto de TI

SIM	Desenvolvimento, crescimento com o grupo, construção do senso de si mesmo, aumento de conhecimento, aprendizado, reconhecimento dos desejos.
-----	--

4. Projeto de Tutoria

SIM	Fortalecimento da auto-estima, saída do anonimato, aumento de oportunidades e de recursos; investimento de alguém no jovem
-----	--

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“Equipe é multidisciplinar, lá tem professores, psicólogos, passam conhecimentos e valores e colaboram para que eles tenham uma visão um pouco melhor sobre as coisas, a demanda que ele trouxe; que ele leva quando vai para o projeto; uma auto-estima baixíssima, no caso lá (no curso pré-vestibular) para ingressar num curso superior e aqui (projeto de L.A) acha que não consegue viver fora do contexto infracional. Isso vemos no atendimento. É mais estreito este caminho? É, mas existe outro, que não o da infração, da criminalidade.”

5. Cursinho Pré vestibular

SIM	Equipe multidisciplinar para transmissão de valores e de conhecimento; melhoria da auto-estima, visão de novos caminhos, que não os da criminalidade.
-----	---

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“Ah de conscientização, mesmo porque a partir do momento que você contextualiza qual é a participação deles na sociedade, como isso funciona, quais as estruturas que eles estão inseridos, você consegue mudanças significativas. Aí são universais, mas acabam sendo singulares também; parte dele para a sociedade. Acho que de certa forma a gente consegue conscientizar. Não é um grande número, mas um começo.”

6. Projeto de L.A.

SIM	Conscientização, mudanças significativas de alguns.
-----	---

Sobre a utilidade destes para os jovens:

“Acho que manter ocupado nas atividades, fazer encaminhamento para a escola, passeio, eventos culturais. O jovem tem seus anseios. Jovem é jovem. É investimento no jovem. Não achar que é um menino e que reincidiu infração na sociedade. Ele tem o mesmo direito que os outros. Ele não tem é condição... passeio, cesta básica.”

“M – Quando se trata de jovens que não infracionaram, o que acha importante?”

“É útil a educação... orientação para jovens em geral, sobre profissionalização, alcoolismo. Colocaria profissionalização, (entra organização, aconselhamento, auto-estima, orientação vocacional, a parte de recursos humanos, mas não aquela de testes, escolarização.”

7. Projeto de L.A.

SIM	Manter jovem ocupado, atividades, encaminhamento para escola, passeios, eventos culturais, investimento no jovem sem preconceito.
-----	---

7.Outros projetos para jovens

SIM	Educação, orientação para profissionalização e sobre o uso do álcool.
-----	---

Benefícios para as famílias:

“O fator família tem ficado afastado da inclusão dos projetos sociais dirigidos pelo governo”.

1. Projeto Cultura Negra

NÃO	O fator família tem ficado afastado da inclusão dos projetos sociais dirigidos pelo governo.
-----	--

Benefícios para as famílias:

“... os jovens sendo beneficiados, elas se sentem beneficiadas. Acaba gerando outros fatores. Por exemplo, se sai da drogadicção, diminui um pouco os problemas familiares. **Se a família participa, tem informações para elas também, trocas entre grupo ajuda, facilita. Outro que já passou pelo mesmo problema, isso traz recursos que até a gente desconhece. A troca no grupo, isso acaba ajudando, facilitando até o trabalho da gente também.**”.

2.Projeto de L.A.

SIM	Os jovens sendo beneficiados,elas se sentem beneficiadas.
-----	---

Benefícios para as famílias:

“Foram beneficiadas... vamos ver... Inicialmente pela conclusão, já que pesa muito o conflito com a lei. Algumas mães dizem que querem que o filho limpe a barra, a ficha; que possa a partir da conclusão do projeto fazer um futuro sem que seja prejudicado por esse envolvimento pregresso. **Também melhorar o relacionamento com a família, experimentem o diálogo, a tolerância. Através dos grupos com mães e adolescentes.** As vezes aumentar o leque de persuasão da mãe e do pai, que não sabe como chegar no adolescente.”

M-“Cê tava falando da família...”

“então vamos oportunizando à família a resolução de alguns problemas no contexto vivencial dele que pareciam insuperáveis. **As vezes, afeto recuperado, que foi quebrado.** A questão da metrópole, de determinadas localidades. Alguns ainda muito pequenos quebram o vínculo com a família, saem com uma trouxa de roupa..Pais que às vezes repassaram a responsabilidade para nós, os educadores sociais. Me perdi.”

M - “Cê tava falando da oportunidade das famílias resolverem as coisas no contexto delas”.

“É verdade... Algumas não conhecem o Conselho Tutelar. **Algumas famílias precisam desenvolver a auto-estima e serem educadas a procurar sistemas de saúde e os recursos saúde pública, para tratamentos de ordem psicológica, de desvios. Encaminhamento e informação para a família buscar recursos e para minimização disso.**”

3. Projeto de L.A.

SIM	Se o filho encerra o conflito com a lei, tira um peso da família; melhorar o relacionamento com a família, o diálogo, a tolerância, recuperação do afeto. Através dos grupos com mães e adolescentes, aumentar o leque de persuasão da mãe e do pai, que não sabe como chegar no adolescente; aumenta auto-estima da família e a busca por recursos da saúde pública. Encaminhamento e informação
-----	---

Benefícios para as famílias:

“Com o (nome do projeto de Tutoria), pelo que tenho notado, os pais ficam muito orgulhosos de terem o filho querido pelo Tutor. Então, o Tutor ligar para ele, para a casa dele, ou mandar alguma coisa pelo correio. Aquela história de *faz bem ao meu filho, está fazendo bem para mim*. Eles ficam muito orgulhosos de terem um filho querido por uma pessoa como o Tutor; um estranho e ao mesmo tempo uma pessoa bem colocada socialmente, economicamente. São orgulhosos por esta oportunidade. Então ficam muito agradecidos. **O que os meninos aprendem no programa acabam levando para casa** de alguma maneira. Então uma mãe me disse: *Eu fui lá fuçar de curiosa o livro que o Tutor deu para ele. Eles ficam conversando no telefone e eu fico prestando atenção*. Uma outra história, por exemplo, uma outra Tutora que transferia o jornal que assinava. Quando estava viajando, transferia o jornal para a casa da menina. Esse jornal passou a chegar na casa da garota ao menos uma semana por mês, período que a Tutora viajava. Então, todo mundo passou a ler aquele jornal na casa. A irmã dela que estava desempregada passou a ter muito mais possibilidade, porque até comprar um jornal para procurar emprego às vezes é difícil. E esta menina acabou mudando de emprego porque começou a ler o jornal e a procurar emprego. A família começou a ler e a se aproximar do jornal. “eu tive acesso a alguma coisa nova, a uma experiência de um mundo que eu me via impedido até então. Então, por alguma via eu cheguei lá, nem que tenha sido rapidamente.” Acho que a família passa a ter acesso a algumas coisas que até então se viam impedidas.”

“M - E no (nome do projeto de TI)?”

“ No (nome do projeto de TI) o que eu observava é que as famílias percebiam que os meninos aprendiam muita coisa no (nome do projeto de TI). Muito agradecidas também, quando a gente se reunia com elas, pela oportunidade também. E...também levavam informações. Nos dois programas tem isso da família passar a olhar o jovem de uma maneira diferente. Mais amadurecida, apostando mais nele, por esta oportunidade. Por ele ter sido o escolhido para esta oportunidade.”

“M - Lá no projeto da saúde pública?”

“ Eu não saberia te localizar porque não tive nenhum contato com famílias ali.”

4. Posto de Saúde no Programa de Saúde do Adolescente

Não sabe	Não sabe. Não teve contato com famílias.
----------	--

4. Projeto de TI

SIM	Muito agradecidas pela oportunidade. Também levavam informações. A família passa a olhar o jovem de uma maneira diferente. Mais amadurecida, apostando
-----	--

	mais nele, por esta oportunidade.
--	-----------------------------------

4. Projeto de Tutoria

SIM	Pais orgulhosos de terem o filho querido pelo Tutor. “ faz bem ao meu filho, está fazendo bem para mim”. Família passa a ter acesso a algumas coisas que até então se viam impedidas; passa a olhar o jovem de uma maneira diferente. Mais amadurecida, apostando mais nele, por esta oportunidade.
-----	---

Benefícios para as famílias:

“A família é uma coisa que me preocupa muito, tanto lá quanto aqui. Não sinto que a família apóia o jovem; ela não tem condições de apoiar. Então, fica muito complicado para falar “a família é ausente. Ela não aprendeu a ser presente, como é que é ausente, se nem aprendeu a ser presente. Os jovens de hoje são criados muito soltos, geração *videogame*, para quem tem condições, e tv para quem não tem . Os valores são passados de uma forma virtual, não este contato que a gente tem aqui. Jovens falam coisas que nunca falaram com tio, com pai, com mãe, com irmão. A família, como disse no início da conversa, ela é a célula de qualquer sociedade e está com problemas. O problema é além de tudo que estamos conversando. Não consigo identificar a raiz. **A família é a essência, e ela está prejudicada. A gente não consegue trazer a família. A gente tem 160, quando a gente faz grupo, aparece 15 e a gente solta rojão.** Alguns trabalham, mas outros não. A gente dá condução para o responsável vir e ele não vem. Ele acha que o menino infracionou e o problema é do Estado, problema da entidade que está atendendo ele. **Muitos responsáveis, eu não vou falar a mãe porque a gente acaba sacrificando a mãe só. Mas a grande maioria dos responsáveis são as mães mesmo,** e algumas falam que a gente faça o que a gente achar melhor mesmo. **E lá a gente percebe que o jovem quer, ele acredita que possa entrar no curso superior. Quando fazemos festa de confraternização dá para contar nos dedos os parentes que vêm para incentivar ele, para saber o que ele está aprendendo lá.** Pais não vêm muito às confraternizações. **A família é falha nos dois casos, ela deixa a desejar.”**

5. Projeto de L.A.

NÃO	“A gente não consegue trazer a família. A gente tem 160, quando a gente faz grupo, aparecem 15 a gente solta rojão. A família está prejudicada”. As famílias acham que o jovem infracionou e o problema é do Estado. Na maioria, a responsável é a mãe, (ela que cuida e responde por ele)”.
-----	---

Benefícios para as famílias:

“Então, família é muito complicado; já estão num ciclo, num contexto muito difícil. Porque uma coisa é você ter a teoria e outra coisa é a prática; o dia-a-dia delas é muito difícil, muito pesado. O público daqui é muito carente. De alguma forma, a gente tenta, na medida do possível

administrar os conflitos que vivem na casa, né? Tentamos ver relacionamento na casa, muitas vezes só mãe que precisa trabalhar; muitas vezes, o menino não tem pai ou precisa se ausentar por causa do trabalho. Acompanhar assim de maneira satisfatória. Acho que o maior desafio é a família mesmo; incluir a família neste contexto dos adolescentes que cumprem medida aqui”.

6. Projeto de L.A.

Em parte	Família é muito complicado; já estão num ciclo, contexto muito difícil; carente; tentamos ver relacionamento na casa muitas vezes só mãe que precisa trabalhar. Muitas vezes o menino não tem pai ou precisa se ausentar por causa do trabalho. Maior desafio é a família mesmo; incluir.
----------	---

Benefícios para as famílias:

“A família é beneficiada na aproximação com o jovem, com a sociedade; na assimilação dos direitos, na cidadania. Na família, resolver o problema dentro da sua casa. Quando vaza o problema para fora, a família está fragilizada, desprovida. O ganho maior é esse, caminharem com suas próprias pernas, lutarem. Trabalho em qualquer área a gente tem; dificuldade também. Como resolvem os problemas é o ganho. **Conscientização do papel materno e paterno**, das responsabilidades, é o maior ganho. Às vezes, as pessoas pensam que a gente dá as coisas, não é isso. É um momento que a família necessita. Não é dar as coisas e não é para sempre”.

7. Projeto de L.A.

SIM	A família é beneficiada na aproximação com o jovem, com a sociedade; na assimilação dos direitos, na cidadania; caminharem com suas próprias pernas, lutarem; Conscientização do papel materno e paterno, das responsabilidades.
-----	--

Dificuldades na execução do projeto:

“**Preconceito**, resistência para tratar da cultura negra. Dificulta para ele se enxergar como negro... e 90% da comunidade é afro-descendente”.

1. Projeto de Cultura Negra

SIM	Preconceito contra negros
-----	---------------------------

Dificuldades na execução do projeto:

“Tive. É isso que eu te falei mesmo; uma dificuldade, às vezes, **de você conseguir trazer a família para perto dos adolescentes**. Quando chegam aqui para gente, já estão num ponto de dificuldade de relacionamento muito grande. Além das dificuldades de recursos, a gente se depara isso também, as dificuldades de relacionamento entre pai, filho, mãe e filho, por exemplo; já não conseguem se entender. Precisa um trabalho muito grande e temos, às vezes, dificuldades de adesão deles. Às vezes, eles não entendem”.

2. Projeto de L.A.

SIM	Trazer a família. Quando chegam já estão num ponto de dificuldade muito grande.
-----	---

Dificuldades na execução do projeto*:

“Eu apontaria a minimização dos recursos para respaldo da família e dos adolescentes. A demanda é maior. Estruturalmente não tem muitas dificuldades, aqui como instituição. Algumas coisas podem ser melhoradas, como materiais físicos, por exemplo, carro para visitas, falta. Não sei se estou sendo antiético de comentar, mas a distância das visitas muitas vezes é grande. Vai e volta no meio da tarde”

3. Projeto de L.A.

SIM	Minimização recursos para respaldo da família e dos adolescentes; carro para visitas...
-----	---

Dificuldades na execução do projeto*:

“É, acho que quebrar o gelo da relação com o jovem. Eles se encontram individualmente, então de rolar assunto. Os Tutores conseguem manter a regularidade nos encontros, conseguir coordenar os compromissos deles de trabalho e família com estes encontros”.

4. Projeto de Tutoria

SIM	Quebrar o gelo da relação do Tutor com o jovem; manter regularidade dos encontros.
-----	--

Dificuldades na execução do projeto*:

“A gente tem muitas dificuldades, mas, mais de ordem técnica, desde instrumentos de trabalho, que a gente trabalha com precariedade... desanima mais do que a dificuldade na lida com o adolescente, porque esta dificuldade de contato não foi ele que criou. Falta passe, desmarca. **Este trabalho é pouco valorizado... Achrom que é caridade. ... é como gari que recolhe o lixo.**

5. Projeto de L.A.

SIM	Muitas: instrumentos de trabalho;precariedade;falta passe; trabalho pouco valorizado, visto como caridade... é como gari que recolhe o lixo.
-----	--

Dificuldades na execução do projeto*:

“Sempre existem, por conta destes entraves: esbarramos em burocracia, esbarramos em **preconceito**. Então, eu acho que a dificuldade é um trampolim para a gente lutar mais e com determinação, mas sempre há dificuldades políticas.

6. Projeto de L.A.

SIM	Burocracia, preconceito, dificuldades políticas.
-----	--

Dificuldades na execução deste projeto*:

“Não sei se dificuldade, elas sempre vão tendo e a gente vai solucionando. **Dificuldade de lidar com o adolescente e com a família não.** Mas é muita burocracia, tem que ficar registrando, mas também tem que dar conta disso; tem que... organizar. Faço muito, mas não sou muito organizada no papel. Fica muito para mim. Não gosto muito do burocrático. O registro é uma forma de comprovação”.

7. Projeto de L.A.

SIM	Burocracia, necessidade de registros.
NÃO	Dificuldade de lidar com adolescente e com a família, não.

Realizaram atividade para as famílias dos jovens?

“Não. Não aqui neste ano”.

1. Projeto de Cultura Negra

NÃO	Não aqui, neste ano.
-----	----------------------

Realizaram atividade para as famílias dos jovens?

“Sim. A gente tem grupo de famílias, quinzenal; a gente tem os temas e cada encontro é trabalhado um tema. Às vezes dinâmica e normalmente debates. Já pedimos para eles escolherem os temas. Ontem falamos sobre como é para uma família ter um adolescente em medida socioeducativa, seja um filho, seja um irmão. Já trabalhamos sobre política e...”

M -“O que eles falaram sobre ter um adolescente em medida socioeducativa?”

“ Falaram, fizeram reclamações da internação; grande maioria tem parentes internados ou que passaram pela internação. Os maus tratos. Reclamam de humilhação nas visitas, das rebeliões.”

2. Projeto de L.A.

SIM	Grupos de famílias. Discussão de temas
-----	--

Realizaram alguma atividade com ou para as famílias dos jovens?

“Sim, desenvolve mensalmente, mas se pretendia fazer quinzenalmente, grupos de mães e adolescentes. Os temas podem ser díspares. No momento o tema pode ser mudado de acordo com a reflexão dos adolescentes e das mães. Geralmente, com as mães (fiz na primeira fase, hoje não faço), mas há demanda particular – como lidar com o filho em L.A., questões mais íntimas que saem do tema amplo, mas eles acolhem. Eu entendo que também o (nome do programa de profissionalização) é um agregador para trazer a família neste projeto; para entendimento do projeto que pretende melhorar o desenvolvimento da saúde, da auto-estima, desenvolvimento humano do jovem, inclusive a profissionalização e a saúde. Apresentam à família o projeto que está dentro do LA”.

3. Projeto de L.A.

SIM	Mensalmente há grupos discussão. Apresentação do (NOME DO PROGRAMA DE PROFISSIONALIZAÇÃO) (projeto para desenvolvimento da saúde, da auto-estima, desenvolvimento humano do jovem, inclusive a profissionalização e a saúde.).
-----	--

Realizaram atividades para as famílias dos jovens?

“Só a apresentação inicial e o pedido de autorização para os pais, feita pelo coordenador do programa. E agora, a gente instalou esta reunião, que eu te falei que teve agora. Que era para ouvi-los depois de sete meses de programa. Chamamos as famílias para ouvir deles, que impressões eles têm, dúvidas, insatisfações... Na verdade, espaço para ouvi-los, para incluí-los, esta é a nossa preocupação”.

4. Projeto de Tutoria

SIM	Agora a gente instalou esta reunião; para ouvi-los depois de sete meses de programa. Para incluí-los.
-----	---

Realizaram atividade para as famílias dos jovens?

“Grupo familiar que a gente realiza quinzenalmente; a gente discute e dialoga sobre questões de cidadania, de direitos humanos. Temas que a gente trabalha com os adolescentes e percebemos que têm carência também na família, a gente coloca para o grupo de família. Não tem um cronograma fechado; de acordo com a necessidade trazida pela equipe; Agora, a gente trabalhou a importância do voto, da cidadania, da importância de eleger o governo, o seu representante. A gente tenta passar um pouquinho os conhecimentos e os valores que a gente conhece até para que consigam passar um pouco os valores, conhecimento, para passar para o adolescente, já que o convívio com eles é maior com os pais do que conosco. A gente faz atividades culturais também para mostrar que tem coisas legais lá fora e que não é tão inacessível”.

5. Projeto de L.A.

SIM	Grupo familiar que a gente realiza quinzenalmente; discute e dialoga sobre questões de cidadania, de direitos humanos. Temas que a gente trabalha com os adolescentes e percebemos que tem carência também na família; atividades culturais também.
-----	---

Realizaram alguma atividade para as famílias?

“Sim, temos **grupos de famílias quinzenalmente**. São grupos que abordam temas do interesse deles mesmos, de forma clara, sem teorizar muito porque tem que ser uma linguagem que assimilem. Então, **facilitam esclarecimento burocrático e como lidar com filhos em L.A.. Além das coisas básicas e das questões mais assistencialistas, como: alimentação, cesta...**

6. Projeto de L.A.

SIM	Grupos de famílias quinzenalmente. São grupos que abordam temas do interesse deles; esclarecimento burocrático.
-----	---

Realizaram alguma atividade para as famílias dos jovens?

“Sempre realiza atividades de grupo. Já teve passeio. O grupo de (nome de um técnico) já levou mães ao cinema, almoçar fora, auto-estima, cortar o cabelo. Se arrumaram aqui. Eu encaminho para médico, no bairro às quartas, para Posto de Saúde. A gente faz encaminhamento porque às vezes, nem os direitos deles eles sabem; assim, de médico e dentista. A gente sempre incentivando. .. Fim de ano, datas específicas.”

7. Projeto de L.A.

SIM	Sempre realiza atividades de grupo. Já teve passeio. O grupo de (nome de um técnico) já levou mães ao cinema, almoçar fora, auto-estima, cortar o cabelo. Se arrumaram aqui. Eu encaminho para médico. Fim de ano, datas específicas.
-----	---

De que forma acha que as famílias poderiam participar e/ou se aproximar do projeto*?

“Primeiro vindo ver o resultado das oficinas, os espetáculos, depois chamar para debate, um filme aqui. Trazê-la de forma convidativa, primeiro pelo artístico, depois para colocar para a família os assuntos, as discussões com as famílias”.

1. Projeto de Cultura Negra

Convidar para ver resultados das oficinas Atividades artísticas Discussões com a família
--

De que forma acha que as famílias poderiam participar e/ou se aproximar do projeto*?

“Comparecendo mais. Mas têm familiares que trabalham; isso, às vezes, dificulta que compareçam.”

2. Projeto de L.A.

Comparecendo mais (para grupos de discussão)
--

De que forma acha que os as famílias podem participar e/ou se aproximar deste projeto*?”

“**Vencendo a questão laborativa**, visto que muitas famílias necessitam ou a **mãe arca sozinha com o sustento** ou com a atividade laborativa da casa. **Não tenho proposta para o estreitamento. A questão geográfica, até dificulta o acesso. São 160 adolescentes, ou 160 pares de genitor e genitora, mas os grupos funcionam com 6 mães.** Infelizmente, não consigo pontuar a proposta por causa da questão sustentabilidade do lar. São feitos muitos contatos telefônicos, às vezes até fugindo da prerrogativa, por carta; no momento, entendi que era o mais viável. Tem que haver mais serviços de respaldo em LA, para estar mais próximo dos pais. **O plantão na comunidade aproxima mais. Descentralização do atendimento**, na igreja, na escola, no próprio bairro”

3. Projeto de L.A.

	Vencendo a questão laborativa e da mãe arcar sozinha com as despesas. Facilitar o acesso; fazer plantões na comunidade. Descentralização do atendimento (na igreja, na escola, no bairro).
--	--

De que forma acha que as famílias poderiam participar e/ou se aproximar do projeto*?

“Esta foi uma estratégia que a gente adotou neste ano, a partir da experiência dos anos anteriores”.

M –“Por quê?”

“Aconteceu em **alguns casos** dos anos anteriores, que a **família desestimulava o jovem de participar** no (nome do projeto de Tutoria); a família estava com muita **urgência para que o jovem trouxesse dinheiro para a casa**; e o emprego não acontecia, por mais que o Tutor ajudasse, não conseguiam emprego. Aí, a família dizia:*Por que você vai lá? Você sai toda semana, fica um monte de tempo fora de casa, mas emprego que é bom, nada.* Teve um caso então mais grave no ano passado, de uma mãe que impediu que a menina fosse num evento cultural da programação do projeto, num sábado, para que fosse passar roupa na casa de uma conhecida por R\$ 7,00. Até assim, neste caso, até pelo histórico, a gente achou que tinha se criado uma certa rivalidade entre a mãe e a Tutora da jovem, porque como a menina vivia um certo conflito com a mãe e se envolveu muito com a Tutora. Principalmente neste caso **comecei a querer incluir a família.**”

4. Projeto de Tutoria

Reuniões com a família

De que forma acha que as famílias poderiam participar e/ou se aproximar do projeto*?

“Você fez uma pergunta difícil. A gente já... existe um fenômeno muito engraçado, é época. **Tem época que consegue trazer 20, 30 e a gente dá pulo. Depois o grupo vai se esvaziando.** Não consigo visualizar como... sou contra assistencialismo, acho que não tem que oferecer nada, a pessoa tem que vir por consciência. Se é para arranjar uma forma, a gente arruma rapidinho: oferece cesta básica, que eles vêm, mas não é isso que a gente quer. A gente não quer “pão e circo”, **a gente quer passar valor para eles**; alguma coisa que seja útil; não que alimentação não seja, mas a gente não quer algo que vão consumir e que vai acabar. A gente quer alguma coisa que fique. E como a gente não oferece nada nesse sentido, acaba esvaziando porque “ah, vou lá fazer o quê?”

5. Projeto de L.A.

O grupo vai esvaziando...Não consigo visualizar como...Sou contra assistencialismo, acho que não tem que oferecer nada... Não pão e circo, a gente quer passar valor para eles.

De que forma acha que elas poderiam participar e/ou se aproximar do projeto*?

“Talvez, se elas entendessem qual a função da L.A., qual é o objetivo; apesar de ser uma medida punitiva, é socioeducativa. Os meninos estão aqui para serem orientados, se soubessem como funciona, talvez participassem mais. Mas, por outro lado, você pensa que eles precisam sobreviver; elas têm trabalho, não podem ficar aqui durante a semana. É uma grande dificuldade. **Virou um mito aqui, trazer as mães.** Digo as mães porque, os pais, alguns são ausentes, alguns porque de fato não têm pais outros porque não acompanham. **Talvez, se entendessem, elas participariam mais. Nós tentamos, não sei como proceder.**

6. Projeto de L.A.

<p>Se entendessem qual é a função da L.A., se soubessem como funciona, talvez, participassem mais Mas, precisam sobreviver; têm trabalho. Virou um mito aqui trazer as mães, digo as mães porque os pais são ausentes. Nós tentamos, não sei como proceder.</p>

De que forma acha que as famílias poderiam participar e/ou se aproximar do projeto*?

“Devido ao fato de que **as mães são a maior parte das responsáveis pelos lares e precisam trabalhar**, o melhor é participarem dos grupos mesmo, reuniões que acontecem aqui. As dificuldades inerentes ao trabalho delas atrapalham um pouco. Cursos também são importantes; conseguir alguma coisa para mães corte e costura e o que elas queiram também; não é só mãe cozinheira, o que elas queiram”.

7. Projeto de L.A.

<p>As mães são as maiores responsáveis pelo lar e precisam trabalhar, o melhor é participarem dos grupos mesmo. As dificuldades inerentes ao trabalho delas atrapalham um pouco. Cursos, alguma coisa para as mães; corte e costura e o que elas queiram. Mãe não é só cozinheira.</p>
--

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações no projeto*?

“Não, aqui, neste ano, não.”

1. Projeto de Cultura Negra

NÃO	Aqui, neste ano, não.
-----	-----------------------

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do *projeto?

“Sim. Uns dizem que os filhos melhoraram. Não só ouvindo relatos de outros colegas e de outros projetos. E, às vezes, reencontrar o adolescente e ver que algumas mudanças aconteceram na vida dele. Alguns vêm visitar o projeto.”

2. Projeto de L.A.

SIM	Uns dizem que os filhos melhoraram, relatos de outros colegas e ver mudança na vida deles. Alguns vêm visitar o projeto.
-----	--

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do projeto*?

“Pela família, muito pouco, apenas pelo retorno do adolescente no posto”.

3. Projeto de L.A.

NÃO	Pela família, muito pouco, apenas pelo retorno do adolescente no posto.
-----	---

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do *projeto?

“Não tenho muitas medidas disso não, tá tudo muito subjetivo. Lembrei de uma, no ano passado, que a menina falou (isso foi um depoimento da jovem, mas não sei em que medida é dessa maneira). Elas estavam em conflito há muito tempo, a mãe e a filha, e ela insistiu para que a mãe fosse à reunião de apresentação do (nome do projeto de Tutoria), que o gestor da empresa fez. A menina depois contou, que quando a mãe escutou a fala dele sobre o Programa, sobre o que ia ser, é... elas encontraram um outro jeito de se relacionar. Elas fizeram as pazes. Então, a entrada da menina no Programa... Eu não sei o que o gestor falou nesse dia, mas deve ter falado de como ia ser... deve ter falado um pouco de família, talvez...”.

4. Projeto de Tutoria

SIM	Depoimento de uma jovem, que melhorou relacionamento com a mãe após a vinda desta em uma reunião de apresentação para pais.
NÃO	Não tenho muitas medidas. Ta tudo subjetivo

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do *projeto?

“Ah, sim, mínimas, mas a gente sempre percebe. A gente percebe que tem pais que quando passaram a freqüentar, mesmo que precariamente às reuniões, mudam as atitudes; percebem que tem mais alguém a olhar pelo filho, para que não retorne ao contexto infracional... O que me deixa entristecida é que a gente não tem o pós-medida. E aí, qual expectativa o menino tem? E a família? Perde o adolescente e a família de vista. A continuidade seria importante”.

5. Projeto de L.A.

SIM	Mínimas. A gente sempre percebe. Pais que quando passaram a freqüentar, mesmo que precariamente, mudam as atitudes; percebem que tem mais alguém a olhar pelo filho, para que não retorne ao contexto infracional. A continuidade após a medida seria importante.
-----	--

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do *projeto?

“Sim, a gente percebe que muitas vezes eles conseguem estabelecer um diálogo que não era existente no começo da medida... conseguem objetivo comum: que é conviver da melhor forma possível”.

6. Projeto de L.A.

SIM	Muitas vezes conseguem estabelecer um diálogo que não era existente no começo da medida; conviver da melhor forma possível.
-----	---

Ouviu ou percebeu alguma mudança ou impacto nas famílias a partir das ações do *projeto?

“Com certeza, porque eu acho que elas estão ficando mais conscientizadas, menos culpadas dos filhos infracionarem”.

7. Projeto de L.A.

SIM	Com certeza mais conscientizadas, menos culpadas dos filhos infracionarem.
-----	--

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais? Como acha que ele pode alcançar famílias, comunidades e sociedade?

“Tem que se fazer presente, **família tem que estar ciente de onde o filho está**, para aonde está indo, o que está fazendo...Na maioria das vezes, **a família coloca o jovem no projeto para não ficar em casa, na rua**. A rua é muitas vezes perigosa, então coloca em qualquer atividade que encontra sem saber exatamente onde está e para onde está indo. Conseqüentemente, **a família tendo este conhecimento, esta propriedade do projeto, do filho, a comunidade se apropria também**. É automático. Começa a proteger o projeto que tem uma influência no cotidiano dele.

1. Projeto de Cultura Negra

Conhecimento e apropriação do projeto pela família.

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais (famílias, comunidades, sociedade)?

“É, tendo uma parceria da educação e da saúde; e assim, estando mais próximo da comunidade onde vivem. Isso ajuda a aproximá-lo, fisicamente. Longe, tem o agravante da condução; a gente fornece passes, mas não é suficiente. A verba não é suficiente, esta parte de governo”.

2. Projeto de L.A.

Havendo parceria entre a educação e a saúde; projeto mais próximo da comunidade fisicamente ou verba para deslocamento.

De que forma acredita que um projeto social possa alcançar níveis macro-sociais (famílias, comunidades, sociedade)?

“A melhoria do discernimento da população, em geral e das famílias, desde conhecimento por cursos até o respaldo para suas necessidades. Segundo a salvaguarda do Estado, mesmo de oferecer a estes

projetos: mais instrumentos, profissionalização e equipes multidisciplinares para interferir mais efetivamente na comunidade”.

3. Projeto de L.A.

Discernimento e conhecimento por parte das famílias Cursos para família e respaldo para suas necessidades; mais instrumentos, profissionalização dos projetos e equipes multidisciplinares.
--

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais (famílias, comunidades, sociedade)?

“Acho que é inevitável que atinja, porque está mexendo. Nesta experiência do (nome do projeto de Tutoria), a gente envolve muitas pessoas, por exemplo, a gente envolve vários profissionais que vão receber este jovem para uma entrevista. Se o jovem quer ser fisioterapeuta, a gente vai encontrar um fisioterapeuta que receba este jovem. Ao receber o jovem ele vai saber do Programa, vai se tornar um voluntário do programa; vai também estar sendo mobilizado para a ação social. A gente conseguiu uma parceria com o (nome da instituição que oferece atividades culturais e de lazer), por exemplo. Esta instituição foi mobilizada para ser um parceiro do Programa, para que os jovens pudessem frequentá-la gratuitamente. A gente chega na ONG, então a gente mobiliza também. A gente começou a dar *feedback* para a ONG, que estes jovens não sabíamos porque, eram menos participativos, mais ameaçados. Eles (profissionais desta ONG) disseram: “**nossa, nunca tinha pensado nisso**”, então tá aí a resposta para esta pergunta. Acaba influenciando. E uma coisa que o (nome do projeto de Tutoria) tem como objetivo é difundir o programa. A (empresa mantenedora do projeto) tem muita vontade que ele seja duplicado em outras empresas e em outros grupos.

4. Projeto de Tutoria

	É inevitável que atinja, envolve muitos profissionais e parceiros, mobiliza o jovem para a ação social, faz intervenções dentro da ONG, com <i>feedback</i> , difunde o programa.
--	---

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais (famílias, comunidades, sociedade)?

“A gente tem que pensar em algum projeto que trabalhe, que existe, **mas não consigo entender o que fazem com a família**. Família é o quê? Pai e mãe? Às vezes moram com avô, tio, primo... Alguns trabalham com a família e você vai encaminhar pai e mãe, mas mora com o tio. **Tem que ter projeto que trabalhe com a família independente da composição desta família**. Se é composta pelo adolescente e o irmãozinho mais novo, porque a mãe está presa, como a gente tem aqui, a família é o irmãozinho e mais algum parente que dá assistência para ele. Neste caso que eu dei de exemplo, tem que trabalhar com a mãe que tá presa também, que ela é a família dele. E aí, como é que você tem pernas? Como é que a gente pensaria num projeto que alcançasse também aquela mãe ou aquele pai que tá ausente. Os projetos que a gente tem hoje só trabalham com o palpável. E essa mãe vai voltar de que forma para este núcleo familiar que se reestruturou? Esta mãe volta de que forma?

M- “Interessante as tuas colocações. Se você tivesse que propor um desses trabalhos, que fossem feitos para o núcleo familiar, sem que seja só pai e mãe, O que você proporia?”

Eu acho que os trabalhos que existem hoje na questão psicológica, social, com pedagogo, profissionais que a gente conhece e, tem excelentes profissionais no mercado... Mas, que nem na (nome da instituição de internação), que estão querendo acabar com equipes multidisciplinares!”

M-“Por quê?”

“Porque ela não consegue visualizar; acredita que o infrator infracionou por uma questão social, então precisa de assistência social para questões sociais ou por questões psicológica, algum desvio, então, precisa do psicólogo para questões psicológicas e do assistente social para as sociais. Ela não consegue

visualizar que existe um corpo de profissionais nestes trabalhos, cada um com a sua especialidade, que consegue dar a sua colaboração para aquela família. Percebo que os trabalhos são muito fracionados. Você tem um núcleo que atende a família X aqui, outro que acompanha, mas desloca para lá. Aí você perde a família, que não vai. Todos os profissionais no mesmo lugar.”

5. Projeto de L.A.

Projeto que trabalhe com a família, independente da composição familiar, mas não consigo entender o que fazem com a família.
Trabalhos multidisciplinares no mesmo lugar.

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais (as famílias, comunidades, sociedade)?

“É quase uma utopia, né?(risadas). Mas, na verdade é movimentando o micro. Só consegue alcançar o macro movimentando o micro. Se não, não tem como chegar lá: participando, instruindo, sensibilizando, são ferramentas que você consegue atingir o macro. É um trabalho de formiga, mas acho que consegue. Ter clareza, consciência e ir trabalhando junto com essas famílias. E vamos lá.

6. Projeto de L.A.

Quase uma utopia, mas é movimentando o micro. Participando, instruindo, sensibilizando. Ter clareza e ir trabalhando junto com essas famílias.

De que forma acredita que um projeto possa alcançar níveis macro-sociais (famílias, comunidades, sociedade)?

“Precisa estar integrado. Um projeto não se faz sozinho, tem que estar integrado com as políticas públicas, de novo: saúde, educação, o bairro, a sociedade; um projeto não pode estar sozinho; sociedade civil tem que estar engajada nisso. Todos têm uma parcela de culpa. Só juntos vai melhorar.

7. Projeto de L.A.

O projeto precisa estar integrado com as políticas públicas: saúde, educação, o bairro; sociedade civil engajada. Todos juntos.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias (na família, na comunidade e na sociedade) que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto foi elaborado?

“Preconceito. Foi pensado para colocar instrumentos de reflexão novos, nos adolescentes nas famílias e na comunidade, para que eles pudessem aos poucos fazer uma transformação maior”.

1. Projeto de Cultura Negra

Preconceito

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias (da família, da comunidade ou na sociedade) que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto foi elaborado?

“O próprio risco e vulnerabilidade das famílias. Às vezes, estão numa comunidade onde tá muito favorável do jovem ser levado à infração. Muito jovem que a gente atende, a gente sabe que tá no meio onde o tráfico tá perto”.

M-“Saber que o jovem tá muito perto do tráfico e que isso aumenta o risco, faz modificarem no projeto, o quê?”

“... de ter uma atenção maior, e de buscar outras coisas que atraem os jovens com o intuito de tentar que não se deixem levar para o outro lado, que também para eles é muito atrativo. Não é fácil, é uma concorrência. Desleal, até.”

2. Projeto de L.A.

Risco e vulnerabilidade das famílias. Tráfico perto. Necessário buscar algo que atraia o jovem.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto foi elaborado?

“O alto grau de incidência delitiva, que é confirmado pela precariedade de serviços naquele entorno geográfico: (nomes de bairros na região) de 8 a 10 dos adolescentes, moram em (nome de conjuntos habitacionais)”.

M - “Vivem no (nome de conjunto habitacional), que são favelas verticalizadas, sem os serviços sejam contemplados: educação, creche; são favelas em planos: primeiro segundo...E os serviços de promoção cidadã?”.

3. Projeto de L.A.

Precariedade de serviços no entorno... Favelas verticalizadas sem os serviços necessários: educação, creche.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto foi elaborado?

“A carência pode ser? Quando o pessoal sai do (nome do projeto de TI), eles ficam desamparados, não conseguem trabalho. Então o (nome do projeto de Tutoria) pode ser uma continuidade do (nome do projeto de TI), para ajudá-los a se encaminharem. Era uma carência! Como se encaminhar profissionalmente? A maior parte dos jovens, no final do (nome do projeto de TI), tinham uma expectativa, mas não tinham uma colocação”.

4. Projeto de L.A.

A carência; falta de trabalho após término do projeto (nome do projeto de TI). Assim, o (nome do projeto de Tutoria) pode ajudá-los a se encaminhar profissionalmente.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto foi elaborado?

“Distorção de valores. Esta ineficiência do poder público! Lá a gente tem outro tipo de trabalho - claro, é uma fundação, tem verba, não depende do poder público, tem autonomia. Dá para ver os resultados com mais clareza. Com o poder público emperra na burocracia”.

5. Projeto de L.A.

Distorção de valores; ineficiência do poder público. Nos projetos com mais autonomia, independentes do governo, se enxerga mais os resultados.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias (na família, na comunidade e/ou na sociedade), que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto aqui foi elaborado?

“Sim, é. Essa maneira de tratar as pessoas excluídas, algumas instâncias não funcionam direito. Pelo menos algumas unidades não têm como encaminhar um adolescente para lá. Quando uma mãe chega e pede para você intervir de uma maneira mais clara, diz: *Eu não agüento mais meu filho, faça alguma coisa!* Você não tem condições de mandar para a (nome da instituição de internação) porque não tem condições, é um caos. Pelo menos algumas unidades, não tem como encaminhar para um Conselho Tutelar, a demanda é enorme! Você liga para mil clínicas, todas são cobradas e a família não tem dinheiro. Você faz o quê? *Perde a mão*. Tem muitas dificuldades e não pode esperar ele morrer. Tem esses entraves, que parecem que o projeto não funciona e o que tá em volta também não funciona. O que fazer? Para a maioria dos técnicos aqui; todos já viveram uma situação dessas. Já ficou jovem aqui até nove horas da noite porque não tinha para onde mandar. Vai além do que pode, dá frustração.”

M-“Conhece outros projetos e propostas de trabalho social com jovens?”

“ Quando tem algo diferente eles gostam e participam. Aqui na Instituição do Projeto de L.A. propomos algo diferente e eles gostam.”

M – “O que você acha que faz a diferença?”

“Falar a linguagem deles faz a diferença. Talvez, ele não aceite a situação, mas, se você fala a linguagem dele, entra no universo dele para ele ver o que está acontecendo com ele”

M - “Nestes projetos artísticos, ou de LA, o que você acha que é útil para o jovem? Se fosse criar um projeto, o que faria? ”

“Então, eu acho que a questão da informação é algo muito útil. Como você direciona isso? Eles têm uma força muito grande com a imagem e com a palavra. Todos nós somos muito influenciados por estas duas coisas, então a imagem e a palavra. Então, coisas ligadas a música, vídeo, mas não só mostrar o meu olhar. Eles mostrarem o deles. Exemplo, colocar uma máquina na mão para filmar a sociedade. Ele codificando as imagens para perceber o que pode mudar, quais são as possibilidades deles. Como ele vai decodificar essas imagens para que percebam o que podem mudar? Eles são muito imediatistas, tudo é agora. Talvez fazendo isso, você pegue um exemplo bem simples que é filmar a comunidade. Mas qual o objetivo, o que quero mudar? Aí pode transportar para a vida deles. Pega a arte, o lúdico, com ponte para a vida dele. Para ver que tem que ter um planejamento, foco, objetivo. Eu acho que o projeto tem que ser a cara dele, senão, não funciona. Não muito burocrático; algo transformador.”

6. Projeto de L.A.

“Essa maneira de tratar as pessoas excluídas”; instâncias que não funcionam; falta de recursos para tratamento particular. Propor algo diferente e falar a linguagem do jovem ajuda; projetos artísticos como filmar a comunidade para refletir sobre mudar a vida deles. Informação, planejamento e foco. O projeto tem que ter a cara do jovem.

Percebe alguma dificuldade vivida nestas instâncias que implicam ou estão implicadas a forma como o *projeto aqui foi elaborado?

“O projeto foi feito para atender isso mesmo, à comunidade. Às vezes, eles não têm acesso na comunidade. Nosso papel é procurar os recursos da comunidade, porque às vezes o menino mora do lado da escola e diz que estuda no *Verdão*; não sabe o nome da escola. Dizemos: *Dá para você voltar lá, pegar o nome da escola?* Queremos que eles participem da comunidade, para melhorar lá no que eles estão. Aqui é só um comecinho”.

7. Projeto de L.A.

O Projeto foi feito para atender a comunidade; para encontrar os recursos da comunidade, para estimular que conheçam e participem da comunidade para melhorá-la.

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos em geral (não só o cultura negra, mas com jovens)?

“Ações menores, mas consistentes, formam agentes multiplicadores daquele propósito; melhor que um projeto com 1500”.

1. Projeto Cultura Negra

Ações menores, mas consistentes formam agentes multiplicadores daquele propósito; melhor que um projeto com 1500

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos sociais?

“Contar mais com a comunidade, estar mais próximo. Fazer com que os projetos sejam conhecidos naquela comunidade, para se tornarem referência. Não ser tão distante; pode estar lá dentro e ser distante da comunidade. Aproximar, fazer o projeto ser conhecido, usado.”

2. Projeto de L.A.

“Contar mais com a comunidade, estar mais próximo.”

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos?

“Acredito muito na **escola como espaço aberto**. Esses projetos poderiam estar **mais próximos da família** através de outros instrumentos, como: escola com espaço aberto, posto de saúde com espaços físicos, que facilitassem o acesso dos projetos e o contato com o número mais abrangente de familiares. A abertura no sistema escolar como estrutura física para essas demandas.”

3. Projeto de L.A.

Acredito muito na escola como espaço aberto. Esses projetos poderiam estar mais próximos da família: na escola, no posto de saúde.

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos?

“Dar espaço para as famílias falarem. Na verdade, assim, **escutar as famílias por si só já surte um efeito enorme, porque eles têm muito pouca possibilidade e espaço. E com os filhos, na faixa etária que eles estão, os filhos conversam muito pouco com eles. Então, eles vivem uma solidão, uma angústia - as famílias**. Isso foi muito falado na reunião agora. Eles não sabem muito do Programa porque os filhos não contam. Então ir lá na reunião é: “Hum, que bom, vou saber um pouquinho, porque ele não me conta!” Porque lógico, o jovem está numa fase de se diferenciar da família. Mas se eles puderem ser escutados, ouvidos, pode ajudar. **Até para não criar uma rivalidade com o Programa. Lá, ele vai; no Programa ele se abre, comigo, não.** Eles ficam meio ... Se tiverem espaço, podem apoiar mais.

4. Projeto de Tutoria

“Dar espaço para as famílias falarem”... para saberem do Programa, ao invés de criar rivalidade em função do filho se envolver bastante e frequentar. As famílias têm angústias, solidão e pouco espaço.

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos?

“Primeiro, precisaria o poder público aprender o que é um projeto social. Não fazer um convênio e ditar regras, sem saber como é. Segundo, que algumas instituições, algumas Ongs, acabou que virou cabide de empregos: *É meu conhecido, é meu amigo*; não tem experiência, vivência... Acabam compondo uma equipe, desestruturando e contribuindo para que não funcione.”

5. Projeto de L.A.

Poder público conhecer o projeto e não só ditar as regras.
Algumas Ongs viraram cabide de emprego e não funcionam.

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos sociais?

“É uma questão política. Talvez **o foco mais humano**; as coisas funcionariam de um jeito diferente”.

6. Projeto de L.A.

É uma questão política. Talvez o foco mais humano.

O que acredita que poderia ser feito para incluir as famílias e aumentar a abrangência dos projetos?

“Mais parcerias”.

7. Projeto de L.A.

Mais parcerias.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Cultura, esporte, informática, música?

“Arte e cultura. Cultura e arte. É fundamental que vá além da profissionalização, do mecânico. Ainda hoje, nós pensamos que o jovem pobre tem que aprender uma profissão de mecânico. A arte faz pensar e depois ele pode fazer da vida dele; escolher o que quiser. Alguns projetos sociais colocam em primeiro plano o mecânico.”

1. Projeto de Cultura Negra

Arte e cultura. É fundamental que vá além da profissionalização, do mecânico. A arte faz pensar e depois escolhe o que quiser.

Que tipo de projeto social tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido?

“O projeto que abrange toda a família e principalmente as crianças; é uma forma de quando forem adolescentes e jovens, já virem com uma base. Então isso facilitaria. Trabalho com a criança você já vai preparando ela”.

M - “Que tipo de trabalho com as crianças daria uma base?”

S - “Orientação e atividades para elas”.

2. Projeto de L.A.

O projeto que abrange toda a família e principalmente as crianças, para virem com uma base.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido?

“Na escola, por exemplo: *fazer o que lá?* Nós trabalhamos com minimização de danos. Trabalhar preventivamente é importante. Preventivo para jovem, mas um dia foi criança, então precisaria atendimento integral. Creches para as mães com horários bons, para as mães trabalharem. Há um número muito grande de mães que dá sustentabilidade ao lar; com propostas pedagógicas de manhã e tarde outras atividades, além de alimentação adequada, cardápio nutricional, come o que tem e influencia no adulto que vai ser lá na frente. Atividades pedagógicas: educação, alimentação, esporte, que é fator determinante para ter outro entendimento do corpo e da vida; da convivência, de aprender limites. O país é prejudicado na questão dos talentos.”

3. Projeto de L.A.

Preventivo para jovem. Atenção integral, creches para as mães, que dão sustentabilidade ao lar; projetos com propostas pedagógicas e atividades em horários que as mães possam trabalhar; alimentação adequada para as crianças, educação, esporte (para entendimento do corpo e da vida, limites e convivência).

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido?

(nome do projeto de Tutoria)! (Risadas) Sou apaixonada por este programa. Vou ser tendenciosa, não vai ter jeito. (Risadas) Sabe por quê? Porque ele está estruturado de uma maneira interessante. Esta relação individualizada, este acompanhamento. No caso sou eu que faço este acompanhamento, mas o acompanhamento de um psicólogo eu acho que faz esta diferença. Para tentar mediar estas relações, deixar emergir os não ditos, aquelas coisas mais encobertas, enfim... Tanto os jovens, quanto os Tutores, tem um foco bem na autonomia; muito pouco diretivo; foco na construção e na singularidade do jovem. Cada um faz um percurso lá, não tem assim, um caminho único a seguir. Eles não vão chegar no final do ano tudo igual.

4. Projeto de Tutoria

(nome do projeto de Tutoria) – a relação individualizada, o acompanhamento de um psicólogo para mediar as relações... Foco na autonomia, na singularidade do jovem.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido?

“É até triste o que vou te falar, mas tô tão desiludida, que acho que tudo é muito interessante, mas tem interesse político. Não consigo achar nenhum que não tenha interesse político ou pessoal, que realmente atenda o interesse do adolescente”.

5. Projeto de L.A.

“...tô tão desiludida... Tudo é interessante, mas tem interesse político...” tinha que atender o interesse do adolescente.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido?

“Para um projeto social funcionar tem que **estar junto da comunidade; entendermos o contexto e do que a família necessita.** Então, eu acho que se você partir disso você consegue resultados melhores. Mas isso é uma rede, né? Você precisa de auxílio no Conselho Tutelar, auxílio da escola, mas é difícil porque a gente lida com preconceitos, com egos... A gente precisa muito, mas acaba recebendo pouco destes recursos”.

6. Projeto de L.A.

Tem que estar junto da comunidade; entender o contexto e do que a família necessita. É uma rede, Conselho Tutelar, escola...a partir disso, resultados melhores.

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Em projetos em geral, para jovens?

“O nosso é muito importante: a acolhida, a visita às famílias, saber como elas estão; se atingir a família acaba acolhendo o jovem. É através da família que atende o jovem; sozinho não tem como. Conhecer a família com sua dificuldade; ver a família real que o menino tem e a ideal que o menino está inserido. Conhecer a família, o contexto no qual o menino está inserido, de onde veio esta família”.

7. Projeto de L.A.

O de L.A. é muito importante: a acolhida, as visitas às famílias. Através da família atende o jovem. Conhecer a família com sua dificuldade, a história, o contexto.

O que acha que a população necessita / diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

“Pediriam trabalho”

1. Projeto de L.A.

Trabalho

O que acha que a população necessita / diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

“Pediria mais cursos profissionalizantes, emprego. Porque é um dos grandes problemas que a gente enfrenta aqui também, é falta de emprego.”

2. Projeto de L.A.

Cursos profissionalizantes, emprego.

O que acha que a população necessita / diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

“Educação e trabalho. Eu nem colocaria esporte aí, porque acredito que a necessidade mais imediata da população é essa, educação. Educação para a convivência social e trabalho. Trabalho ou evento capacitativo para o jovem. Quando terminar a idade necessária, trabalha. Não só um exercício mecânico; educação para o trabalho e para a cidadania”.

3. Projeto de L.A.

Educação e trabalho. Trabalho ou capacitação do jovem. Não só um exercício mecânico. Educação para trabalho e para cidadania.

O que acha que a população necessita /diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens? Se fossemos perguntar para a população?

“Que é para tirar o menino da rua, que eu acho muito simplório, mas acho que é a mentalidade”.

4. Projeto de Tutoria

Tirar o menino da rua

O que acha que a população necessita /diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

“Primeiro, que a população desconhece, não tem conhecimento dos projetos direcionados para jovens; não consegue entender o que é o projeto. A população brasileira tem um déficit histórico desde a escravidão”.

5. Projeto de L.A.

Há um desconhecimento e falta de entendimento da população sobre os projetos para os jovens.

O que acha que a população necessita ou diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

“Acho que é falar a linguagem deles. Uma coisa é falar sobre sexo numa palestra, aquela coisa de estar aberto mesmo. **Sem escutar o que precisam não adianta; sem saber a demanda deles...** Precisa estudar o contexto que eles estão, qual é a linguagem mesmo, pra poder aplicar de coisa focada, se não aí, ficam estes projetos só no papel e, prática tem pouca”.

6. Projeto de L.A.

Falar a linguagem deles; saber qual é a demanda deles, o contexto.

O que acha que a população necessita /diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens?

“Geralmente pedem emprego, primeiro emprego, depois, eles vêm a alimentação, terceiro profissionalização, escolarização, infelizmente... Às vezes, está estudando e está indo bem (menino na escola) mas demora e às vezes abandona para trabalhar; quer comer, se alimentar, quer para hoje.

7. Projeto de L.A.

Pedem emprego, depois profissionalização e depois escolarização.

O que acha que os jovens querem?

“Perspectiva de futuro. Um pouco além do trabalho. A gente acha jovem bastante consciente, com propriedade do que quer fazer e tal... Sabem exatamente o que querem e para onde vão; o que é certo e o que é errado; o degrau da sociedade que não conseguem alcançar... acabam usando os projetos sociais como ferramenta para alcançar o que ele traçou”.

1. Projeto de Cultura Negra

Perspectiva de futuro. Um pouco além do trabalho.

O que acha que os jovens querem?

“Eu acho que eles querem também cursos, algo que tivesse cultura, projeto voltado para cultura. Muitos pedem emprego, também”.

2. Projeto de L.A.

Cursos, algo que tivesse cultura. Emprego também.

O que acha que os jovens querem?

“Protagonismo. Poderem mostrar a cara, do jeito deles”:

Olhem meu bairro, por favor, nos ouçam, nos percebam. Quero permanecer aqui com mais recursos, oportunidades para eu multiplicar aqui na comunidade.

3. Projeto de L.A.

Protagonismo. Poderem mostrar a cara, o bairro; mais recursos e oportunidades para multiplicarem na comunidade.

O que acha que os jovens querem?

“Eles querem referência, que possam ser reconhecidos, se reconhecerem, um e outro; estarem entre semelhantes. Onde possam aprender coisas, experimentar, ter novas experiências.”

4. Projeto de Tutoria

Referência; que possam ser reconhecidos; estarem entre semelhantes, aprender, ter novas experiências.

O que acha que os jovens querem?

“Trabalho, oportunidade”.

5. Projeto de L.A.

Trabalho, oportunidade.

O que acha que os jovens querem?

“Os jovens querem ser livres, no sentido de curtir esta fase. Sabem que não podem, porque vivemos numa sociedade que tem estruturas, mas acho que querem ser felizes, né? Mas eles têm uma referência no material, a referência deles é que a felicidade está no material. Você dizer para um adolescente que não, que existem outras coisas, é muito difícil, mas, acho que querem estar mesmo felizes com a família, com os amigos e ter uma rede que auxilie isso, possibilite, tanto na arte quanto na questão profissional. Acho que é isso que procuram”.

6. Projeto de L.A.

Ser livre, curtir a fase, ser feliz com a família, com os amigos. Mas têm a referência no material; acham que a felicidade está no material.

O que acha que os jovens querem?

“Estudar e trabalhar... Porque tem projeto para eles quando estão em LA. Precisa ter projetos com capacitação, com esporte”.

7. Projeto de L.A.

Estudar e trabalhar. Precisa ter projeto com capacitação e com esporte.

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si? Fora trabalho, o que as famílias querem para eles?

“Além de trabalho? A melhora. A família deseja sempre o bem do jovem; não só o trabalho em si, mas tirar da rua, das drogas...”

1. Projeto de Cultura Negra

Trabalho. A família deseja o bem do jovem, tirar da rua, das drogas.

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si?

“Querem que o jovem saia, né, desta vida de infração, embora não saibam como fazer isso. Os pais estão muitas vezes perdidos, mas falam que gostariam que o filho não tivesse nessa vida. Mesmo às vezes, achando que eles tivessem que sair sozinhos”

2. Projeto de L.A.

Querem que saiam desta vida de infração

O que acha que suas famílias querem para eles e para si?

“A mesma coisa. Oportunidade”.

3. Projeto de L.A.

Oportunidade.

O que acha que suas famílias querem para eles e para si?

“Que eles possam ter uma oportunidade de se desenvolver num lugar seguro, protegido; enxergam um ambiente hostil, vendo o mundo como perigoso; que tenham um espaço protegido, com profissionais sérios, bem intencionados, para que possam ter um espaço de desenvolvimento.

4. Projeto de Tutoria

Oportunidade de se desenvolver em lugar seguro, protegido, com profissionais sérios, bem intencionados.

O que acha que suas famílias querem para eles e para si?

“A família muitas vezes não sabe o que ela quer para o adolescente. Às vezes querem que estude, quando tem vaga, entra em contato e perde. Aparece um curso profissionalizante e a família não quer deixar o cigarro para dar para o filho fazer curso. A gente volta na questão cultural.”

5. Projeto de L.A.

Muitas vezes não sabe. Às vezes querem que estude, quando tem vaga, perde. Aparece um curso profissionalizante e a família não quer deixar o cigarro para o filho fazer o curso.

O que acha que suas famílias querem para eles e para si?

“Eu acho que **respeito**, eles precisam muito disso; são muito carentes, **precisam de carinho**. Quando são atendidos em alguns órgãos e, às vezes, até nos projetos mesmo, **não há muita preocupação em ouvir, em entender, em caminhar para alguma coisa que de fato os atenda. Querem ser acolhidos**, mas tirando aquela coisa de cesta e passes. Tem que ser além disso.

6. Projeto de L.A.

Respeito. Carinho. Ouvi-los, entendê-los, acolhê-los.

O que acha que as famílias dos jovens querem para eles e para si mesmas?

“Na maioria, querem que eles não se envolvam com o crime; que tenham uma vida digna; que estudem e trabalhem para ajudar e para ter independência pessoal e profissional”.

7. Projeto de L.A.

Que não se envolvam com o crime; vida digna; que estudem e trabalhem para ter independência pessoal e profissional.

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“Ter jovens na comunidade que possam ser referência, no sentido de trazer bons valores para a comunidade; valores culturais, sociais; dinamismo, respirar melhor. Fazer a comunidade respirar melhor. A comunidade onde tem jovens pensantes tem condições de melhorar”.

1. Projeto Cultura Negra

Ter jovens que possam ser referência, que tragam valores para a comunidade; valores culturais, sociais; jovens pensantes para comunidade melhorar.

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“A comunidade quer que eles não infracionem.”

2. Projeto de L.A.

Que não infracionem.

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“Para si própria, é, vínculos, para que possam viver em paz; saber que quando necessitar de uma emergência vai ser atendido adequado não meses para o especialista (consultas, matrículas, escola com espaço de experimentação social, que tenham vontade de frequentar, que seja espaço de convivência de resolução de conflitos; Recursos dentro da comunidade para resolverem seus problemas, não espera morosa, recursos que demoram a chegar à população. Recursos dos próprios moradores, não trazer um profissional de fora para resolver. Exemplo orçamento participativo, vejo que era positivo nisso”

3. Projeto de L.A.

Vínculos, para que possam viver em paz; consultas, matrículas na escola; recursos de qualidade, eficientes e rápidos. Meios de resolverem os conflitos dentro da comunidade

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“(Risadas) Que estes jovens tenham um espaço para eles e que incomodem menos. Eles podem até falar que querem que o jovem se desenvolva, o mesmo pedido que a família, mas é que o jovem incomoda muito. Tanto que fala, melhor do que ficar na rua pichando, aprontando.”

4. Tutoria

Que tenham espaço para que incomodem menos; que não fiquem na rua pichando, aprontando.

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“Idem a família. Assim como abrigos, muitas vezes têm problemas com vizinhos, que não querem que tenha crianças em situação de abrigo. A comunidade não tem a cultura, o entendimento.”

5. Projeto de L.A.

A comunidade não quer o jovem infrator por perto. Não tem cultura, entendimento.

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“Utilidade, né?. Precisam ser úteis aonde estão e para o que pode vir mais para frente. Porque utilizando a capacidade que eles têm, você pode mudar a dinâmica de uma comunidade. Por exemplo,

num Cingapura poderiam ser úteis, menos ociosos. Mães reclamam que ficam lá o dia inteiro sem fazer nada. Se tivessem coisas mais pontuais... iam ser bem úteis porque são criativos.”

6. Projeto de L.A.

Utilidade. Menos ociosos. Utilizando a capacidade que eles têm podem mudar a dinâmica da comunidade.
--

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

“ Não sei se a comunidade faz muito pelo jovem, não. Faz projeto social, leite, cesta, não tem muita consciência em fazer um projeto para o jovem. É difícil, tem bairro que tem, mas é difícil.”

7. Projeto de L.A.

Não sei se a comunidade faz muito pelo jovem. Faz projeto social, tem bairro que tem e bairro que não tem.
--

Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias. Você tem esta inquietação?

“Compartilho. Compartilho porque a família é tão, é... misteriosa, eu diria. Cada uma tem suas próprias regras e conceitos. Quando fala que vai entrar, quando quer trazê-la para o projeto, este é um fator complicador. Tá no planejamento do projeto, mas a gente nunca consegue alcançar nossos anseios.”

1. Projeto de Cultura Negra

Sim, sobre como incluir.	Quando quer trazê-la é um fator complicador.
Sim, sobre como trabalhar	Compartilho, porque a família é tão misteriosa;tem regras próprias e conceitos.

Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias. Você tem esta inquietação?

“Às vezes é difícil mesmo, trabalhar com as famílias. Até por conta das questões que te falei. É difícil virem, tem esta coisa do trabalho, mas outros têm resistência ou por desconhecimento. Acham que o jovem tem que vir porque ele infracionou. Vários motivos acabam dificultando. Às vezes tem outros filhos para cuidar e não podem vir, não tem com quem deixar.”

2. Projeto de L.A.

Sim, sobre como incluir.	É difícil virem
Sim, sobre como trabalhar	Às vezes é difícil trabalhar com as famílias

**Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias.
Você tem esta inquietação?**

“Também. Eu tenho esta inquietação devido a, que sempre percebo que a próxima família pode superar esta que atendo nas dificuldades. As vezes as dificuldades são tão múltiplas e nem uma equipe poderia dar conta. Mesmo que fosse multidisciplinar. Por exemplo o caso de pais soropositivos, com três filhos em conflito com a lei. Ta tudo comprometido, né?Outras: A violência sexual, a violência doméstica, violência contra a mulher, alcoolismo. Por exemplo já atendi famílias que os avós eram chefes do tráfico. Como fica quando a chefia ilícita está com os avós, naquela primeira geração?”

3. Projeto de L.A.

Sim, sobre como trabalhar	Tenho esta inquietação; a próxima família pode superar esta em dificuldades. Dificuldades múltiplas que nem uma equipe daria conta.
---------------------------	---

**Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias.
Você tem esta inquietação?**

“Não saber como incluir? Acho que a minha maior preocupação é como fazê-los aderir. Porque a gente convida e é difícil você trazê-los. Então conquistá-los acho que é difícil. Por causa da loucura do dia a dia deles e porque alguns se sentem muito envergonhados de se expor, de participar; de sair do seu mundo e ir lá encontrar uma psicóloga, de um projeto social.”

4. Projeto de Tutoria

Sim, sobre como incluir.	Não incluir. Sim como aderir. “...a gente convida e é difícil trazê-los” pela correria e pela vergonha
Não, sobre como trabalhar.	Não saber como incluir.

**Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias.
Você tem esta inquietação?**

“Eu tenho, mas não no sentido de como, mas as **dificuldades da família entender a importância de estar presente no trabalho do jovem**; que a presença dela é tão importante quanto a do próprio jovem. Quando o jovem infraciona a família meio que aborta ele do restante, exclui ele.”

5. Projeto de L.A.

Sim, sobre como incluir.	Dificuldades da família entender a importância de estar presente
Não, sobre como trabalhar	Não no sentido de como.

**Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias.
Você tem esta inquietação?**

“Sim, em alguns casos, sim. Porque você não tem como solucionar coisas que vem de muito de antes, lá da criação. Você não tem uma varinha de condão que vai transformar tudo. Às vezes **questões complicadas, que a mãe diz: não quero mais ver, interna**. Questões complicadas. O que fazer com este menino? Então dificuldades de como encaminhar de como proceder. Trabalho cansativo, que exige muito, mas muito importante. Adoro trabalhar. Infelizmente, se existe, e preciso, ajudar as

famílias desprovidas; a maioria da periferia, que a gente atende (cita bairros e conjuntos habitacionais), que é a favela. Muitos nem querem sair; retornam, chamam de favelão. A mão de obra é barata e informal ali.”

6. Projeto de L.A.

Sim, sobre como incluir.	Às vezes a mãe diz : <i>não quero mais ver. Interna.</i>
Sim, sobre como trabalhar	Sim, em alguns casos. “... não tem como solucionar coisas que vem de muito antes, da criação. Às vezes questões complicadas.” Dificuldades de como encaminhar.

Alguns profissionais relatam não saber como incluir e como trabalhar com as famílias. Você tem esta inquietação?

“Não... Há muito tempo atrás angústia de não poder resolver os problemas das pessoas, hoje sei lidar com isso... Agora, tem frustração quando você perde o adolescente. Temos os casos de assassinato. Perdas, mas não perdi a capacidade de indignar-se . Tem que se cuidar.”

M- “Como?”

“Deveria ter apoio para isso, são cuidados. Eu faço terapia a gente se acolhe.”

7. Projeto de L.A.

Não, sobre como trabalhar	Não. Há muito tempo angústia de não poder resolver os problemas das pessoas... agora sei lidar
---------------------------	--

Outras Observações:

“Temos tratado o jovem com muita miserabilidade. Nós colocamos isso de miséria na cabeça dele...jovens pensadores fundamental Tínhamos projetos mecânicos – carpintaria, elétrica. Hoje informática. Não tem projeto para formar escritores, poetas . No projeto de cultura negra pretendemos criar agentes multiplicadores desta história e da cultura afrodescendente. Só isso. Daí para frente eles escolhem o que farão, faculdade... Perspectivas, criticidade e intelectualidade. Estar bem consigo e com o resto. Telemarketing, por exemplo, é só um instrumento para isso, para ter trabalho. Pensar faz um cidadão melhor. A gente força essa situação de miserabilidade.”

Outras observações:

“É difícil, isso não dá, aquilo não pode...Se seu trabalho trazer um olhar mais amplo vai se muito bom. Os projetos sociais estão engatinhando nisso. Além do que tem muita burocracia. Precisa da comunidade, do governo, da família. Nós somos os trabalhadores sociais, as vezes precisamos de um recurso e não tem.”

Outras observações:

Após a entrevista a entrevistada falou de como as instituições (ONGS que abrigam o Projeto* são diferentes. Uma delas, que a pesquisadora não conhece, tem sede em um bairro pobre da periferia de uma cidade do interior de São Paulo, e recebeu investimentos de um casal de origem européia, sendo que ele aposentou-se como Presidente de um grupo multinacional e procura aplicar na instituição o que acredita ser bom para as crianças e para os jovens. A instituição tem definições hierárquicas claras, bastante investimento e instalações bastante adequadas e cuidadas. Segue a pedagogia Waldorf, o que segundo os jovens participantes do projeto, “deixa as crianças folgadas”. Para os profissionais que atuam no Projeto* os jovens desta instituição parecem menos participativos e menos autônomos. Já a outra ONG, com sede em São Paulo, dentro de uma favela, com enorme participação social, é um instituto construído por mutirão com pouquíssimo investimento e instalações simples. O portão é aberto e a instituição é da comunidade. Eles fazem muitas assembléias e sempre há formação humana e política paralelamente, mesmo nos cursos de formação profissional.

Familiares dos Jovens

SELEÇÃO DE TRECHOS E ANÁLISE PARCIAL DOS DADOS DOS FAMILIARES DOS JOVENS POR RESPOSTAS

1. Entrevista com familiares dos jovens 1(mãe e tia)
2. Entrevista com familiar do jovem 2 (mãe)
3. Entrevista com familiar do jovem 4 (mãe)

Como acham que foi para ele(a) participar destes projetos?

1. Mãe - Foi muito bom. Hoje ela tá uma pessoa, graças a Deus, ótima, bem inteligente mesmo; sabe explicar as coisas direitinho.

POSITIVA	Muito bom. Inteligente.
----------	-------------------------

Como acham que foi para ele(a) participar destes projetos?

2. Mãe – Deve ter sido bom. Até hoje ta neles.

POSITIVA	Deve ter sido muito bom. Está lá até hoje.
----------	--

Como acham que foi para ele(a) participar destes projetos?

3. Mãe – “ Lá foi meio contra a vontade. Tava num pé que não tinha interesse. Eu insisti, mas ele faltava muito... Aqui é ótimo. Agora a prestação de serviço (referindo-se a determinação do juiz de

que o jovem prestasse serviço à comunidade), se tava por castigo tinha que ser organizado. A funcionária do posto dizia para ele que trabalhasse se quisesse; que podia ser como ela, que era funcionária pública. Aqui ele não joga conversa fora.”

Projeto de Informática e Prestação de Serviços por ordem judicial

NEGATIVA	R- “ Lá foi meio conta a vontade. Tava num pé que não tinha interesse. Eu insisti, mas ele faltava muito. Aqui é ótimo (L.A.) Agora a prestação de serviço (referindo-se a determinação do juiz de que o jovem prestasse serviço à comunidade), se tava por castigo tinha que ser organizado. A funcionária do posto dizia para ele que trabalhasse se quisesse; que podia ser como ela, que era funcionária pública. Aqui ele não joga conversa fora.”
----------	---

POSITIVA	R- “... Aqui, embora a situação que passou não é boa, tinha o acompanhamento da (nome técnica). Percebo que ela tenta colocar da melhor maneira as coisas para ele, sobre cigarro, drogas. A gente fala em casa, ele fica bravo e ela coloca que pai e mãe é assim mesmo...Aqui é ótimo...”
----------	---

De que maneira acham que os projetos foram úteis para ele(a)?

1.Mãe - Acho que foi útil porque só eu mesmo que trabalho em casa e aí ela já tem o dinheirinho dela, e ela adora o projeto. Foi muito bom. Por tudo foi bom.

De que maneira acham que os projetos foram úteis para ele(a)?

3.Mãe - “ O de informática foi bem básico. Aprendeu o que já sabia. Mas eu fui lá e pedi. Era um empurrão para fazer outros cursos, de administração, serigrafia. Aqui com a (nome técnica) foi maravilhoso. Pena que vai acabar. Seria muito bom continuar o acompanhamento. Pai e mãe só vê o erro e às vezes é mais difícil. Ela vê o outro lado também.”

Perceberam alguma mudança nele(a) depois do *projeto?

1.Mãe - Muito.

1.Mãe - O jeito de falar, a educação em casa. Até com a comunidade ela conversa, anda na casa das pessoas da comunidade da gente. Foi tudo de bom.

SIM	Jovem tem o “dinheirinho dela”, adora o projeto. Por tudo foi bom” Mudou o jeito de falar, a educação em casa, na comunidade ela conversa, anda na casa das pessoas da comunidade da gente. Foi tudo de bom.
-----	---

Perceberam alguma mudança nele(a) depois do *projeto?

2. Mãe – “Ela quer conseguir os objetivos dela e cada dia quer mais e... tudo que falam ela quer fazer. Corre atrás das coisas. Às vezes fica até nervosa porque não consegue. Ela tá bem.”

SIM	“Ela quer conseguir os objetivos dela... tudo que falam
-----	---

	ela quer fazer. Corre atrás das coisas...”
--	--

Perceberam alguma mudança nele(a) depois do *projeto?

3.Mãe - “ Ele melhorou bastante. Devido ela conversar muito, coisas que eu e ele discutíamos, ela conversava com ele aqui. Que nem drogas. Pegamos usando maconha, brigamos. Ele veio falar para ela. Ela orientou de uma maneira. Eu falei, ele não deu a mínima, mas com ela ele entende melhor. Aí fica mais calmo, mais tranqüilo.”

SIM	Melhorou bastante. Conversando com a técnica fica mais calmo e mais tranqüilo.
-----	--

Se ele(a) teve alguma dificuldade.

1.Mãe – “É. Para tomar decisão. Ela tinha duas coisas e decidiu”

SIM	Para tomar decisão. Tinha duas coisas e decidiu.
-----	--

Se teve alguma dificuldade.

2.Mãe – “Não.”

NÃO	
-----	--

Se teve alguma dificuldade.

3.Mãe – “Há um mês que aconteceu de usar maconha. A gente controla. Saí do serviço por causa dele...”

M-“Ele(a) teve alguma dificuldade?”

R-“ Não. No começo resmungava de vir. Depois vinha bem. Só reclamava que eu vinha junto.”

A mãe trazia o filho, mas não participava das sessões com a técnica.

SIM	“Há um mês que aconteceu de usar maconha... Saí do serviço por causa dele.” R-“ Não. No começo resmungava de vir. Depois vinha bem. Só reclamava que eu vinha junto.”
-----	--

Se a participação do(a) jovem no *projeto foi importante para a família.

1.Mãe – Sim.

Como?

1.Mãe – Foi porque através dela a gente sabe de muitas coisas boas, algumas novidades ela já conta para nós; que ela traz para gente e para a comunidade.

SIM	Traz novidades para a família e para a comunidade.
-----	--

Se a participação do(a) jovem no *projeto foi importante para a família.

2.Mãe – “Foi”.

M – “Como?”

2.Mãe – “**Principalmente para ela**, né, porque através dela as irmãs dela vai ter outra cabeça, né. Acho que vai ser igual ela. Não fica na rua, não namora, estuda.... ser pobre, de morar onde mora, né?”

SIM	Principalmente para elas, mas para as irmãs também (modelo)
-----	---

Se a participação do(a) jovem no *projeto foi importante para a família.

3.Mãe – “Foi também. Ele volta mais calmo, mais tranqüilo. A (técnica) foi lá em casa. Lá, todos gostam dela. Todos aqui são sérios. Nos tratam com respeito e com carinho.”

SIM	“Foi também. Ele volta mais calmo, mais tranqüilo. A (técnica) foi lá em casa. Lá, todos gostam dela. Todos aqui são sérios. Nos tratam com respeito e com carinho.”
-----	--

Se algum dos projetos realizou atividades com ou para a sua família.

1.Mãe – “Sim, para a minha outra filha também, que ela foi através dela.”

M – “E para vocês, da família. Vocês foram lá participar do projeto?”

“Quando era no... uma vez eu fui tipo um curso de pequenas empresas. Era para as mães.

M – Alguma atividade mais para a família?”

1.Mãe – “Só a minha filha que foi.”

Sim	Atividade para a outra filha e um curso para as mães sobre pequenas empresas.
-----	---

Se algum dos projetos realizou atividades com ou para a sua família.

2.Mãe – “Fui no (nome do Projeto), já fui no (nome da ONG), no(nome da ONG).”

M- “O que era? Alguma atividade para os pais?”

2.Mãe – “Era. Reunião, outra vez festa, outra vez era para apresentar umas pessoas importantes pra gente, falar o que os filhos faziam, mostrar no telão.”

M- “Como foi lá, ver o que os filhos faziam?”

2.Mãe – “Foi bem a gente é bem atendido.”

Sim	Reunião, festa, apresentação de algumas pessoas e apresentação sobre a participação dos filhos no projeto.
-----	--

Se algum dos projetos realizou atividades com ou para a sua família.

3.Mãe – “ Não. Só foi a visita e a primeira entrevista comigo e com ele (filho)”

Não	“ Não. Só foi a visita e a primeira entrevista comigo e com ele (filho)”
-----	--

Se tiveram dificuldades familiares durante a participação do(a) jovem no *projeto?

1.Mãe – “Para falar a verdade até hoje ainda tem dificuldade, sobre o pai dela. Ele tem um probleminha de querer beber demais e eu acho que atinge ela porque ela se preocupa. Às vezes ela liga do serviço.”

M – “Então você acha que é uma dificuldade que vocês ainda não superaram?”

Mãe – “Ainda não. Nem sei como.”

Mãe – “Ele teve câncer, né? E se continua bebendo...”

Mãe – “Fez cirurgia...quimioterapia.”

SIM	Abuso de álcool e câncer do pai.
-----	----------------------------------

Se tiveram dificuldades familiares durante a participação do(a) jovem no *projeto.

2.Mãe – “Não. Mais ou menos. Dificuldade sempre tem, né?”

2.Mãe – “Às vezes a gente **briga dentro de casa**, discute. Ela não para dentro de casa. Só tá hoje aqui por causa de você. Ela participa muito da igreja.”

M – “Quando ela não tá e brigam, como vocês superaram tal dificuldade?”

2.Mãe – “Sozinha. Fazendo as minhas coisas e com as minhas filhas.Fico nervosa, mas fico bem. Ela já teve o tempo dela, agora tem a vida dela.Já que eu não posso dar, ela tem que correr atrás dos objetivos dela.”

MAIS OU MENOS	Brigas por ausência do jovem em casa.
---------------	---------------------------------------

Se tiveram dificuldades familiares durante a participação do(a) jovem no *projeto.

3.Mãe – “Não”

NÃO

Se a família passou por alguma mudança nos últimos dois anos.

1.Mãe – “Não”.

NÃO

Se a família passou por alguma mudança nos últimos dois anos.

2.Mãe – “Não”.

NÃO

Se a família passou por alguma mudança nos últimos dois anos.

3.Mãe – “Não”

NÃO

Se acham que o *projeto trouxe benefícios para o(a) jovem. Teve algo que possa melhorar o futuro dele(a)?

1.Mãe – “Trouxe, as pessoas que conhecem, sabem que ela é assim, bem interesseirinha de estudar (usa a palavra com conotação de interessada), eles traz informação para curso assim, e ela fica correndo atrás.”

SIM	Sim, informações para curso e ela fica correndo atrás.
-----	--

Se acha que o *projeto trouxe benefícios para o(a) jovem. Se teve algo que possa melhorar o futuro dele(a)?

2.Mãe – “Acho que trouxe e vai trazer muito ainda. Desde que está no projeto tem outra cabeça. Tem sonhos altos.”

SIM	“...trouxe a vai trazer muito ainda. Desde que está no projeto tem outra cabeça. Tem sonhos altos.”
-----	---

Se acha que o *projeto trouxe benefícios para o(a) jovem. Se teve algo que possa melhorar o futuro dele(a)?

3.Mãe – “Sim, de ouvir mais, de entender mais a realidade; dar mais valor. Ele me diz que tem menino que vem aqui para lancha porque não tem em casa. Passou a ver o que tem. Tem o que comer, o que vestir.”

SIM	Ouve mais, entende a realidade e dá mais valor ao que tem
-----	---

Se acham que o *projeto trouxe benefícios para a família.

1.Mãe – “Trouxe sim.”

SIM	
-----	--

Se acham que o *projeto trouxe benefícios para a família.

2.Mãe – “Trouxe porque trazendo para ela traz pra gente também, né?”

M- “Não diretamente? Para vocês não diretamente?”

2.Mãe – “Para ela, né.”

SIM	Trouxe porque trazendo para ela traz pra gente também
-----	---

Se acham que o *projeto trouxe benefícios para a família.

3.Mãe – “Também. Embora eu não participasse junto, do que ele está trazendo eu estou gostando.”

SIM	“Também. Embora eu não participasse junto...”
-----	---

Se fossem jovens qual projeto escolheriam? De que?

1.Mãe – “Tipo trabalho, cê quer dizer?”

1.Mãe – “Curso de computação.”

Curso de computação

Se fosse jovem qual projeto escolheriam.

2.Mãe – “Menos cuidar de criança. Alguma atividade.”

M- “Que atividade gostaria de treinar, de aprender ou de fazer?”

2.Mãe – “Manicure, pedicure. Cabelereira.”

Manicure, pedicure e cabelereira (respondeu para si e não para o jovem)

Se fosse jovem qual projeto escolheriam.

3.Mãe – “ Eu escolheria algo de aprendizagem, informática. Mas jovem é diferente.”

Algo de aprendizagem como informática (para si), mas acha que jovem é diferente.
--

Se acham que o *projeto trouxe benefícios para a comunidade.

1.Mãe – “Traz sim, muitos, para as crianças que vão para lá.”

SIM	“Traz ... muitos, para as crianças que vão lá.”
-----	---

Se acha que o *projeto trouxe benefícios para a comunidade.

2.Mãe – “Acho que traz. É outra coisa para a cabeça dos jovens. Muda o jeito deles agirem e de pensar na rua. Fica outra coisa.”

SIM	“...traz. É outra coisa para a cabeça dos jovens. Muda o jeito deles agirem e de pensar na rua.”
-----	--

Se acha que o *projeto trouxe benefícios para a comunidade.

3.Mãe – “ Trouxe benefícios de melhora do comportamento dele, da maneira de agir, da responsabilidade. Se outra pessoas de lá pudessem participar, sim. Não só os que foram presos. Tinha que ter orientação para não acontecer.”

SIM	O jovem mudou o comportamento e adquiriu mais responsabilidade. Acha que deveria ter projeto preventivo.
-----	--

Sugestões para os futuros projetos sociais.

1.Mãe – “Corte e costura para as mães.”

1.Tia – “Culinária. É o mais simples, né?”

Corte e costura para mães, culinária

Sugestões para os futuros projetos sociais?

2.Mãe – “Devia dar mais liberdade, devia dar mais chance. Devia ter mais projeto com chance para todos que querem fazer. Como se diz? Não sei nem responder.”

Mais liberdade, mais chance, mais projetos
--

Sugestões para os futuros projetos sociais?

3.Mãe – “ Algo para incentivar pais e adolescentes para participarem das orientações ou de palestras sobre drogas.”

Orientações e palestras sobre drogas com incentivo a participação dos pais.

Sobre o que acham que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens. O que acham que os jovens querem?

1.Mãe – “Quer saber, mesmo? Eles querem trabalhar.Mesmo estando lá no projeto, eles querem mesmo trabalhar.”

Trabalhar. Jovens querem trabalhar.

Sobre o que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens. O que acha que os jovens querem?

2.Mãe – “Estudo, faculdade que eles não podem ... pagar. Trabalho; projeto que dê trabalho.”

Estudo, faculdade, trabalho.

Sobre o que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens. O que acha que os jovens querem?

3.Mãe – “...para adolescentes tinha que ter ocupação, cursos para preencher o tempo. Projeto de primeiro emprego, encaminhamento para trabalho para os que já podem trabalhar. Cursos, orientação e profissão. Não só diversão: jogar bola, como eles gostam. Tinha que preparar para entrevista, dar orientação para trabalho e estudo.”

Ocupação e cursos para adolescentes; projeto de primeiro emprego, orientação e profissão.

O que acham que suas famílias querem para eles e para si.

1.Mãe – “Essa mesma coisa. Que eles trabalhem, que tenham o dinheirinho deles e que tenham responsabilidade.”

Trabalho, “dinheirinho deles... responsabilidade.”

O que acha que suas famílias querem para eles e para si.

2.Mãe – “Que ajude os filhos, com emprego, faculdade, escola. Que tire da rua, das drogas, dos crimes. Quanto mais atividade, menos crime vai ter.”

Ajuda para os filhos. Emprego, faculdade, escola. Que tirem das ruas, das drogas e dos crimes. Mais atividade

O que acha que suas famílias querem para eles e para si.

3.Mãe – “Para jovens querem o melhor: estudo e colocação que dê bom rendimento para eles. Digo: *quer ser peão ou patrão?* Até para ser peão tem que estudar. Tinha que ter cursos, espaços no mercado.”

Estudo e colocação que dê rendimento para os jovens; cursos e espaço no mercado.

O que a comunidade, todo mundo aqui, quer para os jovens e para quem nela vive.

1.Mãe – “Um lugar sossegado para morar. Uma casa para morar e para tirar os filhos dos lugares que a gente não aprova muito.”

Lugar sossegado para morar. Tirar filhos de lugares que não aprovam.

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

2.Mãe – “Mais escola, que são longe. Cursos.”

Mais escolas perto, cursos.

O que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?

3.Mãe – “ A mesma coisa. Que eles tenham ocupação e objetivo de vida. Para a nossa região, eles pediriam organização, controle. Moro numa praça que é mal vista porque é ponto de droga. Mas a polícia bate, ameaça e não resolve o problema. Hoje temos medo da polícia. Lá as pessoas dizem que o bandido de lá protege a nossa casa a polícia ninguém confia.”

Que os jovens tenham ocupação e objetivo de vida. Querem organização, controle dos espaços públicos e proteção da polícia.

Sugestões

1.

Cursos de corte e costura e culinária para as mães.

Sugestões

2.

Mais chances e projetos para todos que querem. (mais vagas)

Jovens

SELEÇÃO DE TRECHOS E ANÁLISE PARCIAL DOS DADOS DOS JOVENS POR RESPOSTAS

Ordem das respostas

1. Entrevista com jovem 1 (ONG de Comunicação/Cultura Negra)
2. Entrevista com jovem 2 (ONG de Comunicação/Cultura Negra)
3. Entrevista com Jovem 3 da Instituição do Projeto de L.A.
4. Entrevista com Jovem 4 de L.A.

Sobre como foi participar dos projetos: “ tinha uma fila enorme, fiquei 2 anos esperando. Foi maravilhoso porque eu ficava em casa, não fazia nada da vida, era comer, assistir Chaves e limpar a casa. Me incomodava isso. Meus primos e amigos, todos faziam parte e eu tentei até conseguir. Foi muito bom. Adoro gente nova, outros aprendizados ir à lugares que nunca tinha ido na minha vida.”

Sobre a escolha: “Fui eu que escolhi, minha mãe queria muito também.. eu ficava em casa e lá os jovens tinham muitas oportunidades.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

POSITIVA	“...maravilhoso... gente nova, outros aprendizados ir à lugares que nunca tinha ido na minha vida.”
----------	---

Sobre como foi participar dos projetos: “Foi muito enriquecedor. Hoje, com 20 anos, aprendi bastante coisa. Você cresce pessoal e profissionalmente. Tudo que já fiz e que já participei, como seminários de políticas públicas, essas coisas. A base que os educadores dão para a gente crescer, abrir a visão, ser mais crítico. Acho que a base da minha vida foram todos esses projetos; aonde eu vou, o que vou fazer, meu rumo.”

Sobre a escolha: “tava na escola e a professora me indicou esta ONG, que chamava... Ela falou: *olha vai lá!* Fui e fiz todos os cursos. Aí tava lá e a (Diretora atual da ONG) me convidou para o projeto e eu fui.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

POSITIVA	“...muito enriquecedor... aprendi bastante coisa. Você cresce pessoal e profissionalmente.”
----------	---

Sobre como foi participar dos projetos: “Está sendo muito legal porque dão várias oportunidade...Tipo museu, que eu nunca tinha ido. As entrevistas de emprego e a entrevista que eu fiz na TV Cultura e as reportagens de TV.” **Sobre a vinda:** “Juiz mandou...Estava internado há 7 meses e depois vim para cá.”

3. Projeto LA

POSITIVA	várias oportunidades
----------	----------------------

Sobre como foi participar dos projetos: “O de informática foi legal. Aprendi bastante coisa. Eu não tinha noção nenhuma. Aprendi a mexer no computador... e aqui no L.A., deixa eu ver, ah, foi bom também, né? Pude aprender.”

4. Projeto de Informática

POSITIVA	“O de informática foi legal. Aprendi bastante coisa. Eu não tinha noção nenhuma. Aprendi a mexer no computador...”
----------	--

4. Projeto LA

POSITIVA	“...foi bom também, né? Pude aprender.”
----------	---

Sobre a utilidade destes para os jovens: “ Para o meu crescimento e acho que mudou a minha vida completamente. Se não tivesse entrado..., se não tivesse acontecido, as pessoas que me incentivaram, que me deram uns toques, estaria como? Grávida, cheia de filhos? Pensar em você e também nos outros é importante.”

1.Projeto

SIM	“Para o meu crescimento e acho que mudou a minha vida completamente... Se não tivesse entrado no (nome da ONG), se não tivesse acontecido, as pessoas que me incentivaram, que me deram uns toques, estaria como? Grávida, cheia de filhos?”
-----	--

Sobre a utilidade destes para os jovens: “Para crescer como pessoa, como profissional. A cultura, que é o mais importante.”

2.Projeto

SIM	“...crescer como pessoa, como profissional.”
-----	--

Sobre a utilidade destes para os jovens: “Abrir a cabeça, tudo que já falei, te dá um olhar mais crítico; discernimento. Tira do mau caminho; dá para ele outros caminhos.”

3.Projeto LA

SIM	“...olhar mais crítico; discernimento.”
-----	---

Sobre a utilidade destes para os jovens: “o de L.A. serviu para parar de ficar na rua, assim ficar mais na manha, assim, conversei com a (técnica/profissional 6) bastante. O de informática também foi bom porque aprendi a mexer, a ter uma noção. A gente não sabia mexer em nada e agora tem uma noção.”

4.Projeto de Informática

SIM	“...foi bom porque aprendi a mexer, a ter uma noção.”
-----	---

4.Projeto LA

SIM	“...serviu para parar de ficar na rua, assim ficar mais na manha, assim...”
-----	---

Benefícios/mudanças sentidas: “Com certeza, muita. Acho que nasci para ajudar pessoas. Mas não conseguiria fazer sozinha. Foi com o projeto social que consegui. Descobrir seus dons, suas aptidões e gostos”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Com certeza, muita...Descobrir seus dons, suas aptidões e gostos.”
-----	---

Benefícios/mudanças sentidas: “Percebi. Antes eu era uma pessoa muito tímida, não falava. Ainda sou um pouco, mas hoje, se tiver que falar em público, mesmo com medo eu falo; me desafio. Fiz oratória e foi muito bom... Sim, tudo que citei. Discernimento, crítica, visão política. Querer sempre mais nos estudos; se desafiar. Ver que pode sempre mais no saber, no estudo”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Discernimento, crítica, visão política.”
-----	---

Benefícios/mudanças sentidas: “Com certeza...“Mudança de caráter, de pensamento...De caráter porque só pensava em balada, curtir. Não tinha muita responsabilidade...Agora penso em crescer.”

M-“Você falou dos benefícios do projeto para você. Teve algo que possa melhorar o seu futuro? Você me falou das oportunidades. Como isso pode melhorar o futuro?”

“Se uma dessas oportunidades der certo pode melhorar o futuro cem por cento. Fiz um teste na TV Cultura para trabalho, se eu conseguir, ah!...Quero ter família, minhas coisas.”

3. Projeto Instituição do Projeto de L.A. LA

SIM	Com certeza...“Mudança de caráter, de pensamento...”
-----	--

Benefícios/mudanças sentidas: “Antes eu ficava na rua, agora não fico muito. Fico mais na manha.”

4. Projeto de L.A.

SIM	Não fica na rua e comportamento mudou.
-----	--

Benefícios trazidos para a família: “Benefícios? Além da cesta básica que ajudava muito, o outro benefício **foi de maior proximidade entre a família**. Eu me aproximava mais deles, embora eles fossem difícil. Eu contava dos passeios, do que fazia no projeto. **Se tivesse que ajudar um amigo a convencer a família a deixá-lo participar de um projeto:** “... Primeiro eu ia ver se o projeto valeria a pena eu ir até a casa da família incentivar, depois falaria da minha história, do que eu era e do que sou.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Além da cesta básica que ajudava muito, o outro benefício foi de maior proximidade entre a família.”
-----	---

Benefícios trazidos para a família: “**Cem por cento, não. Mas eu sou o canal.** Nestes anos, depende de mim, de querer ajudar a família a se desenvolver mais. Tenho feito o que posso, mas não é fácil. Mudar conceitos da família,... querer que façam o que nunca fizeram.” **Se tivesse que ajudar um amigo a convencer a família a deixá-lo participar de um projeto:** “Diria primeiro a minha experiência, sei lá. Do meu contato com o grupo, com os professores, com o projeto. Diria que seria bom para a vida dele pessoal e profissional. Bom para o futuro. Qualquer coisa é melhor do que a rua, do que ficar em casa vendo televisão.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM E NÃO	“Cem por cento não. Mas eu sou o canal... mas não é fácil.”
-----------	---

Benefícios trazidos para a família: “Através de mim, benefícios para eles também.”

M-“Quais para a tua família?”

“Difícil essa.”

Se tivesse que ajudar um amigo a convencer a família a deixá-lo participar de um projeto: “Para eles incentivarem ao máximo porque é bom e pode ajudar o futuro.”

3. Projeto LA

SIM	“Através de mim.”
-----	-------------------

Benefícios trazidos para a família: “Foi bom porque eu passei a ouvir mais eles, né? Dar mais valor, estar trabalhando.”

4. Projeto LA

SIM	“Foi bom porque eu passei a ouvir mais
-----	--

	eles, né? Dar mais valor, estar trabalhando.”
--	---

Dificuldades vividas no projeto: “Tive sim. Porque quando eu entrei eu não gostava muito do projeto que eu fazia... Mas já no curso tive muita dificuldade, embora eu não fosse tímida, tinha muita dificuldade de falar, era difícil falar, se expor”

M-“ Vocês não concordavam com algumas coisas? Por exemplo? Esta pesquisa pode servir para futuros projetos sociais, então que coisas acha que não devem acontecer?”

“Ah, impor demais, não podia ir com brinco, tinha que ir com uniforme sempre. A gente produzia muito, só produzia. Tinha os pedidos de (produtos que faziam)...bolsa de uns trinta Reais, não dá para nada, e no outro R\$140,00 e uma cesta básica. Aí os jovens ficam lá só sentados, discutindo (era uma formação intelectual mesmo) e a gente fica aqui só produzindo e cadê? Nem bolsa direito a gente recebe. Isso causou certo desconforto. Fiquei pouco, mas com certeza teria reclamado se ficasse só produzindo sem me desenvolver.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Tive sim...eu não gostava” (bolsa com valor pequeno, pouca possibilidade de desenvolvimento e cobrança por produção.
-----	---

Dificuldades vividas no projeto: “Sempre tem, de entendimento. A minha maior dificuldade era de entendimento das coisas. **Com a família**, você passa o dia todo nos projetos... você sabe que é uma coisa boa, mas eles **querem que fique em casa**, perto. Mãe é que nem galinha, quer os pintinhos tudo perto. Dificuldade de relacionamento no grupo nunca tive.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Sempre tem, de entendimento... Com a família, você passa o dia todo nos projetos... você sabe que é uma coisa boa, mas eles querem que fique em casa.”
-----	---

Dificuldades vividas no projeto: “Teve na escola. Fazer as amizades. Não é fácil as pessoas ficarem sabendo da L.A. Porque você faz LA, elas ficam curiosas. Aí tive certa dificuldade na escola, mas já passou.”

M- “Teve algo que você fez para melhorar isso? Como enfrentou o fato de ficarem curiosas?” “ Ah Conversando.Falo o que aconteceu, que não é bem assim do jeito que falam”

3. Projeto LA

SIM	“Teve na escola. Fazer as amizades. Não é fácil as pessoas ficarem sabendo da L.A”
-----	--

Sobre as dificuldades familiares durante a participação no projeto: “Teve, muito grande. Atrapalhou muito a minha vida e a de todo mundo lá de casa. Foi quando o meu pai teve câncer. Foi muito, muito difícil e também porque ele bebe muito até hoje... Desde que me conheço por gente, que

ele bebe. Mas quando teve câncer foi muito difícil, fez quimioterapia... Há us três anos.” **Como superaram:** “ A gente teve que ter muita força...”

M- “Dificuldade de relacionamento na família não teve?”

“Família sim. Não com o grupo assim. Sempre quis fazer tudo e minha mãe fala: *ah, só vem para casa para dormir, que é hotel.* Acho que justamente isso. **Acho que a gente acaba tendo outra base que eles não têm.** Pode ajudá-los a decidir. **Temos outra visão de mundo.** Ajudar a família nas pequenas coisas, nas decisões, nas mudanças; ajudar a criar os outros filhos.

Se estar no projeto facilitou ou dificultou algo: “ Facilitou...**conversas no grupo sobre família.** Toda segunda tinha **grupo com a psicóloga e os jovens** numa roda para **discutir sobre a família, sobre os problemas, então me facilitou muito porque eu via que não era só eu que tinha esses problemas dentro de casa; que outros jovens também tinham. Além de aproximar mais o grupo de jovens e com os educadores também.** Eu via que não era só na minha casa; que **tinha outros com problemas graves, de abuso dentro da família. Na época que tava o câncer também o pessoal deu a maior força, a gente conversava.**”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Teve, muito grande.” Câncer do pai. “Ele bebe, fez quimioterapia.”
-----	---

Sobre as dificuldades familiares durante a participação no projeto: M- “Você teve dificuldades familiares durante a participação no *projeto, além de você querer ficar no projeto e sua mãe reclamar?”

“Não, fora isso não. Além do que te falei por não ficar em casa, não. Fora minha mãe às vezes separa e volta com o marido e teve um tempo desempregada um período, não. Minha prima uma vez fugiu de casa. Nada muito grave, que tenha abalado a família.”

Se estar no projeto facilitou ou dificultou algo: “Ah, assim por já estar acostumada com separação, eu sempre tentava passar para a minha mãe. Eu passava o outro lado que eu via no marido dela, ele não tava ajudando no crescimento dela.”

M- “E essa visão tem a ver com o projeto?”

“É. Antes eu não tinha.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	Além da mãe reclamar por ficar no projeto, não. Houve separação da mãe mais de uma vez.
-----	--

Sobre as dificuldades familiares durante a participação no projeto: “Nenhuma.”

Se estar no projeto facilitou ou dificultou algo: “Facilitou? Não, normal.”

3. Projeto LA

NÃO	Nenhuma.
-----	----------

Sobre as dificuldades familiares durante a participação no projeto: “Não.”

4. Projeto LA

NÃO	O jovem não identificou dificuldades, e quando perguntei se havia morrido alguém, relatou três mortes de familiares em um curto período de tempo.
-----	---

Realizaram atividade para as famílias dos jovens? “Sim,... sempre tinha reuniões com os pais, informavam... projetos com mães e pais, mas minha mãe trabalhava. Nos projetos que eu participei o público era outro”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Sim,... sempre tinha reuniões com os pais, informavam...”
-----	--

Realizaram atividade para as famílias dos jovens? “Bem específicas. Um jantar, uma vez, que foi todos os pais, reuniões de pais. Só, nada além.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Bem específicas. Um jantar, uma vez, que foi todos os pais, reuniões de pais. Só, nada além.”
-----	--

Realizaram atividade para as famílias dos jovens? “Não. Até agora não. Só foram visitar a casa e conhecer a família.”

3. Projeto de L.A.

NÃO	Não. Até agora não. Só foram visitar a casa e conhecer a família
-----	--

Realizaram atividade para as famílias dos jovens? “Ah. Eu acho que não.”

4. Projeto de L.A.

NÃO	“... Eu acho que não.”
-----	------------------------

Sobre mudanças na família nos últimos dois anos: “ Sim. Deste olhar para mim como uma adulta. **Sobre mudanças para o jovem:** “Para mim foi autonomia, sentia mais livre para fazer as minhas coisas.” **Sobre mudanças na escola:** “Nunca fui boa aluna, não vou mentir; só quando queria e nas matérias que gostava...Mas os professores olhavam pra gente do projeto diferente (sorrindo). Aí a gente se comportava melhor, até porque a gente tinha contato com a escola também. Diziam “Ah, você faz o jornal.”... “Admiravam... valorizavam, mas gerava certa rixa na sala. A gente falava com diretor e olhava diferente, se a gente fazia alguns eventos.” **Outros grupos dos quais a família participa:** “Só vizinhos e os (da mesma terra natal)que moram lá perto... Antes do Projeto eu participava da igreja, era católica, mas saí. Minha mãe ficou até com raiva. Toda a família é católica. Mas no projeto eu comecei a estudar a ver outras religiões e crenças. Minha mãe não aceitava e eu dizia: *Não acredito em Deus* e minha mãe ficava louca, e toda a família é católica. Quando você cria certa autonomia é assim, né?”

M-“ Teve algo que mudou nas relações sociais da tua família?”

“Não. Continuou igual”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	“Sim, deste olhar para mim como adulta... Autonomia, sentia mais livre... professores olhavam diferente...Aí ...se comportava melhor.” Admiravam, valorizavam. “era católica, mas saí... comecei a estudar e ver
-----	--

	outras religiões e crenças. Minha mãe não aceitava...”
--	--

Sobre mudanças na família nos últimos dois anos: “Radical, não. A minha mãe está um pouco mais compreensiva com as coisas: *ah, tá bom, vai, vou aceitar que você está assim, que você tá mudando.* Tem aceitado mais. Mas não tem cem por cento de entendimento.” **Sobre mudanças para o jovem:** “Sim. De interferência nas amizades.” **Sobre mudanças na escola:** “Sim, de querer sugar tudo que os professores passavam; de fazer mais amizades. Beber da mesma fonte (comparando o projeto com a escola)” **Outros grupos dos quais a família participa:** “Sim, participo ativamente da Igreja, sou Católica.”

M- “É você ou sua família?”

“Ativamente eu, assim. Minha família vai de vez em quando. Minha mãe vai às vezes e a família também.”

M- “Desde quando?”

“Acho que tem uns sete anos já.”

M- “Desde 2000?”

“De cinco anos para cá.”

M- “Sua família convive com outras pessoas? Com vizinhos, com a Comunidade?”

“Convivemos com os vizinhos de um lado e de outro.”

M- “Isso, de se relacionar com as pessoas que estão em torno, você acha que mudou?”

“Não, tá igual.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

SIM	Radical, não. A minha mãe está um pouco mais compreensiva, mas não tem cem por cento de entendimento. Na escola, sim, de querer sugar tudo o que os professores passavam, de fazer amizades.
-----	--

Sobre mudanças na família nos últimos dois anos: “minha família. Sim por causa que tinha uma irmã minha que morava aqui e foi morar com o meu pai em Minas Gerais. Fora a que vai nascer agora.” **Sobre mudanças para o jovem:** “Mudei de escola... Porque não tinha vaga para mim lá. Eles disseram que não tinha vaga. Procurei outra escola.” **Sobre mudanças na escola:** “Mudei de escola...”

Outros grupos dos quais a família participa: “De vez em quando vou a igreja.”

M- “E sua família vai à igreja?”

“Minha mãe é evangélica... Há 4 anos.”

M- “A sua família se dá com os vizinhos, convive com outras pessoas? Como é?”

“Os vizinhos vai em casa ela vai na casa dos vizinhos.”

M- “Antes de vir para o projeto a sua mãe já era evangélica? Convivia bastante com os vizinhos?”

“Já”

M- “Teve algo que mudou?”

“Não. Só eu que mudei bastante os amigos. Deixei de ter umas amizades, fiz outros novos.”

3. Projeto de L.A.

SIM	Sim, uma irmã foi embora e vai nascer (outra irmã). “Mudei de escola..., de vez em quando vou à igreja. Eu mudei bastante os amigos. Deixei de ter umas amizades...”
-----	--

Sobre mudanças na família nos últimos dois anos: “Morreu uma tia e depois de um ou dois anos morreu a minha outra tia. Depois morreu o meu primo.”

M- “Quando?”

“ de 2004 para 2005 morreu de acidente a tia.”

M- “ Irmã de quem?”

“ Da minha mãe.”

M- “E depois disso morreu a tia que era irmã de...”

“ Da minha avó, que era minha tia-avó.”

M- “Morava também lá?”

“ Não. Só que ficava muito lá também. A gente saía para trabalhar e ela ficava sozinha. Ficava muito lá em casa.”

M- “ Esse primo que nasceu é filho de quem?”

“ Da minha outra tia, irmã da minha mãe também.”

M- “ Nasceu quando? Que idade tem?”

“ De 2004 prá cá.”

M- “ Ele mora com vocês? No quintal também?”

“ Não. Mora com minha tia, mas fica bastante lá em casa também.”

Outros grupos dos quais a família participa: “Ruim (referindo-se a medida judicial) é que quero sair e também não posso. Tem festa e não posso ir. Minha mãe fala ‘Poxa, você tá nesta situação e não pode sair. ‘Meus primos saem e eu não posso ir também.’”

4. Projeto de L.A.

Sim	Reduziu o contato com os primos, no período noturno (nas festas) em função da medida judicial.
-----	--

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Cultura, esporte., informática, música..?

M- “ Que projeto vale a pena?

“Primeiro que pense no você, no desenvolvimento intelectual, ético, que fale sobre você, sobre seus valores; que incentive a pensar; que é o que usamos no Projeto de Comunicação/Cultura Negra; que não seja um robzinho igual produzir papel e pronto; fazer um artesanato e pronto. E a família? E ele?”

M- “Se fosse o amigo qual projeto escolheria?”

“O de comunicação”

Se o projeto trouxe benefícios para a comunidade: “ Com certeza. **Primeiro para os 20 jovens que participavam, depois o que refletiu nas famílias e na comunidade também.** A gente deu uma certa movimentada. O jornal era uma novidade e ia para casa de todo mundo. Eram **7.000 exemplares na casa de todo mundo.** Às vezes não liam, comunidade precisa de incentivo à leitura, mas recebiam. Para nós era... Ah esqueci de contar que fizemos cinema comunitário no boteco do meu pai; a gente exibia filme e discutia. Momento legal na comunidade. Uma vez fizemos um documentário sobre a comunidade, filmamos a pelada dos meninos; colocamos o telão no campinho da comunidade, na rua e o pessoal se vendo na tv.”

M- “O que refletiu na família desses 20 jovens?”

“Esse olhar para ele como diferente, como aconteceu comigo. Que embora a família não demonstre, saiba que ele está sendo beneficiado para o bem.”

Sugestões: M- “Você tem sugestões para os futuros projetos sociais?” “Todo projeto social, sem exceção, tem que trabalhar com educação. Eu particularmente gosto da educomunicação, que é a

educação pela comunicação; que é usar os estímulos da comunicação para você educar. No jornal tinha todo o desenvolvimento antes: as reuniões, as pautas, as entrevistas e trabalhava o eu.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Todo projeto social, sem exceção, tem que trabalhar com educação...gosto da educomunicação...educação pela comunicação”

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Cultura, esporte., informática, música..?

M- “Se fosse o amigo qual projeto escolheria?”

“Vou puxar a sardinha. Comunicação é a base. Dança e expressão corporal também ajuda muito. Que tenha sempre com os eixos, que agora a gente trabalha aqui, formação pessoal, profissional, a ética, cidadania. É a base. Todos esses projetos, no de comunicação é esta a base.” **Se o projeto trouxe benefícios para a comunidade:** “Muitos. Todos esses projetos eu via mudança na comunidade. Mas também é muito difícil de tirar a visão da comunidade. A comunidade vê a ONG com visão assistencialista. Mas só ter o **projeto social para a pessoa da família já é bom.**”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Comunicação é a base. Dança e expressão corporal também ajuda muito. Que tenha sempre com os eixos, que agora a gente trabalha aqui, formação pessoal, profissional, a ética, cidadania.”

Que tipo de projeto tem lhe parecido mais útil e atraente neste sentido? Cultura, esporte., informática, música..?

M-“Se fosse o amigo qual projeto social escolheria?”

...“Primeiro emprego...Porque através daí vem as oportunidades.” **Se o projeto trouxe benefícios para a comunidade:** “Se as pessoas da comunidade participarem, vai trazer.”

3. Projeto de L.A.

...“Primeiro emprego”

Sugestões: “Tinha que ter mais oportunidade de cultura, esporte e cursos profissionalizantes, que está difícil.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“...mais oportunidade de cultura, esporte e cursos profissionalizantes...”

Sugestões: “**Mais coisas voltadas para a família**, grupal assim, com a família, e para a comunidade. Atividades grupais que envolviam diretamente, não só indiretamente. Que nem, assim, no meu caso atinge bastante, mas sei lá... o relacionamento da ONG com a família, aproximar.

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Mais coisas voltadas para a família, grupal assim, com a família, e para a comunidade... o relacionamento da ONG com a família, aproximar.”

O que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens? “Não sei.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Não sei.”

O que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens? O que ta em alta é a Dança, informática, línguas. Cursos assim. Os outros como o de Comunicação, são complexos; acho que eles acham que não dão resultado. Querem algo que dê resultado no mercado de trabalho, sei lá informática.

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Querem algo que dê resultado no mercado de trabalho, sei lá informática.”

O que acha que a população necessita/diria em relação aos projetos sociais voltados para os jovens? “Onde eu moro diriam bastante oportunidade de emprego.”

3. Projeto de L.A.

“...oportunidade de emprego.”

O que acha que os jovens querem? “Generalizando, a maioria, infelizmente, quer projeto para ganhar a bolsa. Alguns fazem de tudo para entrar só por causa da bolsa.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“...ganhar a bolsa.”

O que acha que os jovens querem? “Dinheiro! (risada). Projetos que tenham bolsa, que seja fácil; tudo na mão, que não precise de ler muito, querem tudo mastigado. Temos que mudar esta visão. Tem que correr atrás das coisas.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Dinheiro! (risada). Projetos que tenham bolsa, que seja fácil; tudo na mão, que não precise de ler muito...”

O que acha que os jovens querem? “Depende. (ri)do jovem. Alguns só curtir; outros trabalho; outros constituir família; outros querem sair de casa, não suportam mais os pais.”

3. Projeto de L.A.

“Alguns só curtir; outros trabalho; outros constituir família; outros querem sair de casa...”

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si? Fora trabalho, o que as famílias querem para eles? “A família pensa em ocupar o tempo do jovem, seja qual for a atividade, para não se envolver com drogas, roubos. Automaticamente não vai ser vista como uma família com alguém que está preso...” M-“A imagem da família?” “É.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

Trabalho. “... ocupar o tempo do jovem, seja qual for a atividade, para não se envolver com drogas, roubos.”

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si? Fora trabalho, o que as famílias querem para eles? “Se for contar com ONG.. não sei..Estabilidade. Cursos para que os filhos sejam o que não foram. Cursos para os pais nos horários que possam. Algumas ONGS têm, mas aí os pais dizem que trabalham, criam empecilhos.”

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Estabilidade. Cursos... que os filhos sejam o que não foram.”

O que acha que suas famílias querem para eles (jovens) e para si? Fora trabalho, o que as famílias querem para eles? “Minha família espera bastante responsabilidade de mim. Para elas, precisam de harmonia. O jovem quer uma coisa e a família quer outra. Eu quero esporte e a família quer outra coisa. Família acha que não dá futuro.” “ M- O que você acha que a sua família quer que você faça.” “Ela me apóia em tudo que eu fizer.” M-“Então não é a sua família. São outras famílias que você vê que o jovem quer uma coisa e família não apóia?.” “É. Muitos jovens querem jogar futebol ou basquete e a família acha que não dá futuro.”

3. Projeto de L.A.

“...espera bastante responsabilidade de mim. Para elas, precisam de harmonia. O jovem quer uma coisa e a família quer outra. Eu quero esporte e a família quer outra coisa.”

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive? “Reconhecimento, mostrar o outro lado da comunidade, o lado do bem. Não tem só coisas ruins.”

1. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Reconhecimento...”

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive? Um futuro melhor, com oportunidades melhores. Tirar o jovem do tráfico, que é para onde agente perde, né as ONGS, pro tráfico. Da ONG, que façam um trabalho bem feito.

2. Projeto De Comunicação/Cultura Negra

“Um futuro melhor, com oportunidades... Tirar o jovem do tráfico...”

E a comunidade, o que você acha que a comunidade quer para os jovens e para quem nela vive?
“Querem jovens certinhos, caretas. Isso ta difícil.”

3. Projeto de L.A.

“Querem jovens certinhos, caretas.”

Resumo da entrevista aberta com E., familiar do jovem 5.

E. apesar de pouco segura, mostra ter muito cuidado com os filhos e evita que estes fiquem na rua. Impõe regras claras quanto à isso e apenas quando o filho fez 12 anos, passou a deixá-lo participar de festas de rua, até certo horário e com conhecidos. Não fala abertamente sobre as drogas, mas quando questionada demonstrou ser esta sua principal preocupação. Considera os cursos dos quais os filhos participaram (administração e preparação para o primeiro emprego) muito bons. Agradece a Deus tal oportunidade, uma vez que pagava só a condução e que considera difícil conseguí-los. Sobre projetos sociais acredita que seriam bons para desenvolvimento dos filhos (para melhorar a timidez de um deles e fortalecer a massa muscular da filha). Espera o Centro esportivo e educacional ficar pronto e acredita que as piscinas e atividades serão boas para as crianças que precisam de mais lugares de lazer. Há parques na região, considerados bons, mas é necessário que as crianças sejam acompanhadas.

Apontou também que existem apenas duas escolas, o que é pouco, mas que a dos filhos melhorou bastante no que se refere a uso de drogas. Acredita que seja necessário hospital, cinema, atividades os quais seja fácil o acesso.

Resumo da entrevista aberta com familiares de jovem: EB, seu filho, vizinha e comadre.

A entrevista iniciou-se com EB, na sala de sua casa, e ao final, chegou seu filho mais velho, uma comadre e outra vizinha, que ouvindo sobre o assunto decidiram opinar.

Os filhos de EB, já adultos participaram de projetos sociais na escola, onde fizeram futebol, informática, artesanato, capoeira e teatro. Fala que os filhos lamentam não poder mais fazer tantas atividades, uma vez que hoje trabalham. Eles gostam de lembrar dos projetos, onde aprendiam coisas novas todos os dias.

EB participava de atividades voluntárias nos projetos e acompanhava o desenvolvimento dos filhos. Fazia merenda, pintura e outras atividades.

Todos os filhos terminaram a escola e estão trabalhando.

Para EB os projetos são bons para saberem mais, para conviverem uns com os outros, serem responsáveis no que fazem e para crianças e jovens entenderem o que é bom para eles e para todo mundo; que são bons para a convivência. Considera os projetos importantes para tirar os jovens da rua, para terem o que fazer, para terem juízo e não fazerem nada errado; para terminarem as coisas e terem responsabilidade no trabalho.

EB acha que as famílias precisam ser mais unidas e ter mais apoio da sociedade: trabalho para os pais e portas abertas para o que a família precisa. Os mais velhos têm dificuldade de conseguir emprego. Considera que trabalho é saúde; é viver. Para a comunidade, acredita que o aumento de participação já vem ocorrendo, que já tem a creche, o projeto social que os filhos participaram, a associação para procurar serviço, e que haverá o centro educacional e esportivo.

A comadre salienta que precisa de lugar para pagar as contas sem precisar de condução, já que o acesso é difícil para quem não tem dinheiro para se deslocar. Acha que se tiver lugar para fazer ginástica, um clube para encontro, inclusive para terceira idade, pode melhorar a vida na comunidade.

Os netos de EB fazem computação na escola, em um projeto para a família.

A comadre falou sobre a importância dos projetos, dizendo que um desses tirou um jovem que vivia fazendo coisa errada, da rua. Disse ser um projeto de dança e axé, que tem campeonatos, mas também tricô, bordado.

Falaram da importância de participar da vida dos filhos e não só dar bronca; de possibilitar que façam atividade que gostam (futebol, dança), e que os pais precisam saber onde estão.

Discutiram a violência doméstica, falaram também da revolta diante das brigas e agressões dentro de casa e da criação no meio de gritos e palavrões; da falta de diálogo, das mulheres que apanham, das ameaças de morte, do abuso de álcool, da necessidade das mulheres trabalharem e de não permitirem as agressões.

Para o filho de EB o projeto social chega à família, pois acredita que tenha muito jovem que precisa de incentivo cultural e esportivo para sair do crime. Considerava o bairro mais perigoso neste sentido e acha que o pouco de projeto que tem já está ajudando. Citou casos de jovens provavelmente envolvidos com drogas e crimes. Vê que alguns pais se interessam em ajudar, mas outros não. Pensa que a falta de experiência do jovem contribui para que entre para o crime; que falta emprego e oportunidade de aprender. Falou da postura

ruim do jovem na sala de aula e da falta de participação de alguns pais; “que muitos chegam cansados e não sabem dos filhos.” Para ele falta expectativa de futuro para os jovens.

Resumo da entrevista aberta 5 com Jovem 5.

A fez cursos profissionalizantes, subsidiados por instituições privadas em parceria com instituições públicas. Não conhece em detalhes outro tipo de projeto social ou uma iniciativa que não seja curso, que tenha dado certo em seu bairro. Nos cursos que realizou havia vaga para adultos, e seu pai, que tem um pequeno comércio, realizou um destes por sua influência.

Achou seus cursos produtivos: aprendeu bastante. Precisa e quer emprego, pois acha que é oportunidade de crescer.

Sugere alfabetização para adultos e para idosos, já que muitos têm dificuldade de se locomover sozinhos. Acha importante ter atividades para tirar as crianças da rua: aula e futebol.